

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO E DOUTORADO)

SARAH SORRILHA SOUZA

GÊNERO CARTA ABERTA: REGULARIDADES LINGUÍSTICO-ENUNCIATIVAS EM
SITUAÇÃO DE VESTIBULAR

MARINGÁ – PR

2021

SARAH SORRILHA SOUZA

**GÊNERO CARTA ABERTA: REGULARIDADES LINGUÍSTICO-ENUNCIATIVAS
EM SITUAÇÃO DE VESTIBULAR**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Neil Armstrong Franco de Oliveira

MARINGÁ- PR

2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

S729g

Souza, Sarah Sorrilha

Gênero carta aberta : regularidades linguístico-enunciativas em situação de vestibular / Sarah Sorrilha Souza. -- Maringá, PR, 2021.
116 f.: il. color.

Orientador: Prof. Dr. Neil Armstrong Franco de Oliveira .
Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2021.

1. Linguística aplicada. 2. Gênero discursivo - Carta aberta - Vestibular. 3. Bakhtin, Mikhail Mikhailovitch, 1895-1975 - Linguagem. I. Oliveira , Neil Armstrong Franco de , orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 23.ed. 418

SARAH SORRILHA SOUZA

**GÊNERO CARTA ABERTA: REGULARIDADES LINGUÍSTICO-
ENUNCIATIVAS EM SITUAÇÃO DE VESTIBULAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: **Estudos Linguísticos**.

Aprovada em **30** de **agosto** de **2021**.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio
Membro do Corpo Docente
(UEM/PLE)



Profª Drª Adriana Delmira Mendes Polato
Membro Convidado UNESPAR – Campo Mourão-PR



Prof. Dr. Neil Armstrong Franco de Oliveira
Membro do Corpo Docente (UEM/PLE)

*Dedico este trabalho ao meu pai Enivaldo Souza (in
memorian). A dor da saudade é, também, a força que
impulsiona minha trajetória.*

AGRADECIMENTOS

Foram muitos os desafios que encontrei pela frente quando decidi estudar sem deixar de cumprir outras funções como professora, filha, mãe, esposa (ainda mais quando as duas últimas surgem inesperadamente pelo caminho). Aliás, aproveito o momento para parabenizar todas as mulheres pesquisadoras que escolheram navegar por esse mar de aventuras e descobertas que é a pesquisa. É uma luta diária para nós, mas com certeza conta muita história de superação, e reafirmações pessoais e profissionais. Essa minha trajetória no mestrado tem também muito amor envolvido. E tudo só foi possível graças a pessoas que me estenderam a mão e acreditam em mim. Por isso, minha gratidão...

A Deus, por me amar tanto e guiar meus passos até aqui.

Ao meu pai Enivaldo (*in memoriam*) que plantou em mim a sementinha do conhecimento. Ele foi o primeiro e maior incentivador para que eu me formasse em Letras e depois trilhasse os caminhos da pesquisa. Não mediu esforços para me educar da melhor forma possível e me ensinou que o estudo muda a vida das pessoas. Quanto orgulho ele teria de me ver aqui! Quanta saudade!

À minha mãe, Clarice, que deu continuidade ao legado, me acompanhou em todas as idas e vindas de Maringá a Terra Rica. Me incentivou quando eu, grávida, pensei em desistir. Me acolheu com amor e confiança. Me ensina todos os dias, pelo seu próprio exemplo, a ser forte, a batalhar pelos meus sonhos. Mãe, você e meu pai são a base de toda esta trajetória. Obrigada!

À minha filha Liz Yumi, por ser o sopro de vida que alegrou o meu caminho. Ela trouxe luz aos dias que antes pareciam nublados. Obrigada, filha, por ter estudado com a mamãe durante os nove meses de gestação, e agora por contribuir com sua participação tão espontânea a cada reunião e orientação online. Você impulsiona a minha caminhada!

À toda minha família, que sempre me apoiou no percurso do Mestrado, especialmente ao meu esposo Wellington, meu irmão Sandro, minha tia Siley e minha tia Márcia.

Ao professor Dr. Neil Armstrong Franco de Oliveira, especialmente, minha gratidão, admiração e respeito. Agradeço pelas orientações, pela acolhida, pela compreensão nos momentos difíceis, pela confiança em meu trabalho e pelos ensinamentos que vão além da academia, os quais levo comigo para a vida. Um profissional e ser humano excepcional!

Aos professores Dr Juliano Desiderato Antonio e Dr^a. Adriana Delmira Mendes Polato, que aceitaram participar da banca examinadora do Exame de Qualificação e defesa pública e foram fundamentais para o fechamento da pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), pela partilha de conhecimentos durante as disciplinas.

Às minhas amigas Amanda, Denise, Luana, Michelli, Yasmim e Yohana, por comemorarem meu ingresso no Mestrado, pelo incentivo durante o percurso, e por serem parceiras, mesmo com a distância.

À Amanda Motta, pelo tempo dedicado à minha filha, para que eu pudesse trabalhar e estudar.

Aos amigos, companheiros do grupo de pesquisa GEDI, em especial, Rafael, Thiago e Flaviane pelo apoio, instruções e compartilhamento de ideias.

Aos meus amigos e diretores Joás Ferreira e Melissa Soletti, por todo encorajamento, conhecimento compartilhado e compreensão em dias que tive que me ausentar.

Ao Colégio Passo a Passo e à escola de idiomas CCAA, por terem aberto as portas para mim, por contribuírem significativamente na minha formação enquanto professora e por confiarem no meu trabalho.

A todos que, direta ou indiretamente, mostraram acolhimento e torceram por mim durante este período. Sou eternamente grata!

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo geral verificar as regularidades do projeto linguístico-enunciativo do gênero carta aberta em textos produzidos em situação de vestibular, sem perder de vista a finalidade desempenhada por esse gênero na sociedade. A escolha pelo referido gênero justifica-se pela notoriedade que a carta aberta tem tomado como recurso para manifestações e reivindicações em torno de diferentes temáticas sociais, bem como sua recente inclusão em proposta para redação de vestibulares em instituições de ensino superior, que visam trabalhar com os gêneros discursivos relevantes para a vida acadêmica. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, enquadrada no paradigma interpretativista, configurando-se metodologicamente como uma análise documental. Circunscreve-se nos contornos das Ciências Humanas e da Linguística Aplicada sócio-histórica de base dialógica, tendo como principal alicerce teórico os escritos do Círculo de Bakhtin (1976 [1926], 2003 [1952-1953], 2018 [1929]). Adotam-se as orientações propostas pelo método sociológico do Círculo, ao compreender e interpretar os enunciados como uma realidade imediata de manifestação da língua(gem), por isso, focalizam-se, essencialmente, os sujeitos e os recursos linguístico-enunciativos empreendidos na constituição dos textos produzidos por meio do gênero discursivo em suas dimensões sociais e verbais. O *corpus* de análise é composto por 36 (trinta e seis) textos produzidos por candidatos do vestibular de Verão da UEM de 2019, com base no gênero carta aberta, em resposta a uma coletânea de textos motivadores e a contexto e comando de produção, tendo como proposta temática a proibição de canudos plásticos em estabelecimentos comerciais. O processo analítico buscou, primeiramente, compreender as condições de produção que orientam a produção de texto a partir do gênero solicitado, para, em seguida, proceder a identificação de características do gênero em foco, a saber: a responsividade dos candidatos/produtores em relação a essas condições; a interlocução marcada e esperada como projeto discursivo da carta aberta; e as regularidades linguístico-enunciativas desse gênero em situação de vestibular – itens que compreendem os objetivos específicos propostos para a pesquisa. Dentre os resultados obtidos, chega-se a algumas constatações sobre alterações do gênero provocadas pelo deslocamento do seu campo de atividade humana convencional, o jornalístico, para uma situação escolar, especificamente o contexto de produção textual em vestibular, bem como permitem-se reflexões sobre a complexa relação entre os gêneros discursivos e seu deslocamento para o processo de ensino e aprendizagem de língua materna.

Palavras-chave: Linguística Aplicada. Círculo de Bakhtin. Gênero do discurso. Carta aberta. Vestibular. Regularidades linguístico-enunciativas.

ABSTRACT

The present research has as general objective to verify the regularities of the linguistic-enunciative project of the open letter genre in texts produced in university entrance exams, without losing sight of the purpose performed by this genre in society. The choice for this genre is justified by the notoriety that the open letter has been used as a resource for manifestations and claims around different social themes, as well as its recent inclusion in a proposal for writing entrance exams in higher education institutions, which aim to work with the discursive genres relevant to academic life. It is a qualitative research, framed in the interpretivist paradigm, methodologically configuring itself as a documental analysis. It is circumscribed in the contours of the Human Sciences and of the socio-historical applied linguistics with a dialogical basis, having as its main theoretical foundation the writings of the Bakhtin Circle (1976 [1926], 2003 [1952-1953], 2018 [1929]). The guidelines proposed by the sociological method of the Circle are adopted, when understanding and interpreting utterances as an immediate reality of manifestation of the language, therefore, the focus is essentially on the subjects and the linguistic-enunciative resources undertaken in the constitution of texts produced through the discursive genre in its social and verbal dimensions. The corpus of analysis is composed of 36 (thirty-six) texts produced by candidates for the 2019 UEM Summer entrance exam, based on the open letter genre, in response to a collection of motivating texts and the context and production command, having as thematic proposal the prohibition of plastic straws in commercial establishments. The analytical process sought, firstly, to understand the production conditions that guide the production of text from the requested genre, and then proceed to identify the characteristics of the genre in focus, namely: the responsiveness of candidates/producers in relation to these conditions; the marked and expected dialogue as a discursive project of the open letter; and the linguistic-enunciative regularities of this genre in the entrance exam – items that comprise the specific objectives proposed for the research. Among the results obtained, some findings about gender changes caused by the shift from its conventional human activity field, the journalistic, to a school situation, specifically the context of textual production in college entrance exams, are allowed, as well as reflections on the complex relationship between discursive genres and their displacement to the process of teaching and learning the mother language.

Keywords: Applied Linguistics. Bakhtin Circle. Speech genre. Open letter. Entrance exam. Linguistic-enunciative regularities.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dimensões sociais da carta aberta	45
Quadro 2 - Dimensões verbais da carta aberta	46
Quadro 3 - Análise documental em tela.....	59
Quadro 4 – Dissertações, teses, artigos e capítulos de livros encontrados no banco de dados da CAPES, BDBD, Google Acadêmico e livros.....	62
Quadro 5 – A análise de dados discursivos a partir da postura dialógica	66
Quadro 6 – Proposta analítica a partir da dimensão social do gênero	67
Quadro 7 - Proposta analítica a partir da dimensão verbal do gênero.....	68
Quadro 8 – Sequência discursiva de regularidades linguístico-enunciativas do gênero carta aberta em situação de vestibular.....	93

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Planilha com critérios de avaliação	52
Figura 2 – Coletânea de textos motivadores (vestibular de verão UEM 2019)	71
Figura 3 – Comando de produção (vestibular de verão UEM 2019)	72
Figura 4 – Carta aberta ao Ilmo. Sr. Presidente Jair Bolsonaro	80

LISTA DE TEXTOS

Texto 1 – A1 (nota máxima)	75
Texto 2 – B1 (nota mediana)	76
Texto 3 – C1 (nota zero)	77
Texto 4 – A2 (nota máxima)	81
Texto 5 – B2 (nota mediana)	84
Texto 6 – C2 (nota zero)	85
Texto 7 – A3 (nota máxima)	88
Texto 8 – B3 (nota mediana)	96
Texto 9 – C3 (nota zero)	99
Texto 10 – A9 (nota máxima)	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CVU	Comissão de Vestibular Unificado
DCE	Diretrizes Curriculares do Paraná
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IES	Instituição de Ensino Superior
LA	Linguística Aplicada
LDB	Leis de Diretrizes e Bases
LP	Língua Portuguesa
MEC	Ministério da Educação
PAS	Processo de Avaliação Seriada
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNESPAR	Universidade Estadual do Paraná
UNICAMP	Universidade de Campinas

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
1.1 OS ENFRENTAMENTOS DO CÍRCULO E A TESE SOCIOLÓGICA DA LÍNGUA(GEM).....	18
1.2 ENUNCIADO CONCRETO	21
1.3 CAMPO DA ATIVIDADE HUMANA	24
1.4 GÊNEROS DO DISCURSO	26
1.5 AUDITÓRIO SOCIAL.....	29
1.6 RESPONSABILIDADE	31
1.7 VALORAÇÃO E ESTILO	33
1.8 COMO OS CONCEITOS BAKHTINIANOS APARECEM NA PESQUISA?	35
2 SOCIO-HISTÓRIA DA CARTA ABERTA E OS GÊNEROS DO DISCURSO EM CONTEXTO DO VESTIBULAR	37
2.1 CARTA: A ORIGEM DE TUDO.....	37
2.3 A CONSTITUIÇÃO DA CARTA ABERTA: DIMENSÕES SOCIAIS E VERBAIS..	40
2.4 GÊNEROS DISCURSIVOS EM CONTEXTO ESCOLAR.....	47
2.5 OS GÊNEROS DISCURSIVOS E O VESTIBULAR	49
2.6 A PRODUÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS NO VESTIBULAR DA UEM: TEMA, COMANDO DE PRODUÇÃO E AVALIAÇÃO	50
3. PRESSUPOSTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	54
3.1 A PESQUISA	54
3.2 A PESQUISA DE NATUREZA QUALITATIVA INTERPRETATIVISTA	55
3.3 PESQUISA DOCUMENTAL	57
3.4 CONTEXTO DA PESQUISA	59
3.5 <i>CORPUS</i> DA PESQUISA	61
3.6 UMA POSTURA DISCURSIVA PELO MÉTODO SOCIOLÓGICO DO CÍRCULO DE BAKHTIN	63
3.7 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE.....	67
3.8 ÉTICA NA PESQUISA.....	68
4. ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>.....	70
4.1 COLETÂNEA DE TEXTOS MOTIVADORES E COMANDO DE PRODUÇÃO	70
4.2 RESPONSABILIDADE DOS CANDIDATOS EM RELAÇÃO ÀS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO	74
4.3 INTERLOCUÇÃO MARCADA E INTERLOCUÇÃO ESPERADA NO ENGENDRAMENTO DA CARTA ABERTA.....	79
4.4 REGULARIDADES LINGUÍSTICO-ENUNCIATIVAS DO GÊNERO CARTA ABERTA EM SITUAÇÃO DE VESTIBULAR	86
4.5 ALTERAÇÕES NO GÊNERO PROVOCADAS PELO DESLOCAMENTO DO CAMPO JORNALÍSTICO PARA O VESTIBULAR.....	102
4.6 REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE GÊNEROS DISCURSIVOS NA ESCOLA ..	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS.....	112

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A minha inquietação com os gêneros discursivos¹ e a prova de redação do vestibular da Universidade Estadual de Maringá (UEM) começou em 2009, quando, ainda aluna do ensino médio, realizei o meu primeiro vestibular. Lembro-me bem de ter escrito vários textos dissertativo-argumentativos a fim de internalizar a estrutura textual e claro prever alguns possíveis temas para aquele ano. Na minha escola não tínhamos muito tempo para “treinar” a redação (era assim que falávamos), então meu pai em casa me ajudava nos estudos. Enfim chegou o dia do vestibular e como vinha dizendo, eu esperava escrever uma dissertação, mas para minha surpresa me deparei com propostas que solicitavam a produção de um texto instrucional e uma carta de reclamação, o que claramente resultou em uma nota baixa. Lembro-me ainda de chegar em casa frustrada e junto ao meu pai pesquisarmos sobre os tais gêneros textuais², como são chamados na prova de redação. Foi então que descobrimos que essa implementação havia sido realizada pela UEM em 2008.

No ano seguinte, após produzir um bom texto dissertativo-argumentativo, ingressei na graduação de Letras (Português-Inglês) da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Confesso que, mesmo durante a formação, os estudos sobre os gêneros do discurso passaram de forma muito despercebidas no decorrer dos quatro anos, afinal, mesmo já sendo uma prerrogativa dos documentos norteadores desde a década de 1990, em questão de ensino, tudo ainda era muito novo. Finalmente me formei e fui trabalhar como professora de Língua Portuguesa (doravante LP) no ensino fundamental II de uma escola privada. Na prática, comecei a ver a abordagem dos gêneros nos livros didáticos, mas algo ainda me incomodava, pois na maioria das vezes os textos pareciam estar ali apenas como pretexto para se trabalhar com o ensino de gramática. As atividades eram ainda muito descontextualizadas e os exercícios de identificação e classificação das palavras sempre recebiam mais destaque.

¹ Ancorados nos estudos de Rojo (2005), nesta dissertação adotamos a terminologia “gêneros discursivos” com objetivos específicos de marcar o nosso olhar enquanto pesquisadores, a partir de uma perspectiva dialógica da língua(gem), visto que nossa análise, mesmo se valendo da descrição composicional e materialidade linguísticas do texto, está centrada na descrição de regularidades enunciativo-discursivas da carta aberta, a partir das situações de enunciação e em seus aspectos sócio-históricos da enunciação, e não puramente linguístico.

² O vestibular da UEM mesmo considerando as situações de produção da redação em aspectos sócio-históricos da enunciação, adotou a nomenclatura “gênero textual” tendo em vista a transposição didática do gênero. Por isso, em alguns momentos faremos uso dessa terminologia quando nos referirmos especificamente às redações da UEM.

Três anos depois, em 2017, comecei a atuar no ensino médio como professora de “Oficina de Redação”, uma disciplina criada pela escola com finalidade específica de preparar os alunos para as provas de redação dos vestibulares. Foi aí que comecei a estudar sobre as provas e os gêneros solicitados. Em 2019 ingressei no mestrado da UEM, primeiro porque era um sonho atuar na pesquisa desde os primeiros anos de graduação e segundo porque as inquietações sobre o ensino de LP eram muitas, e eu precisava conhecer, estudar, pesquisar, entender mais sobre língua(gem)³ para que eu pudesse exercer melhor minha profissão.

Descrevi o meu trajeto até aqui, pois tudo isso possibilitou-me ver de perto a abordagem dos gêneros discursivos na escola; as inquietações dos alunos no ensino médio enquanto se preparam para as provas de redação dos vestibulares; e as dificuldades que encontramos enquanto professores para trabalharmos com os gêneros nessa transposição da vida social para o ensino.

Ao compartilhar esse percurso com meu orientador, verificamos que nossa pesquisa não poderia tomar um caminho diferente senão analisarmos os gêneros discursivos em situação de ensino. E por que não os investigar em contexto de vestibular, já que tantos alunos e professores se prepararam para ele? Definido o rumo da pesquisa, precisávamos escolher um gênero. Nessa perspectiva, a carta aberta saltou aos nossos olhos pelos seguintes motivos: i) tamanha a recorrência do gênero, no tratamento de temas de interesse particular e/ou sociais, mas com divulgação pública, inclusive nas redes sociais, visto que ele tem alcançado outros campos de produção, circulação e recepção, além do jornalístico; ii) o aparecimento da carta aberta nos livros didáticos de LP, atendendo às prerrogativas dos documentos oficiais norteadores como os PCN e, mais recentemente, a BNCC; e iii) recente inclusão desse gênero em propostas avaliativas para as provas de redação nos vestibulares, a exemplo da própria UEM, que passou a adotá-lo em 2015, e outras Instituições de Ensino Superior (doravante, IES).

Desse modo, à luz da Linguística Aplicada, motivados a investigar a manifestação do gênero discursivo, observando os fatores sociais, históricos, políticos e ideológicos que mobilizam sua configuração e circulação social, tomamos o gênero carta aberta em situação de vestibular como objeto de estudo com o propósito de responder à seguinte pergunta de pesquisa:

³ Nesta dissertação, escolhemos por não fazer distinção entre os termos “língua” e “linguagem”, muito comum aos postulados estruturalistas do início do século XX. Além disso, em russo, esses termos são designados pela mesma palavra, *iazyk*. Desse modo, com o intuito de marcarmos nossa perspectiva teórico metodológica, optamos pela escolha do termo *lingua(gem)*.

Em contexto de vestibular, como se dá o projeto discursivo da carta aberta e quais seriam as regularidades linguístico-enunciativas⁴ empreendidas na constituição desse gênero?

Com vistas a responder tal questionamento, traçamos como objetivo geral verificar as regularidades encontradas no projeto discursivo dos textos produzidos, sem perder de vista a finalidade desempenhada por esse gênero na sociedade. Portanto, os objetivos específicos, que nos dão sustentação para o alcance do objetivo geral, são: (a) averiguar a responsividade dos candidatos/produtores dos textos com base no gênero carta aberta em situação de vestibular; (b) verificar a interlocução marcada e interlocução esperada como projeto discursivo desse gênero; e (c) compreender as regularidades linguístico-enunciativas da carta aberta em situação de vestibular. Para tanto, revisitamos postulados do Círculo de Bakhtin, bem como de alguns de seus comentadores contemporâneos em contexto brasileiro, procurando compreender sobretudo os conceitos de enunciado concreto, campo de atividade humana, gêneros do discurso, auditório social, responsividade, valoração e estilo, e como esses conceitos vêm sustentando a constituição e engendramento da carta aberta.

Em síntese, esta dissertação se organiza em 4 seções. Na primeira seção, ao longo do referencial teórico, objetivamos revisar fundamentações epistemológicas da visão social de língua(gem) do Círculo de Bakhtin e explicar o entrecruzamento entre conceitos de enunciado, campo de atividade, auditório social, responsividade, valoração e estilo na organização dos gêneros sob a perspectiva dialógica proposta pelo Círculo (1976 [1926]; 2003 [1952-1953]; 2018[1929]).

Na segunda seção, realizamos um resgate sobre a sócio-história da carta aberta, sua relação com o campo jornalístico e suas dimensões sociais e verbais. Além disso, empreendemos discussões sobre os gêneros do discurso em contexto escolar e em contexto de vestibular - considerando aqui o vestibular como um reflexo do ensino na escola e, também levando em conta nosso objeto de analisar a manifestação do gênero carta aberta em contexto avaliativo.

Em seguida, na seção 3, apresentamos o percurso metodológico da pesquisa, e valendo-nos das considerações teórico-metodológicas de uma pesquisa qualitativa interpretativista ancoramo-nos no método social e dialógico de análise da língua(gem) proposto por Bakhtin. Há ainda, nessa mesma seção, descrições sobre o contexto e *corpus* da pesquisa – redações

⁴ Com base nos postulados do Círculo de Bakhtin, consideramos como regularidades linguístico-enunciativas as escolhas estilísticas e composicionais que revelam a *relativa estabilidade* do gênero. Uma vez que o autor mobiliza o discurso a partir de um gênero, essas escolhas verbais são projetadas em função das dimensões sociais e revestidas pela expressividade do gênero, além da decisão autoral.

produzidas no vestibular de verão 2019 da UEM, além da apresentação das perguntas e elementos que orientaram o procedimento analítico.

Na seção quatro, a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos, analisamos as produções textuais do gênero carta aberta. Começamos a investigação atentando-nos às condições de produção que levaram a escrita desse gênero, observando também os movimentos de responsividade dos candidatos/produtores em relação ao comando da prova. Depois, empreendemos uma análise sobre o jogo de interlocução marcada e esperada como projeto discursivo da carta aberta, e posteriormente indicamos a relativa estabilização linguístico-enunciativa presente no funcionamento desse gênero em contexto de vestibular.

Sob essas análises, alcançamos algumas considerações sobre possíveis alterações provocadas pelo deslocamento do gênero do campo jornalístico, para uma situação de vestibular. Além disso, presumindo que de alguma forma o vestibular é um reflexo da escola, propomos reflexões sobre o ensino de gêneros nesse contexto com base em nossa própria experiência enquanto professores e no conhecimento adquirido durante o processo de pesquisa.

Nas considerações finais, refletimos sobre o percurso como um todo. Resgatamos os objetivos específicos que direcionaram a nossa pesquisa para então pontuarmos os resultados alcançados na investigação de cada um deles. Pelos resultados obtidos, reforçamos a fluidez dos gêneros diante de cada situação e exigência comunicativa, bem como sugerimos aberturas de possíveis trabalhos que podem ser suscitados a partir das discussões levantadas neste estudo.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sob a perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin, buscaremos nesta seção, explicar o conceito de língua(gem) a partir de um panorama social, discursivo e dialógico, integrando também as concepções basilares que fundamentam nossa pesquisa. Cada uma das subseções apresentadas a seguir aborda diferentes conceitos com base nos escritos do Círculo, juntas, respaldam nosso olhar linguístico-enunciativo em torno do gênero carta aberta em situação de vestibular.

Para a apresentação do referencial teórico, apresentamos o seguinte recorte: 1.1 Os enfrentamentos do círculo e a tese sociológica da linguagem; 1.2 Enunciado Concreto; 1.3 Campo da atividade humana 1.4 Gêneros do discurso; 1.5 Auditório social; 1.6 Responsividade; e 1.7 Valoração e estilo; e 1.8 Como os conceitos aparecem na pesquisa.

1.1 OS ENFRENTAMENTOS DO CÍRCULO E A TESE SOCIOLÓGICA DA LÍNGUA(GEM)

Os caminhos da filosofia da linguagem marxista começam a ser trilhados na Rússia, ao longo de um período compreendido entre 1919 e 1974 (RODRIGUES, 2005), por um grupo de estudiosos, denominado posteriormente por Círculo de Bakhtin⁵, que começa incessantes revisitações e enfrentamentos aos postulados saussurianos do *Curso de Linguística Geral* (1916), sobre a afirmação da língua como um fator social.

De forma geral, podemos dizer que a construção de um escopo teórico para a fundamentação da *língua(gem)* sob a perspectiva sócio-histórico-cultural se desenvolve a partir de uma tendência de oposição às correntes do Formalismo Russo⁶ e Estruturalismo⁷. Os enfrentamentos do Círculo a essas correntes apontaram fundamentações epistemológicas que orientavam para duas novas tendências responsáveis pelo pensamento filosófico e linguístico da modernidade: a primeira encaminhava-se a um posicionamento subjetivo e idealizado de

⁵ O nome do grupo, Círculo de Bakhtin, foi atribuído posteriormente, por aqueles que estudavam os seus escritos, sendo que a escolha pelo nome de Bakhtin é justificada, levando em consideração sua obra de “maior envergadura” (FARACO, 2009).

⁶ O formalismo russo foi uma influente escola de crítica literária que existiu entre 1910 até 1930 e teve como objeto de estudo a autonomia da linguagem poética e literária. A crítica formalista influenciou não só Mikhail Bakhtin, mas também outros pensadores e até mesmo a corrente Estruturalista.

⁷ O estruturalismo é uma corrente de pensamento nas ciências humanas que depreende a realidade social a partir de um conjunto considerado formal de relações. Na linguística, o termo se manifestou mais fortemente com Ferdinand de Saussure, principalmente devido a seu livro de 1916, *Curso de Linguística Geral*.

língua(gem), enquanto a segunda visava a língua(gem) como um sistema objetivo e imanente, por isso em *Marxismo e filosofia da linguagem* 2018 [1926]), Volóchinov assim as denominou: subjetivismo individualista e objetivismo abstrato.

O subjetivismo individualista analisa o “ato discursivo individual e criativo” como fundamento da língua(gem). De acordo com essa tendência, a língua(gem) não é um fenômeno sociológico, mas sim estético, de criação consciente e individual, ou seja, as leis da criação linguística também são individuais e psicológicas e são elas que devem ser estudadas pelo linguista (VOLÓCHINOV, 2018 [1926] p. 148). As ideias de Wilhelm von Humboldt⁸ são as expressões mais forte dos fundamentos desta primeira tendência.

O Objetivismo abstrato, por sua vez, analisa o sistema linguístico compreendido pelas normas linguísticas, gramaticais e lexicais. Nessa perspectiva, a língua(gem) é “um sistema de formas normativas idênticas”, imutável, por isso, suas leis são específicas e encontram-se em um sistema fechado (VOLÓCHINOV, 2018 [1926] p. 167). Para essa tendência não há um principal representante ou fundador, sabe-se apenas que suas raízes se originaram no racionalismo⁹ dos séculos XVII e XVIII.

Como podemos observar, o pensamento filosófico linguístico da primeira é oposto aos fundamentos correspondentes da segunda. O que ambas têm em comum é que, ao elegerem a língua(gem) como um produto pronto e estável, negam qualquer natureza social, aspecto ideológico ou posição valorativa, os quais são componentes basilares da língua(gem) em uso, em situações de interação verbal social reais e concretas.

Sendo assim, com o intuito de repensar o verdadeiro centro da realidade linguística, os intelectuais russos, aliados às considerações políticas e sociais do marxismo, confrontaram os pressupostos objetivista e subjetivista, enquanto discutiam conceitos e projetavam as ideias do círculo na tentativa de responder à pergunta: O que é língua(gem)? De fato, seria esta, um sistema de normas criado de forma consciente e meditada segundo se pensava no século XVIII?

Em *A construção da enunciação e outros ensaios*, Volochinov (2013 [1930]) ao estudar o processo de formação e desenvolvimento da língua(gem), constata que ela nasce da

⁸ O mais importante representante e fundador da primeira tendência. É possível dizer que toda a linguística pós-humboldtiana encontra-se sob sua influência determinante até os dias de hoje (VOLÓCHINOV, 2018, p.149).

⁹ O Racionalismo é um movimento que se baseia nas operações mentais para definições, avaliações, operacionalizações, ou seja, que toma o raciocínio para tirar conclusões. Desse modo, mostra-se uma corrente que parte da lógica, dando prioridade à razão para que se chegue ao caminho correto. Dá-se privilégio, pois, à razão, e não ao que é subjetivo e sensível. O movimento surgiu no século I a.C., e ganhou força na Idade Moderna, com o surgimento da matemática. O racionalismo coloca-se, na sociedade, como uma solução eficaz para a organização social.

“necessidade de comunicação dos reagrupamentos humanos da primeira idade da pedra”, logo, mesmo nas organizações extremamente primitivas, nas quais a comunicação realizou-se primeiramente pelos gestos e só depois pelos sons e, enfim, pela palavra, a língua(gem) se desenvolve a partir da relação do homem com os outros homens, da compreensão do mundo circundante, e por meio dela organiza-se o pensamento social, a consciência social. A partir de então, o autor define língua(gem) como “produto da vida social” que não criado de forma consciente e meditada como um sistema de normas, mas que reflete no campo semântico e nas formas gramaticais o desenvolvimento da vida econômica e sociopolítica (VOLOCHINOV, 2013 [1930], p. 154).

Nesse âmbito, Volochinov (2018 [1929]) contrapõe a visão objetivista de língua(gem) como um sistema imutável de normas idênticas entre si e a enuncia em um *processo ininterrupto de formação*. Para o autor, o sistema nada mais é do que um produto de reflexão sobre a língua(gem), por isso, a realidade linguística não deve tratar-se de uma forma normativa idêntica em um contexto, “mas naquela significação nova e concreta que ela adquire em determinado contexto” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p.177). Por nossas palavras, entendemos que a principal tarefa do falante ou daquele que escuta não se limita ao domínio ou reconhecimento do sistema, das formas linguísticas, mas para além disso, na prática, é necessário o entendimento de seu significado, e nesse âmbito também não restringimos a palavra em seu aspecto dicionarizado, mas sim aos mais diversos significados que esta pode assumir em cada contexto, em cada enunciado. Sobre isso, Volóchinov destaca:

O aspecto constitutivo da forma linguística enquanto signo não é sua identidade a si como um sinal, mas a sua mutabilidade específica. O aspecto constitutivo na compreensão da forma linguística não é o reconhecimento do mesmo, mas a compreensão no sentido exato dessa palavra, isto é, a sua orientação em dado contexto e em dada situação, orientação dentro do processo de constituição e não “orientação” dentro de uma existência imóvel (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p.179).

A afirmação acima resulta no fato de que língua(gem) vista sob sua completude de assimilação não pode ser somente reconhecida como um sinal, mas sobretudo, compreendida como um signo enunciável por alguém, para alguém, em determinada situação, e, portanto, passível de abarcar a sua totalidade de sentido. É sob esse viés que se fundamenta a tese sociológica da língua(gem) do círculo de Bakhtin, cuja realidade efetiva é “o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 219), ou seja, a língua(gem) constitui-se na história, em sua

evolução, sob um panorama flexível, repleto de conteúdo ideológico e valorativo, e desse modo, a interação socio discursiva é a sua realidade fundamental.

Em suma, foi a partir dos *enfrentamos do Círculo* aqui apresentados, de forma sintética, que se reestabeleceu o verdadeiro centro da realidade linguística: *a interação social*. E sob essa perspectiva, fundamentou-se *a tese sociológica da língua(gem)*. Desse modo, ancorados em um viés dialógico, os pesquisadores desenvolveram inúmeras postulações sobre as orientações filosófico-linguísticas do século XIX, além de complexos conceituais, sobre os quais, dentro do recorte proposto, discutiremos nas próximas subseções.

Vejamos a princípio sobre o conceito de enunciado concreto que se destaca em nossa pesquisa atentando para função mediadora que exerce nas interações discursivas e na constituição dos gêneros do discurso.

1.2 ENUNCIADO CONCRETO

Ao levar em conta a filosofia da língua(gem) exposta pelo Círculo de Bakhtin e, sobretudo, o caráter dialógico atribuído a ela, faz-se necessário entender a concepção de *enunciado concreto*. Considerando o entendimento de que a língua(gem) constitui-se na interação discursiva, e que esta ocorre por meio dos enunciados, afirmamos que o conceito de enunciado diz respeito à língua(gem) em uso, de modo concreto e real, ou seja, enunciado é onde a língua(gem) se materializa.

Desse modo, o conceito de enunciado concreto aparece em várias postulações do Círculo de Bakhtin. No decorrer de suas obras, os estudiosos conseguiram criar orientações acerca das características básicas do enunciado, além de estabelecer possíveis particularidades necessárias para sua constituição e, sobretudo, diferenciá-lo das outras unidades da língua(gem).

Em *Os gêneros do discurso*, Bakhtin define o enunciado como “um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo” (BAKHTIN, 2003 [1952-1953], p. 296). Assim, a essência de um enunciado está intrinsecamente ligada à vida social, real e significativa do falante em relação à sociedade, ao outro. Além disso, visto que emerge de uma situação real, sua compreensão total é dependente do contexto extraverbal. É o que Bakhtin e Volóchinov reafirmam em *Discurso na vida, discurso na arte*, ao tratarem do discurso verbal, como enunciado e sua conexão com o meio social circundante:

A característica distintiva dos enunciados concretos consiste precisamente no fato de que eles estabelecem uma miríade de conexões

com o contexto extraverbal da vida, e, uma vez separados deste contexto, perdem quase toda a sua significação – uma pessoa ignorante do contexto pragmático imediato não compreenderá estes enunciados” Bakhtin/Voloshinov (1976 [1926], p. 6).

Essa definição reafirma a mutabilidade linguística materializada pelos enunciados. Isto é, a compreensão de um enunciado não pode limitar-se ao reconhecimento dos aspectos linguísticos, mas deve considerar também os fatores extraverbais, a saber, segundo Bakhtin e Voloshinov (1976 [1926]): o falante/locutor/autor; o ouvinte/interlocutor/leitor; o tópico da fala/herói/tema.

Tendo citado esses fatores que caracterizam a essência do enunciado, passamos a entender um pouco mais sua constituição a partir de três particularidades elencadas pelo Círculo: i) alternância do sujeito; ii) conclusibilidade; e iii) relação do enunciado com o próprio falante e com os outros participantes da comunicação discursiva. (BAKHTIN, 2003 [1952-1953]).

Sobre esses aspectos, compreende-se que a primeira orientação estabelece o limite entre os enunciados porque em um certo momento e em dadas condições, o falante comunicou tudo o que deseja, o que permite ao ouvinte ocupar uma posição responsiva em relação ao falante. Nesse sentido, o círculo confronta teorias anteriores negando passividade entre os sujeitos, pois, de acordo com os pensadores russos, o ouvinte ocupa sempre uma posição de responsividade ativa no processo de comunicação, respondendo ao *enunciado*, concordando, discordando ou mesmo silenciando. Já a conclusibilidade é um aspecto interno da alternância dos sujeitos e pode ser determinada por três fatores: a) exauribilidade do objeto e do sentido; b) projeto do discurso ou vontade de discurso do falante; c) formas típicas composicionais e de gênero do acabamento (BAKHTIN, 2003 [1952-1953] p. 281). Todos eles juntos dão a conclusibilidade completa de um enunciado, porque indicam que, em dado momento e condições de comunicação, todo o juízo do autor, seu projeto de dizer, sua vontade discursiva se realizou, a partir de um objeto (tema), e determinou a escolha de um gênero do discurso, cuja constituição se dará pelos enunciados.

Sobre a terceira particularidade (relação do enunciado com os participantes da comunicação), partimos do princípio dialógico de que toda palavra lançada procede e se direciona a alguém. Ela está em função desses interlocutores, de modo que variará de acordo com suas ideologias pessoais, posições afetivas e laços sociais. Além disso, o processo de comunicação depende fortemente da escolha do gênero do discurso pelo falante e da situação que estabelecerá a forma da enunciação.

Dadas as especificidades que compõem a natureza do enunciado, fica evidente que a totalidade de sua significação só será alcançada se considerada a relação dialética entre as *dimensões sociais* e as *dimensões verbais* que o constituem. O círculo ainda argumenta que um enunciado concreto como um todo significativo compreende duas partes: I) a parte percebida ou realizada em palavras e II) a parte presumida (situação extraverbal) (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV 1976 [1926], p. 6). Essas dimensões sociais circunscritas pelos atos conhecidos pelos falantes, dentro de suas condições reais da vida, se integram ao enunciado como uma parte essencial da estrutura e, por assim dizer, de dentro determinam a seleção verbal do *enunciado*.

Nessa perspectiva, Volóchinov (2018 [1929]) concebe as dimensões sociais como fator constitutivo dos enunciados ao afirmar “*o centro organizador de qualquer enunciado, de qualquer expressão não está no interior, mas no exterior, no meio social que circunda o indivíduo*” (VOLÓCHINOV, 2018, [1929] p.216, grifo do autor). O autor ainda explica que efetivamente a formação de um enunciado se dá pela presença de ao menos dois indivíduos. Sendo assim, a palavra sempre será orientada a um interlocutor, a partir de enunciados anteriores e considerando os enunciados respostas.

No que diz respeito à pluralidade de enunciados que circundam os sujeitos na interação discursiva, Volóchinov (2018, [1929]) reafirma o conceito de enunciado como um elo na corrente de outros enunciados que, nesse sentido, não se concretizam apenas na relação dos enunciados somente, mas também, sobretudo, nas relações dialógicas¹⁰ existentes entre eles, envolvendo situações específicas do contexto extraverbal desde sujeitos envolvidos, campo da atividade humana, auditório social, até o engendramento dos gêneros do discurso e suas reverberações.

Nesse ponto, conseguimos ver que a constituição do enunciado abrange uma parte muito além das palavras e orações, descritas pela linguística como unidade da *língua(gem)*, pois, segundo Bakhtin, “a oração, enquanto unidade da língua, tem natureza gramatical, fronteiras gramaticais, lei gramatical” (BAKHTIN 2003 [1952-1953] p. 278), sendo somente quando funciona como enunciado completo que se torna expressão individualizada, determinada pela

¹⁰ Relações dialógicas é um dos conceitos do arcabouço teórico do Círculo de Bakhtin e pode ser concebido como a própria materialização do dialogismo. Trata-se dos lugares/posições axiológicas dos sujeitos nos atos concretos da vida e, portanto, só se concretizam em enunciados/discursos e nunca entre os elementos da língua (unidades da oração), justamente porque eles não têm ligação com a vida (FRANCO; ROHLING; ALVES, 2020).

alternância dos sujeitos, pelo contato imediato com a realidade, pela capacidade de suscitar respostas, enfim, assim temos uma situação concreta da comunicação discursiva.

Ao fundamentarmos os elementos essenciais na construção dos enunciados, bem como nos movimentos dialéticos indispensáveis para a compreensão deste processo, nos propomos a uma outra pergunta investigativa: *De que forma essas interações discursivas mediadas pelos enunciados constituem os gêneros?* Para responder a esse questionamento, buscamos no Círculo discussões epistemológicas acerca de *campo da atividade humana* e o engendramento deste com *os gêneros do discurso*.

1.3 CAMPO DA ATIVIDADE HUMANA

Do entendimento sobre enunciado e seu funcionamento na comunicação discursiva derivam os conceitos de campos da atividade humana e gêneros do discurso. Portanto, se anteriormente, afirmamos que a língua(gem) se materializa por meio dos enunciados, agora acrescentamos que os enunciados se materializam em gêneros discursivos e esses se efetivam em formas típicas a depender de condições específicas e finalidades determinadas pelo campo da atividade humana. É o que afirma Bakhtin:

Todos os diversos **campos da atividade humana** estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2003 [1952-1953]. p. 261, grifo nosso).

Conforme o autor, é nesses campos de atuação que a língua(gem) se manifesta e, também se organiza, na medida em que neles são determinados os participantes da ação e por conseguinte a estabilização dos enunciados. Em acréscimo, Sobral (2009, p. 121) traz uma importante reflexão ao definir campo de atividade como “uma modalidade sócio-histórica relativamente estável de relacionamento entre os seres humanos”. Sob essa perspectiva, o autor explica que conceito de campo está para além de um lugar em que há relações entre os sujeitos,

mas sobretudo, assume um valor sócio-histórico ideológico, e, por isso, é capaz de dotar um grau específico de estabilização, de maior ou menor formalidade.

Para melhor entendermos, todas as vezes que nos comunicamos, atuamos em determinados campos, pelos quais circulamos diariamente: familiar, escolar, religioso, jurídico, dentre outros. O funcionamento desses campos de atuação organiza a língua(gem), pois neles são definidas as dimensões sociais, condições de produção, circulação e recepção dos enunciados. Sendo assim, adotamos determinados comportamentos e selecionamos palavras considerando essas situações, do mesmo modo, aderimos a certo grau de formalidade ou não a depender de condições específicas desses campos.

Portanto, na medida em que os campos da atividade humana tipificam as situações de interação, estabilizam relativamente os enunciados que neles circulam, originando gêneros do discurso particulares desses campos. É o que acontece, por exemplo, no campo jornalístico e com os gêneros que ali emergem e até se entrecruzam, como a notícia, a reportagem, o artigo de opinião e, até mesmo, a carta aberta – objeto de investigação dessa pesquisa, transposta para uma situação de vestibular. Todos esses gêneros possuem temas e funções características do campo circundante, que se manifestam na materialidade linguística de cada texto/discurso. Além disso, sobre essas formas típicas que os enunciados recebem em cada campo de manifestação da língua(gem), Volóchinov explica:

A classificação das formas de um enunciado deve apoiar-se a classificação das formas da comunicação discursiva. Já essas formas são inteiramente determinadas pelas relações de trabalho e pelo regime sociopolítico. [...] Portanto, as formas do signo são condicionadas, antes de tudo, tanto pela organização social desses indivíduos, quanto pelas condições mais próximas da sua interação (Volóchinov, 2018 [1929], p. 109).

Logo, se cada campo apresenta uma orientação social determinada para a realidade, para objetos discursivos próprios e funções ideológicas específicas, “em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo” (BAKHTIN, 2003 [1952-1953] p. 266). Por isso, os gêneros do discurso constituem-se nas particularidades específicas desses campos de atuação, que por sua vez, podem ser marcadas por regularidades temáticas e estilístico-composicionais, termos pelos quais o círculo busca descrever os gêneros do discurso.

1.4 GÊNEROS DO DISCURSO

Como visto acima, a definição epistemológica do conceito de gêneros do discurso é subjacente ao entendimento de que a língua(gem) permeia os mais diversos campos das relações sociais. Para Bakhtin, o enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denomina gêneros do discurso.

Nesse contexto, Sobral (2009, p. 119) define os gêneros do discurso como “certas formas de enunciados que têm uma lógica própria, de caráter concreto”, por isso, recorrem a certos tipos estáveis de frases e organizações frasais, mas não necessariamente a frases que sempre se repetem, visto que os gêneros se acham em constante mudança. Sob esse viés, Bakhtin argumenta:

As formas da língua e as formas típicas de enunciados, isto é, os **gêneros do discurso**, chegam à nossa experiência à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculada. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas). Os gêneros do discurso organizam nosso discurso quase da mesma forma que organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras (BAKHTIN, 2003 [1979] p. 283, grifo nosso).

Considerando a ideia de que os diversos campos de utilização da língua(gem) participam da elaboração de seus gêneros, tem-se que há uma grande heterogeneidade dos gêneros do discurso os quais dão forma aos enunciados produzidos. Por isso, Bakhtin (2003[1952-153]) apresenta as três dimensões que organizam os gêneros e que estarão sempre interligadas no enunciado, se constituindo mutuamente. São elas: i) tema; ii) forma composicional; e iii) estilo. Trataremos de cada um desses elementos constitutivos.

O tema pode ser entendido como o sentido da enunciação completa, sendo individual e não reiterável (VOLOCHÍNOV, 2018 [1929]). É sobre aquilo se fala/escreve, a exauribilidade de um objeto discursivo, mas para além disso, “o conteúdo temático é sustentado pelos condicionantes do extraverbal, pois a partir deles o sujeito organiza seu projeto de dizer, estabelecendo sua unidade de sentido e sua orientação ideológica específica” (FRANCO, ACOSTA-PEREIRA E COSTA-HÜBES, 2019, p. 285). Portanto, tema se constitui na interação, a partir de uma situação de enunciação que envolve aspectos históricos e socioculturais.

Já a forma composicional está vinculada com a forma arquitetônica, que é determinada pelo projeto enunciativo do interlocutor, logo, “não se confunde com um artefato, ou forma rígida, porque pode se alterar de acordo com as alterações dos projetos enunciativos” (SOBRAL 2009, p. 118). Rojo (2005), numa abordagem sobre o conceito de gênero de um modo mais didático, explica que essas “formas estáveis” são elementos das estruturas comunicativas compartilhadas pelos textos pertencentes a determinados gêneros, são configurações específicas das unidades de língua(gem). Então, trata-se de uma organização fluída, passível de ser modificada dentro da sua relativa estabilidade.

O estilo, no entanto, pode relacionar-se as formas da língua(gem); recursos lexicais e gramaticais, selecionados pelo autor do enunciado para exercer o seu projeto de dizer. Para Franco, Acosta-Pereira e Costa-Hübes (2019, p. 287), “o estilo está ligado tanto ao gênero como ao processo de autoria”. Isso porque alguns gêneros apresentam um estilo próprio de escrita e pouco flexível, como é o caso, por exemplo, daqueles pertencentes à esfera jurídica, diferentemente dos que se encontram no âmbito da literatura de ficção, que são mais propícios a refletir o estilo individual (BAKHTIN, 2003 [1979]). Todavia, não podemos perder de vista o aspecto sociológico, pois, as escolhas do autor, por determinados recursos linguísticos, também demonstram aspectos valorativos, visto que “o estilo se constrói a partir de uma orientação social de caráter apreciativo” (FARACO, 2009, p.137).

Os três elementos aqui apresentados tornam-se fundamentais no diálogo com a nossa pesquisa, pois, ao mesmo tempo que correspondem à dimensão dos gêneros discursivos, fazem parte dos critérios estabelecidos, para a correção de redação em situação de vestibular. Dentre outros aspectos, o Manual do Candidato da UEM (2019) orienta para uma avaliação que leva em conta a forma e, também o conteúdo do gênero. Mais detalhadamente apresenta a exauribilidade temática, o atendimento à forma composicional do gênero, e o desempenho linguístico, como algumas especificidades a serem avaliadas. Desse modo, Rojo (2005) ao tratar das três dimensões dos gêneros discursivos, enfatiza:

Todas estas três dimensões dos gêneros discursivos são determinadas pelos parâmetros da situação de produção dos enunciados e sobretudo, para Bakhtin/Volochinov (1929), pela apreciação valorativa do locutor a respeito do(s) tema(s) e do(s) interlocutor(es) de seu discurso. Neste sentido, diferentemente de posições estruturais ou textuais, nessa abordagem, os gêneros e os textos/enunciados a eles pertencentes não podem ser compreendidos, produzidos ou conhecidos sem referência aos elementos de sua situação de produção (ROJO, 2005, p. 196).

Sob a afirmação de Rojo de que a situação de produção é essencial para a compreensão do gênero, tem-se que há uma grande diversidade dos gêneros do discurso, visto que eles são diferentes em função da situação de produção, da posição social dos sujeitos envolvidos e das relações entre os participantes da comunicação. Assim, segundo Bakhtin (2003 [1952-1953] p. 262), “a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana”. além disso, cada campo de atividade cresce, se diferencia, o que influencia na mudança do repertório de gêneros do discurso.

Ao tomar a heterogeneidade dos gêneros (orais, escritos ou multissemióticos), os quais “dão forma” aos variados discursos produzidos pelos sujeitos da comunicação, Bakhtin (2003 [1952-1953]) estabelece uma divisão em dois grupos: primários e secundários. Os gêneros discursivos primários são aqueles que estão ligados a situações comunicativas do cotidiano, mais informais e espontâneas. Já os gêneros discursivos secundários emergem de campos culturalmente mais organizados, com maior formalidade e a partir de temas específicos relacionados a ciência, educação, política, dentre outros. É importante ressaltar: “os gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários” (SOBRAL, 2009 p. 122). Isso quer dizer que mesmo sofrendo alterações, os gêneros secundários carregam “marcas”, compartilham da estabilidade e dinamismo de seus gêneros primários.

Vale lembrar, também, que, ao considerarmos a língua(gem) em seu aspecto histórico, social e cultural, assumimos dinamicidade e fluidez dos gêneros, uma vez que as mudanças na língua(gem) refletem mudanças, renovações ou até o apagamento desses gêneros nas mais diversas interações. Por isso, na perspectiva bakhtiniana, os gêneros são praticamente infinitos, pois nascem de acordo com as necessidades da comunicação humana. Além do mais, “as mudanças históricas dos estilos de linguagem estão indissociavelmente ligadas às dos gêneros do discurso” desse modo, a historicidade dos gêneros está pressuposta nas mudanças sociais, já que diferentes épocas elaboram diferentes gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2003 [1952-1953], p.267).

A exemplo disso, tomamos nosso objeto de estudo, o gênero carta aberta. Ele é proveniente da carta pessoal (gênero primário), mas levando em consideração as circunstâncias de comunicação cultural evoluída em que atualmente se encontra, o categorizamos como gênero secundário. Ademais, as mudanças sociais também influenciaram as regularidades linguístico-enunciativas desse gênero, visto que este tem sua origem no campo jornalístico com objetivos específicos de denunciar ou tornar público algum assunto polêmico, mas hoje assume para além

desse projeto, outros campos da atividade humana, consideradas suas finalidades discursivas de manifestação e persuasão.

Evidenciamos, portanto, que os gêneros nascem com uma finalidade discursiva, ao considerar primeiramente as dimensões sociais que circundam a situação de interação. Nesse sentido, o diálogo entre o eu e o outro é essencial à língua(gem), já que é por meio do discurso que o locutor se define em relação ao outro. A partir de então, conseguimos responder a pergunta feita anteriormente: *De que forma essas interações discursivas mediadas pelos enunciados constituem os gêneros?* A resposta nos parece simples: os campos da atividade humana organizam esses enunciados que ganham relativa estabilidade a depender da finalidade discursiva de cada gênero do discurso.

Conforme a situação de interação, que inclui a esfera/ campo da atividade humana em que ela se realiza. Os enunciados sempre se moldam em um ou outro gênero do discurso. Os gêneros são compreendidos pelo círculo como forma típica de composição dos textos-enunciados constituídas no processo da interação humana que organizam o discurso no interior dessas esferas/campos. Cada gênero pressupõe uma finalidade discursiva, comporta determinados temas, apresenta uma forma composicional e um estilo próprio, de modo que quando queremos dizer algo, consideramos a situação social de comunicação em que estamos engajados e escolhemos o gênero mais adequado para formar o nosso discurso (SOUZA, T. F. B. de *et al.*, 2019, p. 281-282).

Nesse ponto, reforçamos o princípio dialógico da interação social como realidade fundamental da língua(gem). Por meio dela, produzimos enunciados que são moldados em gêneros discursivos para nos dirigirmos ao outro. Dessa forma, interagimos, criamos enunciados para um determinado grupo social e esperamos pelas respostas, bem como respondemos a enunciados, aceitando-o ou refutando-o. Isso configura nossa preocupação com o *auditório social* e o movimento de *responsividade*, conceitos sobre os quais trataremos na sequência.

1.5 AUDITÓRIO SOCIAL

Visto que o processo de interação na constituição dos enunciados dá-se por meio dos campos da atividade humana, os quais engendram os gêneros do discurso, sublinhamos que nesse contexto de interação social, a palavra é “*o produto das inter-relações do falante com o ouvinte*” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929] p. 205, grifo do autor). Ou seja, ela se orienta para um

interlocutor e para quem é esse interlocutor, a posição social que ele ocupa, se tem laços ou não com o falante, suas crenças e avaliações sociais. Nesse viés, os enunciados são moldados sob as perspectivas que se tem do outro, e por conseguinte, os gêneros do discurso também se modelam para essa coletividade: o auditório social.

As inter-relações com esse auditório definem a constituição e composição do gênero do discurso, visto que “*a situação social mais próxima e o meio social mais amplo, determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado*” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929] p. 206, grifo do autor), de modo que os gêneros se organizam a partir do outro e para o outro, independentemente se um interlocutor mais próximo ou outros possíveis participantes da ação - interlocutores mais amplos. Esse entrecruzamento da situação social mais próxima e os possíveis interlocutores determinam diretamente a forma e estilo dos gêneros do discurso:

O mundo interior e o pensamento de todo indivíduo possuem seu **auditório social** estável, e nesse âmbito se formam os seus argumentos interiores, motivos interiores, avaliações etc. Quanto mais culto for o indivíduo, tanto mais o seu auditório se aproximará do auditório médio da criação ideológica (VOLÓCHINOV, 2018, [1929], p. 205, grifo nosso).

A partir da afirmação acima, observamos que toda e qualquer situação de interação possui um auditório organizado e, conseqüentemente, um certo repertório de enunciados relativamente estáveis, ou seja, um repertório de gêneros, pelos quais pretende-se alcançar determinado público. Volóchinov exemplifica essa fundamentação por meio dos gêneros do dia a dia. De acordo com o autor, uma pergunta acabada, uma ordem, um pedido são as totalidades típicas dos enunciados cotidianos e todos eles nascem a partir de e para um complemento extraverbal. Sendo assim, “o próprio tipo de acabamento desses pequenos gêneros cotidianos é determinado pelo atrito da palavra com o meio extraverbal”, pelo atrito da palavra com a palavra das pessoas (VOLÓCHINOV, 2018, [1929], p. 221). O campo sala de aula, por exemplo, define um auditório específico – os alunos, assim, o gênero aula, por meio do seu tipo de estrutura, objetivo e composição social, define a avaliação social que se tem sobre aquele determinado grupo e campo onde ele se realiza. Por isso, não se diz sobre qualquer assunto e de qualquer modo em uma sala de aula, ou em qualquer outro campo da atuação humana. É necessário tema, forma e estilo apropriado para alcançar cada auditório.

A definição do auditório é um traço constitutivo de qualquer gênero, pois toda unidade significativa da língua – palavras e orações – que a princípio são impessoais, passam a ser

endereçadas a alguém, a um destinatário, e ao entrarem em contato com a realidade, tornam-se expressões individualizadas, organizadas a partir dos interesses e finalidades que o locutor deseja alcançar na situação comunicativa. “Esse destinatário pode ser um participante direto do diálogo cotidiano, pode ser uma coletividade diferenciada de especialistas de algum campo especial da comunicação cultural[...] pode ser os adversários e inimigos, o subordinado, o chefe, um inferior, um superior, uma pessoa íntima, um estranho”, enfim, todas essas modalidades, concepções e valoração de um possível auditório são determinadas pelos campos da atividade humana e dão vida à constituição do gênero (BAKHTIN, 2003 [1952-1953], p. 301).

Por isso, afirmamos que a compreensão das situações de interação permite determinadas organizações específicas para a mobilização de um gênero e outro, ou seja, só é possível falar em tipos de acabamento de gênero, diante de uma situação concreta para a comunicação discursiva. É o que Medviédev (2012 [1928]) discute em “*O método formal nos estudos literários*” ao tratar sobre o papel da avaliação social na constituição dos enunciados. Segundo o autor, todo enunciado se orienta para um auditório hipotético e para uma resposta hipotética, e é neste processo que ele se constitui em gênero, tomando uma ou outra forma relativamente estável.

Ademais, Bakhtin e Volóchinov (1976 [1926], p. 11) retomam o conceito de avaliação social ao afirmarem que os julgamentos de valor do auditório determinam a seleção de palavras do autor e a recepção desta seleção pelo ouvinte. Por isso, reafirmamos que as palavras, e até mesmo as escolhas linguísticas na construção de um enunciado, emergem de e para um auditório social e os possíveis movimentos de responsividade.

Sobre a relevância do conceito de auditório em nossa pesquisa, apresentamos de modo prévio uma pergunta reflexiva e importante para nossa investigação: Como o auditório (interlocutores marcados e interlocutores esperados) de uma carta aberta influencia na estabilização de regularidades linguístico-enunciativas desse gênero? Trataremos de responder a essa indagação mais adiante na seção 4.

1.6 RESPONSABILIDADE

A concepção de *responsividade* está intrinsecamente norteada pelo conceito de auditório social, visto que a partir do auditório, a palavra é orientada, e conseqüentemente, determina a estrutura, conteúdo e estilo dos enunciados. Tais definições (auditório e responsividade) foram sendo ampliadas e aperfeiçoadas ao longo das obras do Círculo. No ensaio *Gêneros do discurso*

(BAKHTIN, 2003 [1952-1953]) há uma discussão mais detida sobre o outro, como aquele que ocupa uma posição responsiva ativa, com esse movimento de responsividade influenciando diretamente as escolhas dos recursos linguísticos feitos pelo locutor, e conseqüentemente determinando o gênero do discurso.

Ao tratar a responsividade mediada também pela antecipação ao interlocutor em “*Discurso no romance*” (2015), Bakhtin diz que a linguagem não é um meio neutro que se torne fácil e livremente a propriedade intencional do falante. Ela está povoada de intenções de outrem, ou seja, o discurso materializado na forma de enunciados é um produto das interações sociais entre falante e ouvinte, ligadas intimamente com outros enunciados e, também à responsividade do locutor frente aos enunciados que produz e compreende. Disso decorre que ao interagirmos com o outro tomamos como medida um horizonte social¹¹, ou seja, produzimos enunciados considerando seus valores e ideologias, assim como esperamos uma resposta a esses enunciados. É justamente nesse jogo de interlocução que se constitui a interação e o conceito de responsividade ativa.

Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma **resposta** aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas **atitudes responsivas** a outros enunciados de dada esfera da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2003, [1952-1953] p. 297, grifo nosso).

Por meio dos enunciados o locutor vai se definindo em relação ao ouvinte e o ouvinte em relação ao locutor. É um jogo bilateral. Na resposta o locutor concorda ou discorda, baseia-se nelas e projeta suas atitudes responsivas desde as primeiras palavras emitidas pelo outro. Por isso Bakhtin (2015, p. 52) defende que o discurso vivo está voltado de modo imediato para a futura palavra-resposta: “provoca a resposta, antecipa-a e constrói-se voltado para ela”. Esse constante processo de compreensão leva em conta, portanto, enunciados anteriores, apropriações e movimentos de reação-resposta do outro, por isso se enche de valor e nessa transposição o ouvinte torna-se locutor.

¹¹ “Pressupomos um certo *horizonte espacial* típico e estável para o qual se orienta a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos”. (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 205).

A compreensão dos enunciados é então inseparável de sua situação de interação, ou seja, os significados não são fixos, mas são substancialmente situados no processo interativo entre o eu e o outro e só assim, em conjunto, produz sentidos. Segundo Bakhtin (2003, [1952-1953], p. 297), toda nossa constituição enquanto sujeitos é em razão do outro, “nosso enunciado é pleno de palavras dos outros”. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos.

Dessa forma, o discurso implica uma compreensão responsiva e uma atitude de responsividade que se refletirá não só pela contemplação do conteúdo temático, mas sobretudo na *avaliação* dada sobre dele. Isso porque o locutor ao selecionar as palavras, a entonação, o destaque dado a determinados elementos, as expressões apreciativas ou depreciativas, modalizações, enfim, ao fazer suas escolhas, o locutor assume um *estilo* para expressar o próprio discurso, com isso se determina também os estilos de língua(gem) que certos gêneros assumem de forma regular a depender da sua finalidade discursiva.

1.7 VALORAÇÃO E ESTILO

Nessa perspectiva discursiva de enunciados que se constituem no reflexo da interação, na fronteira entre o eu e o outro, compreendemos que a valoração ou avaliação social perpassa as relações sociais pelas quais os indivíduos interagem, alcançando os signos ideológicos que fazem parte das realidades sociais de cada contexto. Assim, Medviédev (2012 [1928]) define como *avaliação social* justamente essa “atualidade histórica que reúne a presença singular de um enunciado com a abrangência e a plenitude de seu sentido, que individualiza e concretiza o sentido e compreende a presença sonora da palavra aqui e agora (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 184). Nessa lógica, todo tema, visto como signo ideológico, adquiriu cultural e historicamente algum valor social, o que nos permite dizer então que esses índices de valoração social são responsáveis pela constituição dos signos, à medida que

Ao realizar-se no processo da comunicação social, todo signo ideológico, inclusive o signo verbal, é determinado pelo *horizonte social* de uma época e de um grupo social. [...]em cada época de desenvolvimento social existe um conjunto específico e limitado de objetos que, ao chamarem a atenção da sociedade, recebem uma ênfase valorativa. Apenas esse conjunto de objetos obterá uma forma sígnica, isto é, será objeto de comunicação sígnica. O que então determina esse conjunto de objetos que são enfatizados valorativamente? [...] Convencionamos chamar esta realidade, que se torna objeto do signo, de *tema* do signo. Todo signo acabado, possui o seu tema. Assim, todo discurso verbal possui o seu tema. Um tema ideológico sempre

recebe uma ênfase social. (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 110-111 – grifo do autor)

A partir dessa ideia, entendemos que a existência de um tema está relacionada com as premissas socioeconômicas essenciais dos indivíduos, do grupo ao qual pertencem, pois só tocando na vivência social, real, é que ele obtém significado, recebe valoração, toma forma e portanto, consolida-se linguisticamente. A presença material da palavra serve à avaliação social e suas exigências, isso permite a construção de sentidos a partir de um determinado tema, sendo esse sentido tocado por tom apreciativo/valorativo. É nesse meio que entendemos o conceito de *estilo* como uma apresentação da dimensão textual e discursiva, na qual, por meio das palavras, manifesta-se a fala interior do sujeito, suas valorações e avaliações. Conforme explica Voloshinov/ Bakhtin (1976 [1926]), o estilo é o próprio homem, engendrado do estilo de sua fala interior, e essa fala interior é produto de sua vida social inteira. Portanto, o estilo é a representação linguística do diálogo entre o locutor, seus interlocutores e tema, constituído em todo processo histórico, social e cultural do sujeito. Segundo Polato (2017 p, 54 - *grifo nosso*),

São nas possibilidades de escolhas que a língua oferece e também nas avaliações sociais das quais são representativas, que o **estilo** verbal se engendra. Portanto, a interpretação do estilo é, ao mesmo tempo, a interpretação do funcionamento da língua e das valorações sociais que sustentam o próprio discurso em seus amplos aspectos de realização.

É por conta da valoração social que a língua(gem) se realiza, toma forma. Sendo assim, o estilo de um enunciado é determinado por três fatores: a) o sistema da língua; b) o objeto do discurso e do próprio falante; e c) a relação valorativa falante com o objeto (Bakhtin, 2003, [1952-1953] p, 296). Como se vê, a gramática sozinha não dá conta dos sentidos, não sustenta o discurso porque ele é permeado de valorações. O locutor ao fazer uso da língua(gem), ao selecionar conscientemente as palavras que constituirão o seu discurso, assume um estilo próprio, mas antes disso, sua vontade discursiva se realiza pela escolha de um gênero. Bakhtin (2003, [1952-1953]), argumenta que a intenção discursiva do falante, com toda sua individualidade, é seguida e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero. “Daí decorre que ao investigarmos o estilo verbal do enunciado, não investigamos o ponto de vista gramatical ou o ponto de vista estilístico, em separado, mas o todo orgânico dessa relação imbricada” (POLATO, 2017 p. 54).

Compreendemos então que o tema, visto como signo ideológico, nasce e recebe ênfase social a partir das necessidades socioeconômicas dos indivíduos. Esse signo exterioriza-se na

língua(gem) por meio das palavras, elas que são engendradas da fala interior dos indivíduos, constituídos socialmente e, portanto, possuem avaliações e valorações. Essas valorações por sua vez, tonam-se vistas no discurso por meio das escolhas linguísticas, do estilo de língua(gem) adotado pelo falante, o qual expressa-se por meio dos gêneros discursivos, que possuem relativas formas estáveis reveladas em sua estrutura composicional.

Acreditamos que todas essas relações em conjunto, compõem, na materialidade linguística, as regularidades linguístico-enunciativas de um gênero. Por isso, investigar essas relativas regularidades no gênero carta aberta em contexto de vestibular é uma de nossas motivações para a pesquisa. Assim, após uma breve discussão acerca dos conceitos basilares que sustentam o nosso trabalho, partimos para a subseção na qual evidenciaremos como essas concepções se mostraram importantes para o nosso trabalho.

1.8 COMO OS CONCEITOS BAKHTINIANOS APARECEM NA PESQUISA?

Primeiramente, é preciso frisar que as orientações a partir da concepção dialógica da língua(gem) proposta pelo Círculo de Bakhtin não dizem respeito a uma metodologia rígida de análise da língua(gem), aliás, o círculo nunca se propôs a isso. Trata-se de uma filosofia, na qual estamos assentados e num processo de *idas e vindas* saltam aos nossos olhos algumas diretrizes que orientam o nosso trabalho e podem vir a orientar o trabalho daqueles que se encaminham para os estudos da língua(gem) na perspectiva dialógica.

Embora estejamos tratando de textos produzidos em situação de vestibular, ou seja, deslocados de uma situação de interação natural, entendemos que o candidato, ao se valer dos papéis estabelecidos pelo contexto e comando de produção (posição social, interlocutor, gênero discursivo, finalidade, suporte e campo de atividade), cria enunciados com base nas relações de produção, circulação e recepção do gênero solicitado, ou seja, nas interações sociais. Por isso, nós, no papel de pesquisadores, entramos em contato com os enunciados – proferidos pelos candidatos de vestibular sim, mas enquanto assumem determinada posição enunciativa – para analisar as regularidades linguístico-enunciativas do gênero carta aberta.

A análise dos dados a ser implementada é norteada por esse olhar, procurando reconhecer como os conceitos bakhtinianos se apresentam e, dentro do limite da pesquisa, compreender o sentido dos enunciados (dados), sem nos prendermos a categorias pré-estabelecidas. Sendo assim, os conceitos de *enunciado*, *campo da atividade humana*, *gêneros do discurso*, *auditório social*, *responsividade*, e *valoração e estilo* não foram simplesmente pré-definidos para serem

analisados, mas num processo inverso, eles se destacaram nos textos e direcionaram o rumo de nossa pesquisa.

Atentamo-nos, primeiramente, ao conceito de *enunciados* e como eles constituem as regularidades do gênero carta aberta a partir de suas dimensões sociais e verbais. Em seguida, também evidenciamos o movimento de *responsividade* desses enunciados, primeiro porque eles surgem em resposta aos textos motivadores e ao contexto e comando de produção, e segundo porque são constituídos para uma reação-resposta desejada do *auditório social*, seja ele os professores que compõem a banca de vestibular, seja o interlocutor marcado pelas condições de produção ou os interlocutores esperados de uma carta aberta. Em terceiro lugar, destacamos o *auditório social* como um elemento essencial da carta aberta, visto que esse gênero prevê dentro de sua relativa estabilidade um interlocutor marcado, mas justamente por pertencer ao campo jornalístico e circular em suportes de alcance público, espera-se uma interlocução com esses outros possíveis leitores e participantes da ação. Os conceitos de *avaliação* e *estilo*, no que lhes dizem respeito, agregam em nossa pesquisa pois fundamentam o nosso olhar analítico para identificar e interpretar as regularidades linguístico-enunciativas do gênero carta aberta em situação de vestibular. Por último, alcançamos algumas reflexões sobre o conceito de *campo da atividade humana* e como eles, especificamente, no contexto de nossa pesquisa, podem ter provocado algumas alterações no engendramento do *gênero discursivo* carta aberta. Para tanto, discutiremos na próxima seção a respeito da sócio-história e constituição desse gênero.

2 SOCIO-HISTÓRIA DA CARTA ABERTA E OS GÊNEROS DO DISCURSO EM CONTEXTO DO VESTIBULAR

Tomando como base pesquisas, leituras e nossa experiência docente, procuramos construir, nesta seção, uma espécie de linha do tempo a fim de investigar a natureza sócio-histórica da carta aberta e dos gêneros em contexto de vestibular. Estabelecemos, assim, um olhar sobre a evolução da carta, examinando sua origem e sobretudo seu caráter interativo e dialógico. Além de resgataremos aspectos do vestibular e a opção pelos gêneros do discurso na prova de redação. Para tanto, fracionamos o texto em cinco subseções: a) Carta: a origem de tudo; b) Carta aberta: dimensões sociais e verbais; c) gêneros discursivos e o contexto escolar; d) Gêneros discursivos e o vestibular; e e) A produção dos gêneros textuais no vestibular da UEM: tema, contexto e comando de produção e avaliação.

2.1 CARTA: A ORIGEM DE TUDO

Para compreendermos a carta aberta, é necessário um olhar investigativo para o seu gênero primário: a carta. Bazerman (2006) faz um importante resgate sobre o surgimento desse gênero. O autor descreve que as primeiras cartas apareceram no Antigo Oriente Próximo e na Grécia, e eram utilizadas principalmente pelas autoridades, com finalidades específicas na divulgação de códigos, leis, ordens e proclamações registradas em comandos escritos. As cartas eram entregues a um mensageiro, representante das autoridades, o qual era incumbido de entregar o recado aos seus destinatários, fazendo a leitura sempre em voz alta, para que todos pudessem ouvir.

Com o passar do tempo, a ampliação dos laços sociais modificou também as relações estabelecidas por meio da carta, a qual extrapolou o limite da formalidade, abarcando também as interações familiares, comerciais e administrativas. Nesse sentido, Bazerman afirma que as cartas evoluíram para incluir expressões de preocupação pessoal, e posteriormente mensagens particulares. Desse modo, “as cartas pessoais, familiares tornaram-se comuns entre todas as classes do mundo helênico e romano” (BAZERMAN, 2006 p. 87). Além de estabelecer os laços de amizade, as cartas também exerceram papel importante na igreja cristã, visto que a maioria dos livros do Novo Testamento se constituem por cartas.

A partir do século XVII, com o nascimento do espaço burguês (salões, cafés, lojas), as práticas sociais se alteraram e as cartas passaram a ser utilizadas também pela imprensa. Segundo Peixinho (2014), os jornais se abriram à publicação de cartas de variados tipos, pois

justamente por ser um gênero que tem em seu nível discursivo a presença das marcas dêiticas, aquelas que indicam os participantes de uma situação do enunciado (eu/tu), propiciam a exposição de ideias e a defesa de opiniões. Nesse cenário, as cartas também começam a assumir, inclusive, funções de fomentar debates e discussões públicas.

Com a revolução tecnológica, surgimento do telefone, celulares, e o desenvolvimento dos meios de comunicação, as cartas pessoais caíram em desuso. Assim, o gênero carta ganha outras proporções, ao revalorar seus papéis recorrentes nas práticas públicas comerciais e políticas e por conseguinte dispor de uma grande margem de variação desde aspectos temáticos à organização composicional e estilo. Desse modo, Bazerman (2006), ao discutir a flexibilidade da carta, diz que esse gênero pode ser regularizado de várias maneiras, mas que as relações entre escritor e leitor estarão sempre mostradas pelas regularidades de saudações, despedidas, assinaturas e conteúdo da carta. Sobre esse aspecto, Souto Maior (2001) assevera:

Considerando a carta um produto cultural, social e histórico, existente nas práticas sociais, nota-se uma grande variedade quanto à forma de realização de acordo com o uso e a função que desta são feitos, função primeira de comunicar algo a alguém, conservando os elementos estruturais – remetente/destinatário – comum a outras cartas, que recebem diversos substantivos agrupados ao nome carta (que as fazem ser nomeadas diferentemente) os quais designam a finalidade do texto escrito. Por isso, acreditamos que a carta, independente do meio por que é enviada (correio, faz ou e-mail), faz parte de uma *constelação* que agrupa diversos textos (SOUTO MAIOR, 2001, p. 11).

A variedade de gêneros pressupõe uma variedade de intenções de quem discursa. Assim, a carta ao medir a distância entre os indivíduos, estabelece condições específicas de diálogo entre locutor e interlocutores, possibilitando, conforme o autor, “uma *constelação* que agrupa diversos textos”. Para mais, através do tempo observa-se que ela passou a atender diversas finalidades, adaptando-se para além das situações formais e institucionais, às diferentes necessidades de interações pessoais, o que a faz ser considerada um gênero de “amplo alcance” visto que “suas variantes emergem do campo das relações humanas e ganham contornos próprios delineados pelas condições de produções em que se inserem, nas diferentes práticas de linguagem” (FRANCO e ZANUTTO, 2017a, p. 135).

Além de considerarmos os mais variados temas e as novas transações como responsáveis pela variedade de cartas presentes nas relações humanas, salientamos que as finalidades discursivas são essenciais no entrecruzamento das características gerais desses gêneros, sendo que a posição enunciativa do locutor, o campo de atividade em que o gênero

atua e a responsividade do auditório definem de dentro os valores atribuídos aos envolvidos e consequentemente refletem e refratam nas regularidades linguístico-enunciativas de cada tipo de carta.

De tal modo, afirmamos que à medida que se atende às exigências socioculturais, os gêneros ganham novas faces na sua sócio-histórica e circulação social. Assim, da carta originou-se uma diversidade genérica de cartas: pessoal, de amor, do leitor, de reclamação, de solicitação, de apresentação, de intenção e aberta, nosso objeto de investigação.

2.2 A CARTA ABERTA E A INTRÍNSECA RELAÇÃO COM O CAMPO JORNALÍSTICO

Partindo dos pressupostos bakhtinianos sobre o conceito de campo da atividade humana, vimos que cada campo tem seu próprio modo de orientação para a realidade e mostra isso à sua própria maneira a depender do valor sócio-histórico ideológico assumido por ele. Isso porque “cada campo tem sua função específica na unidade da vida social” (VOLOCHINOV, 2018 [1926], p. 94). O campo jornalístico, do qual provém a carta aberta, é então um daqueles que integram as nossas práticas sociais por meio da produção, circulação e recepção de gêneros discursivos que são gerados e organizados em virtude da sua “função específica” na sociedade. De tal modo, os gêneros que emergem desse campo possuem sua relativa estabilidade quanto ao papel desempenhado socialmente, visto que todos eles, de alguma forma, desempenham caráter informativo, tratam assuntos de relevância para a sociedade, e inclusive, assumem um papel social fundamental - formar opiniões. Sobre essas características, Franco e Polato (2016) defendem:

O campo jornalístico, como um dos principais da atividade humana, tem por finalidade oferecer informações reais e relevantes sobre todas as áreas do conhecimento, por meio de uma linguagem clara, que traduza os conceitos de outros campos para o leitor. Defender e apresentar ao público-leitor opiniões, pontos de vistas, clarificar perspectivas são também objetivos comuns ao campo. (FRANCO; POLATO, 2016, p. 109)

Atendendo a esses anseios que circundam o campo jornalístico, tem-se que os conteúdos temáticos são avaliados considerando sua atualidade e são enunciados, sobretudo, a partir da demanda do próprio campo e de seu auditório. Nessa estreita linha, os gêneros do jornal exigem que o locutor/jornalista se invista de uma posição social/profissional, levando em conta o intuito do jornalismo, as vontades das empresas, a responsividade do público-leitor, e os futuros

desdobramentos que esses enunciados podem alcançar. Por isso, grande parte dos gêneros jornalísticos exigem que seus autores “se instituem como uma posição axiológica que responde as exigências do campo e de cada um de seus gêneros” (FRANCO; POLATO, 2016, p. 109).

Ao reconhecer o funcionamento desse campo, compreendemos o porquê da carta aberta e de outros gêneros que nele circulam dotarem de um grau específico de estabilização. Se o intuito discursivo é informar, defender e apresentar opiniões, é preciso transmitir confiabilidade ao auditório, é preciso convencê-lo do ponto de vista assegurado. Do mesmo modo, se a circulação dos gêneros emerge da vontade discursiva dos interlocutores (jornalistas/autores/empresas de jornal) e da demanda do auditório social, o discurso não é neutro, pois ele reflete e refrata a posição enunciativa do autor/jornalista e os aspectos valorativos dos possíveis leitores do jornal. Por isso, as notícias, reportagens, editoriais, artigos, carta aberta, dentre outros gêneros provenientes desse campo fazem uso de um estilo de língua(gem) mais formal, utilizam estratégias argumentativas para abordar o conteúdo temático ou dar credibilidade ao assunto tratado, denotam uma posição responsiva a enunciados anteriores, recorrem a discursos validativos, concordam ou discordam, atentando sempre à influência que exercem na vida das pessoas.

Na carta aberta, por exemplo, é possível notar todos os aspectos estilísticos característicos do campo jornalístico. No entanto, ela constitui enunciados diferentes, se comparada a qualquer outro gênero desse campo. Isso devido a sua acuidade especial estabelecida pelas condições das dimensões sociais e verbais características desse gênero.

2.3 A CONSTITUIÇÃO DA CARTA ABERTA: DIMENSÕES SOCIAIS E VERBAIS

Em meados do século XVIII, a imprensa passa a desempenhar importantes funções na dinâmica de debate da esfera pública, sobretudo porque a nova formação social, em detrimento dos espaços burgueses, como dito anteriormente, fomentou as discussões sociais. Nesse contexto, na medida em que os papéis e funções das cartas iam se modificando, a carta aberta passa a ser precisamente uma das cartas mais impulsionadas, já que, ao assumir tom opinativo e argumentativo, ganha dimensão pública. Além disso, o fluxo discursivo inerente a esse gênero, marcado pela presença do locutor e interlocutor adquire uma “acuidade especial”, e a utilização disso em contexto jornalístico “potencia a proximidade entre o jornal e o seu público, pois transporta para o domínio público um conjunto de estratégias discursivas típicas da comunicação privada” (PEIXINHO, 2014, p. 10). Nesse sentido, o próprio adjetivo “aberta”,

posteriormente agrupado ao nome carta, refere-se ao fato de torná-la pública, com intenções que estão para além da informação, mas que podem alcançar sobretudo a persuasão.

Sendo assim, a carta aberta começa a aparecer na sociedade para atender as exigências comunicativas de jornais e revistas e desse modo, elas passam a ser “divulgadas em jornais de circulação a fim de informar, questionar, indagar e elogiar diferentes assuntos como política, educação e comércio” (SANTOS, 2019, p. 45). Atualmente, diante das transformações ocorridas no cenário político, econômico e cultural, bem como do avanço das novas tecnologias e sua fácil acessibilidade, observamos que a carta aberta ganhou novos contornos e contextos de circulação: *sites, Twitter blogs, Facebook, Instagram*. Nessa perspectiva nos parece que as finalidades voltadas a persuasão, manifestação e até manipulação, apresentam-se mais intensificadas, à medida que as reivindicações de soluções para impasses sociais também aparecem como regularidades desse gênero, incitando o auditório a uma reação-resposta.

Ressaltamos, então, o diálogo estabelecido entre o locutor e interlocutores como uma característica essencial da carta aberta, e nesse aspecto não nos restringimos àquele interlocutor marcado no título, como também e sobretudo, os outros possíveis interlocutores (leitores do jornal, amigos das redes sociais e/ou interessados na proposta temática), visto que a persuasão muitas vezes se destina mais a esse público, do que propriamente àquele a quem textualmente se dirige a palavra. Sobre isso, Franco e Zanutto afirmam:

Ao considerar que o gênero em funcionamento mobiliza um interlocutor que vai além do que se assinala explicitamente na introdução da carta, no que chamamos de espectador, procuramos mostrar que a carta busca interagir e persuadir, por meio de argumentos, um público que precisa reforçar um movimento social, uma causa a ser defendida, uma determinada reivindicação, entre outras finalidades. Por isso, sua publicização em vez de particularidade com o destinatário (FRANCO; ZANUTTO, 2017a, p. 149-150).

A escolha ou definição do auditório social é elemento determinante para o locutor estabelecer sua argumentação, seu discurso; ela define o fluxo discursivo, o que será dito e como será dito; tema e recursos linguísticos. Inclusive outros fatores essenciais para constituição desse gênero (campo de atividade e intuito discursivo) passam pela definição desses possíveis interlocutores, uma vez que mobilizar este ou aquele gênero, depende essencialmente do auditório social. Na carta aberta, o vocativo indicado no próprio título define um interlocutor, com quem o autor fala explicitamente, e em geral são figuras públicas (presidentes, juízes, líderes, comunitários etc.). Mas justamente por ser “aberta”, é considerado

também, ou até com maior peso, o auditório social que essa carta pode alcançar ao ser publicada em determinados suportes. Seja esse auditório grupos políticos, comunidades, leitores dos jornais, internautas, enfim, pessoas que podem se identificar com o assunto abordado e ajudar na divulgação, pressionando os envolvidos a resolverem o problema. Sendo assim, o alcance interlocutivo da carta aberta é ilimitado.

Quanto ao papel social desempenhado pelo autor, pode ser regularmente assumido por alguém que queira se defender de alguma difamação ou queira expor uma situação da qual foi vítima, mas também por representantes de grupos da esfera pública: comunidade estudantil, trabalhista e associações, alguém que escreve em nome da população, enfim. Expor seus posicionamentos em defesa de uma coletividade, a partir dos valores atribuídos a essa posição social, tem sempre mais credibilidade no contexto em que se insere. Ademais, uma vez que a carta propicia um espaço pessoal de manifestação, potencializa-se um horizonte criativo de autoria, o que permite ao locutor mobilizar de maneira muito particular e própria todos os recursos linguísticos a seu favor, a fim de alcançar seus objetivos, convocar o auditório ao discurso para uma tomada de posição e ação. Essa estratégia de persuasão pode ser considerada uma particularidade do gênero carta aberta.

A carta aberta tem sido recurso de lutas sociais, numa tentativa de minimizar essa relação entre dominante e dominado. Aquele (indivíduo ou grupo) que se sente em prejuízo diante de uma situação (individual ou coletiva) recorre a esse gênero como uma forma de fazer valer outro olhar: o seu. Assim, por meio da escrita, apresenta uma tese, defende-a com argumentos que demonstrem que uma batalha pode se travar pela palavra, buscando o convencimento do seu espectador/interlocutor. E destacamos uma estratégia bastante particular desse gênero: a publicidade (FRANCO; ZANUTTO, 2017a, p. 138).

Considerada um gênero de caráter argumentativo, a carta aberta pode assumir funções sociais diversas, pois ao apresentar um posicionamento junto ao destinatário, concomitantemente amplia seu domínio sobre o leitor, na tentativa de convencer um público maior, ao demonstrar suas insatisfações e clamar resolução de problemas e até mudanças sociais. Nesse sentido, acreditamos que o campo de circulação e suporte onde será fixado esse gênero também influenciam na produção e recepção do conteúdo temático, uma vez que nem todos os temas cabem a todos os gêneros e campos de atuação.

Dessa forma, as dimensões sociais da carta aberta são reveladas na materialidade textual ao evidenciar aspectos como contexto de produção, papel social do autor, valores atribuídos ao auditório social, conteúdo temático e as relações entre campo de atuação desse gênero e suas

condições recepção e circulação. Quanto às dimensões verbais: conteúdo temático, estrutura composicional e estilo incidem sobre os recursos textuais balizados pelo gênero.

Os conteúdos temáticos circundantes da carta aberta são os mais variados, desde religião à política, passando pela arte, cultura, questões ambientais, enfim, sempre considerando que os enunciados que compõem cada gênero já são por si só uma reação-resposta a enunciados anteriores. E em se tratando da carta aberta, estarão sempre voltados ao interesse público. Sendo assim, o intuito discursivo, os objetivos que se pretendem alcançar no engendramento de cada gênero são parte essencial para a constituição deles. Um mesmo tema, por exemplo, pode ser abordado por um artigo de opinião, por um editorial, por uma coluna, por uma resenha ou por uma carta aberta (isso para ficarmos circunscritos a gêneros de caráter argumentativo e do campo jornalístico). No entanto, a forma utilizada para promover o debate de pontos de vista e para conseguir a persuasão do interlocutor, o nível da relação entre esses participantes da ação, alteram definitivamente a atitude do autor face ao assunto, ao outro e a ele mesmo, que irá especificar a forma que determinados temas serão abordados em determinados gêneros.

Quanto à estrutura composicional, a carta aberta se aproxima de outras cartas, já que todas elas possuem certas regularidades quanto à organização. Para Franco e Zanutto (2017a), elas se estruturam em seção de contato, de núcleo e de despedida, mas se diferenciam quanto ao título, visto que este é indispensável para a carta aberta, porque o destinatário é marcado nele. Além disso, o local e data, geralmente indicados logo no início, podem nem ser citados, a depender do suporte de circulação, já que revistas, jornais, blogs entre outros possuem essas informações em suas próprias edições (FRANCO; ZANUTTO, 2017a).

Sendo assim, o núcleo da carta é composto por: i) introdução, na qual apresenta-se principalmente, finalidade discursiva e o papel social do remetente/locutor; ii) desenvolvimento, parte em que se estabelece o diálogo com o interlocutor e apresenta a argumentação com a finalidade de convencer o auditório; e iii) conclusão, quando o locutor apresenta uma solicitação para a resolução do tema em pauta. Para finalizar a carta aberta, o autor do texto deve assinar e, caso opte, poderá marcar ou retomar o papel social. (FRANCO; ZANUTTO, 2017a)

Com relação ao estilo, vale ressaltar que a linguagem formal é sempre mais utilizada, já que o autor de uma carta aberta não possui intimidade com seu auditório, portanto um grau de formalidade pode transmitir um tom culto, dando mais credibilidade aos argumentos utilizados. A escrita em primeira pessoa (singular ou plural), apesar de não ser obrigatoriedade, é uma característica, principalmente quando deseja reforçar o seu papel social enquanto escreve (eu),

ou quando representa a manifestação de uma coletividade (nós). Outrossim, a conjugação no plural é frequentemente reiterada ao longo do texto, atribuindo um efeito de proximidade do autor frente ao problema, e, também como uma estratégia de convidar o leitor à reflexão e inseri-lo no contexto de quem fala. Ao tomar contato com cartas abertas em circulação social, e depois as cartas produzidas no vestibular, constatamos também que modalizadores (certamente, sempre, é possível), verbos diretivos (exigimos, ressaltamos, afirmamos), e adjetivos (inadmissível, absurdo, incontestável) são utilizadas com muita frequência no intuito de validar o que se defende, além claro, das estratégias argumentativas (exemplificação, citações diretas e indiretas), que conferem um movimento dialógico marcando mais credibilidade no que é discutido.

Sendo assim, com o intuito de orientar nossas análises em relação ao gênero carta aberta e conseqüentemente refletir sobre o ensino desse gênero nas escolas, apresentaremos a seguir os quadros 1 e 2, os quais mostram uma síntese das dimensões sociais e verbais da carta aberta, respectivamente:

Quadro 1: Dimensões sociais da carta aberta

Dimensões sociais	
Gênero discursivo Carta aberta	<ul style="list-style-type: none"> - Gênero de caráter opinativo e argumentativo; - Finalidades discursiva de informação denúncia, persuasão, manifestação de opinião pública; - Interlocução marcada e interlocução esperada; -apresenta um posicionamento junto ao destinatário; - incita o auditório a uma reação-resposta. - Por se tratar de uma carta, o autor possui uma “acuidade especial” ao fazer escolhas linguísticas a fim de demonstrar insatisfações e clamar por mudanças sociais.
Contexto	<ul style="list-style-type: none"> - Situação extraverbal da carta; -Textos/enunciados anteriores que podem ter provocado a produção da carta como uma reação-resposta; - Situação e avaliação compartilhada entre papel social do autor/locutor e auditório/interlocutores. - Campo jornalístico e/ ou midiático e o suporte escolhido para a divulgação do texto.
Autor/ Locutor	<ul style="list-style-type: none"> - O contexto interfere e acentua o papel social do autor; - Regularmente assumido por um representante de grupos, organizações, comunidades etc.; - Usa essa posição social para dar credibilidade no contexto em que se insere; - Atua em defesa de uma coletividade; - As escolhas linguísticas revelam o posicionamento do autor e, também a valoração que se tem do auditório social.
Auditório/ interlocutores	<ul style="list-style-type: none"> - Define o fluxo discursivo, o que será dito e como será dito; tema e recursos linguísticos; - Título e vocativos utilizados ao longo do texto revelam o interlocutor marcado: figuras públicas, presidentes, juízes, líderes comunitários etc. - as estratégias argumentativas, escolhas lexicais revelam um interlocutor esperado: sociedade em geral, leitores dos jornais, internautas etc. - Alcance discursivo ilimitado.
Campo de atuação	<ul style="list-style-type: none"> - Campo jornalístico e/ou midiático - Suporte de divulgação: jornais impressos, revistas e/ou redes sociais; - valoração que se tem desses campos, considerando aspectos de recepção e circulação;

Fonte: a pesquisadora

Quadro 2: Dimensões verbais da carta aberta

Dimensões verbais	
Conteúdo temático	<ul style="list-style-type: none"> - Temas de interesse público: meio ambiente, religião, política, cultura etc.; - Enunciados acontecem como reação-resposta a enunciados anteriores; - o tom dado a abordagem temática, revelam um posicionamento afirmado pelo autor (negativo ou positivo)
	<ul style="list-style-type: none"> - Conteúdos que circundam a carta aberta podem ser abordados em outros gêneros; - A mudança de gênero, provocaria uma mudança valorativa do tema, devido a “acuidade especial” da carta aberta (diálogo entre autor, interlocutor marcado e interlocutores esperados) em relação a outros gêneros.
Estrutura composicional	<ul style="list-style-type: none"> - Local e data (a depender do suporte); - Título com o destinatário/interlocutor marcado nele; - Introdução (apresentação da tese defendida e o papel social do remetente/locutor); - Desenvolvimento (parte em que se estabelece o diálogo com o interlocutor e apresenta a argumentação com a finalidade de convencer os demais leitores; - conclusão (geralmente é feita uma solicitação para a resolução do tema em pauta); - Despedida e assinatura.
Estilo	<ul style="list-style-type: none"> - Linguagem formal; - Escrita em primeira pessoa (singular ou plural); - Utilização de modalizadores (certamente, sempre, é possível), verbos diretivos (exigimos, ressaltamos, afirmamos), e expressões avaliativas (inadmissível, absurdo, incontestável); - Estratégias argumentativas (exemplificação, citações diretas e indiretas, contra-argumentos etc.)

Fonte: a pesquisadora.

Ao tomar essas configurações que engendram a carta aberta, bem como o papel desempenhado por ela na sociedade, observamos a grande recorrência de produção, circulação e recepção deste gênero nos mais diversos campos de comunicação, inclusive em contexto escolar nas aulas de Língua Portuguesa nos processos seletivos para preencher vagas na graduação em instituições de ensino superior. Nesse sentido, tendo em vista que o *corpus* a pesquisa se constitui por textos com base no gênero carta aberta em situação de vestibular, dedicamos a próxima seção a uma discussão sobre o ensino de gêneros no contexto escolar e a produção dos gêneros em contexto de vestibular.

2.4 GÊNEROS DISCURSIVOS EM CONTEXTO ESCOLAR

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa, lançados pelo Ministério da Educação (MEC) para o ensino fundamental e médio nos anos finais da década de 1990, evidenciaram a leitura e a produção textual em sala de aula por meio dos gêneros, visto que “a compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino” (PCNs EF, 1998, p. 24). As Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (DCE), por sua vez, definiram para a disciplina de LP, o discurso como conteúdo estruturante para o trabalho em sala de aula, pensando-se especificamente na produção textual escrita dos gêneros discursivos (PARANÁ, 2008). Essa posição implicou que o gênero fosse ensinado em sua materialidade: o texto.

A partir de 2017, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), constituída no intuito de se tornar um documento parametrizador para todas as etapas da educação básica, assumiu uma perspectiva enunciativo-discursiva no que se refere ao componente de Língua Portuguesa, ao definir conteúdos, habilidades e objetivos relativos ao texto, considerados a partir de “[...] seu posicionamento a um *gênero discursivo* que circula em diferentes esferas/campos de atividade/comunicação/ uso da linguagem” (BRASIL 2017, p. 65, grifo nosso). Sendo assim, ao destacar o ensino de LP o Brasil norteador pelos gêneros a partir de sua constituição e funcionamento, o documento prevê perspectivas de potencialização da mobilidade dos alunos em seus mais variados campos de produção, circulação e recepção.

Como podemos observar, os gêneros discursivos conquistaram um espaço significativo dentro das salas de aula, junto a isso, mudanças substanciais tornaram-se inerentes, visto a necessidade de elaboração de novos referenciais nos estados e municípios, a formação de professores, avaliações, a seleção de conteúdos educacionais, assim como os critérios para sua abordagem (BROCARD; ORTEGA; LIMA, 2019, p. 96).

Enquanto professores, entendemos que o desafio é grande. Além de todo descompasso no sistema educacional brasileiro (salas superlotadas, professores desvalorizados etc.), lidamos no dia a dia com as consequências desse impasse que refletem na desmotivação dos alunos de modo geral e mais particularmente em LP na escrita. Sabemos também, que muitas vezes, nos tornamos esse trabalho ainda mais complexo, na medida em que ficamos nos padrões da artificialidade da língua, utilizando propostas totalmente descontextualizadas e que servirão apenas para avaliar o desempenho linguístico de cada aluno. Sobre esse aspecto, lembramo-nos

das palavras de Geraldi (2011) ao enfatizar que a produção de textos na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: “os alunos escrevem para o professor (único leitor, quando lê os textos). A situação de emprego da língua é, pois, artificial. Afinal, qual a graça em escrever um texto que não será lido por ninguém” (GERALDI, 2011, p. 50). Pela perspectiva de Sobral (2011), o que estamos vendo na escola é justamente um problema criado por termos reduzido o gênero ao texto, ou a forma textual, como se todo gênero só pudesse se realizar de uma forma. Nesse sentido, há necessidade de distinguir claramente a prática escolar de usar as formas de gênero como treinamento e o uso real de gêneros na vida extraescolar. Por isso, analisar os contextos de produção, recepção e circulação, com base em textos reais de gêneros, torna-se fundamental para dar sentido à escrita desses alunos e para que aprendam de fato os gêneros.

Devemos mostrar o que é posição enunciativa, dar exemplos e analisar posições enunciativas, com base em textos reais de gêneros. [...] Partir dos seguintes pontos de vista: quem são os produtores típicos desse gênero (quem é que normalmente escreve?) Em que ambiente social são tipicamente produzidos? Em que ambientes sociais eles circulam? Mostrar que há produção, recepção e circulação de gêneros, que diferem segundo o contexto; falar de quem produz, para quem produz e onde produz (SOBRAL; PAULA; FRANCO, 2020, p. 269-270).

Nessa perspectiva dialógica, compreendemos que gêneros não são objetos estáticos, mas formas de interação que possuem sua relativa estabilidade, mas sobretudo as relações enunciativas e finalidades definem sua constituição. Portanto, “se eu trabalho com a forma, estou trabalhando com o texto. Se eu trabalho com a relação enunciativa, estou trabalhando com o gênero, que é o que se realiza na interação, e estou abrangendo o texto. Logo, é esse o ensino a ser seguido na escola” (SOBRAL; PAULA; FRANCO, 2020, p. 272).

Nesse contexto, em conformidade com os documentos oficiais que norteiam o ensino no Brasil e uma vez que as escolas tendem a favorecer os conteúdos cobrados nos vestibulares, ao definirem o que será efetivamente trabalhado em sala de aula, algumas IES perceberam a necessidade de adotar os gêneros discursivos nas provas de vestibulares e programas de avaliação seriada, a fim de diminuir a artificialidade presente nas produções com base em tipologias textuais e incentivar o trabalho de escrita nas escolas usando os gêneros discursivos como referência (ANTONIO; NAVARRO, 2017). Por esse motivo, trataremos agora dos gêneros discursivos e o vestibular.

2.5 OS GÊNEROS DISCURSIVOS E O VESTIBULAR

A inserção da prova de redação nos vestibulares do Brasil se deu a partir 1977 com a “inclusão obrigatória de prova ou questão de redação em língua portuguesa” (BRASIL, 1977), sob a justificativa de que o uso exclusivo de questões de múltipla escolha nos vestibulares seria o motivo do fracasso do uso da língua portuguesa escrita por jovens brasileiros, o que ocasionou, como a medida mais imediata de resolução ao problema, a inclusão da Prova de Redação no Concurso (SOARES, 1978). Tal inclusão obrigatória na prova de LP fez com que o ensino de redação na escola entrasse ainda mais em foco, assim como culminou em pesquisas voltadas para o desempenho linguístico dos candidatos, divulgadas em artigos, dissertações, teses e livros (SILVA, 2018).

Inicialmente as produções dissertativo-argumentativas foram muito frequentes em vestibulares, e ainda hoje o texto dissertativo tem sido o mais recorrente em concursos vestibulares do país, presente também no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que é porta de entrada para as universidades públicas e particulares no Brasil, seja substituindo a prova de seleção das universidades, seja complementando a nota do candidato. No entanto, com os avanços dos estudos sobre os gêneros discursivos, muitas IES do Brasil passaram a solicitar a produção de textos com base nos gêneros discursivos na Prova de Redação, haja vista o desenvolvimento de estudos na área da Linguística Aplicada ao ensino de língua materna que resultou em uma base teórica que sustenta as orientações de documentos oficiais norteadores do ensino em território nacional.

A apropriação dos gêneros é essencial para a socialização, a inserção prática nas atividades comunicativas humanas, uma vez que eles operam, em certos contextos, como forma de legitimação discursiva. Portanto, na medida em que eles refletem as nossas relações sociais reconhecíveis nos mais variados contextos de interação, nada mais relevante do que a avaliação de produção escrita em provas de vestibular ser feita por meio dos gêneros discursivos, considerando todos os aspectos de produção, recepção e circulação desses gêneros e o comportamento humano adaptado a essas situações diferentes de comunicação.

Sendo assim, ao dialogar com documentos que regem o ensino – a Leis de Diretrizes e Bases (LDB) norteiam o ensino de modo geral, já as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) instruem em nível nacional e as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (DCE) orientam em nível estadual - algumas universidades tomaram o gênero como uma espécie de simulacro em um contexto de

comunicação e interação, buscando a inserção do candidato em uma situação de escrita mais próxima da realidade, cujos gêneros “requerem dos sujeitos a compreensão do contexto situacional e do repertório linguístico heterogêneo e variado para o dizer, considerando as diferentes condições de produção” (FRANCO; ZANUTTO, 2017b, p. 269). Essas condições são determinadas com o objetivo de proporcionar um contexto de produção mais próximo a realidade, possibilitando aos candidatos assumir uma postura de autoria que esteja presente nas condições efetivas do gênero.

Dessa forma, algumas universidades públicas – como UEM, Unicamp, UEPG, UNIOESTE, UFSM, UFRGS, dentre outras – substituíram os tipos textuais nas provas de vestibulares e programas de avaliação seriada – narração e dissertação – e optaram por propostas de escritas que incentivam a produção textual a partir dos gêneros discursivos.

2.6 A PRODUÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS NO VESTIBULAR DA UEM: TEMA, COMANDO DE PRODUÇÃO E AVALIAÇÃO

Na prova de Redação de Concurso Vestibular da UEM, aplica-se o termo “gênero textual e não “gênero discursivo, sob a justificativa de que os textos trabalhados nesse contexto “são trazidos de outros campos da sociedade, para serem produzidos em forma de escrita, ressignificando sua essência social, sua unidade enunciativa”. (MENEGASSI, 2017, p. 26). Sendo assim, em conformidade com os documentos norteadores e com a intenção de promover um efeito retroativo no ensino médio, principalmente na área de abrangência da UEM, a universidade, a partir de 2008, optou por adotar os gêneros textuais para compor a prova de redação.

A Comissão de Vestibular Unificado (CVU) da Universidade Estadual de Maringá (UEM) estabeleceu, desde então, uma lista de gêneros textuais a serem contemplados pelo Vestibular Unificado, bem como pelo Processo de Avaliação Seriada – PAS. Essa lista, que passou por algumas exclusões e inclusões, atualmente se compõe por seis gêneros: artigo de opinião, resposta argumentativa, relato, carta do leitor, carta de solicitação e carta aberta, uma das inclusões em relação à primeira lista.

Sobre a organização das propostas de redação, grande é a especulação em torno do tema, tanto antes quanto depois da realização das provas. Durante alguns anos trabalhando com as propostas de redação solicitadas nos vestibulares da UEM, notamos que o conceito de tema adotado pela universidade difere do que comumente denomina-se “tema” ou “assunto” fornecido de forma geral pelas escolas, livros didáticos e outros processos avaliativos, cujas

propostas apresentadas não definem o objetivo ou não revelam preocupação socio interativa explícita, como é o caso do próprio ENEM.

Observamos que a denominação de tema nas provas de redação da UEM aproxima-se de uma perspectiva enunciativa, também adotada pela UNICAMP, pois “considera a natureza dialógica e interativa da linguagem ao propor como escrita um texto situado (social e historicamente)” em um determinado campo da atuação humana. Nesse âmbito, entende-se que o tema é mais do que simplesmente o conteúdo a ser abordado no texto, mas, sobretudo, é o sentido expresso pelo texto tomado como “único e irrepetível”, “justamente porque se encontra viabilizado pela apreciação de valor do locutor no momento de sua produção” (NEVES, 2019, p. 39).

Como se vê, para exaurir o conteúdo temático nos processos seletivos da UEM, é necessário que o candidato compreenda plenamente o tema direcionado pelos textos motivadores que acompanham a prova de redação, os quais visam promover um exercício de leitura e de reflexão antes mesmo da produção textual. Sendo assim, não são escolhidos temas genéricos, sobre os quais os candidatos devem apenas discorrer, mas observamos uma opção por temas atuais, que circulam nas discussões da mídia e promovem reflexões ideológicas diferentes. Por isso, é esperado do candidato um posicionamento frente ao recorte temático proposto, o qual será materializado pelas escolhas linguísticas e discursivas engendradas nos gêneros textuais.

A solicitação desses gêneros é realizada por meio de comandos de produção textual elaborados por professores da organização do vestibular para orientar o candidato na sua produção escrita. Menegassi (2012), ao analisar os comandos de provas de redação da UEM a partir das teorias bakhtinianas, observou algumas características gerais, sendo elas: i) finalidade: para que vai se escrever o texto, qual é o seu objetivo definido; ii) interlocutor: a pessoa a quem o produtor do texto se dirige; iii) gênero discursivo: a definição do texto que será produzido; iv) circulação social: lugar social determinado para circulação; v) suporte textual: determinado veículo de circulação, jornais, revistas etc. ; e iv) posição do autor: papel social definido através das marcas linguístico-discursivas diretamente no texto produzido (MENEGASSI, 2012, p. 254-258)

Especificamente para a construção, aplicação, produção e avaliação da prova de Redação em situação de concurso vestibular da UEM, esses elementos são essenciais, na medida em que se espera do candidato uma atitude responsiva em relação ao comando de produção. Assim, o vestibulando deve construir seus conhecimentos e posicionamentos sobre

o tema que irá abordar a partir dos objetivos que se pretende atingir com o texto; do exercício que o outro (interlocutor) tem sob sua posição de autoria assumida no momento da escrita; da relativa estabilidade de cada gênero discursivo; além da ideia de lugar e a que suporte esse texto estará vinculado, já que esses também são partes inerentes do projeto de produção textual.

Já a avaliação da redação é realizada por uma banca formada por profissionais da área de Letras, sempre visando, de acordo com os manuais do candidato, aspectos como capacidade de produção do gênero solicitado; respeito ao padrão culto da língua escrita; organização na apresentação das ideias expostas; compreensão e interpretação das informações dos textos de apoio e das propostas de produção escrita. Além desses aspectos gerais, a avaliação é realizada a partir de alguns critérios estabelecidos pelos especialistas que formulam a prova, que levam em consideração o conteúdo e a forma. Para melhor compreensão, apresentamos a planilha com os critérios de avaliação que consta no Manual do Candidato do Vestibular de Inverno 2019.

Figura 1: Planilha com critérios de avaliação

CONTEÚDO	
Objetiva-se e avaliar a capacidade de o candidato produzir determinado gênero textual, a partir da leitura da temática proposta na coletânea de textos ou em textos oferecidos como estímulo e apoio, bem como atender às condições de produção estabelecidas no enunciado do comando de cada gênero.	
TEMÁTICA	ATENDIMENTO AO COMANDO
Avalia-se o desenvolvimento da temática pertinente a cada gênero textual solicitado, observando os níveis de exauribilidade do tema, a partir de textos oferecidos como estímulo e apoio à produção escrita.	Avalia-se o atendimento às condições de produção expressas no comando de cada gênero textual.
FORMA	
Objetiva-se avaliar a organização composicional típica do gênero textual solicitado, a coesão e a coerência em função da materialização das ideias e o desempenho linguístico em consonância com a variedade linguística, mas sempre observando a modalidade culta da língua escrita.	
ORGANIZAÇÃO TEXTUAL	DESEMPENHO LINGÜÍSTICO
Avalia-se a estrutura organizacional típica do gênero textual solicitado, considerando os mecanismos de coesão e de coerência necessários para a sua materialização ou textualização.	Avalia-se o desempenho linguístico a partir da modalidade culta da língua escrita, observando os níveis de construção de parágrafos, frases, períodos, orações, palavras e seus elementos constituintes (ortografia, pontuação, regência, concordância etc.).

Fonte: Disponível em: <http://www.cvu.uem.br/composicaoprovas.html> acesso em: 27 de junho de 2021.

A redação com a produção de gêneros apresenta, desde o primeiro concurso, valoração de até 120 pontos, tendo o candidato que alcançar, no mínimo, 20% desse valor para não ser desclassificado do processo do vestibular. Até o ano de 2018 eram solicitados aos vestibulandos em geral dois gêneros por concurso. A partir de 2019 passou a ser cobrada a produção de apenas um gênero mantendo-se a pontuação para avaliação do texto (até 120), que deve ser produzido, obrigatoriamente, na folha de versão definitiva da redação para ser avaliado.

Como dito anteriormente, nosso objeto de pesquisa é produção textual da carta aberta, gênero solicitado no vestibular de verão 2019 pela UEM. Por isso, nas próximas seções nos dirigimos à apresentação dos pressupostos metodológicos que orientam a pesquisa, bem como a postura adotada por nós, enquanto pesquisadores, diante dos enunciados.

3. PRESSUPOSTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Entendemos que definir os contornos metodológicos é parte essencial para a realização e alcance de nossa pesquisa. Tais pressupostos vão muito além do que cumprir com os requisitos meramente formais desta dissertação, mas tornam-se aqui o fio condutor da nossa investigação e responsabilidade com o estudo científico. Nesta seção, nos dedicamos a situar o interlocutor no caminho percorrido, mas, sobretudo, evidenciar o nosso olhar enquanto pesquisadores ancorados no método sociológico do círculo de Bakhtin, sobretudo ao delinear o contexto investigativo e os processos para a geração de dados.

Vale ressaltar que Beillerot (2011 p. 74) aponta três condições mínimas para se fazer uma pesquisa de qualidade: “produção de novos conhecimentos, produção rigorosa de encaminhamento, e comunicação de resultados”. Sendo assim, adotaremos tais direcionamentos como conducentes do nosso percurso, com o intuito de assegurar o rigor científico da investigação e o nosso compromisso com a pesquisa. Por esse motivo, as próximas subseções destinam-se a apresentar de forma muito responsável o caráter científico que se estabelece no campo das Ciências Humanas, a natureza da pesquisa, suas bases antológicas e epistemológicas, além de possíveis implicações a respeito dos cuidados éticos e os resultados que pretendemos alcançar com essa pesquisa.

3.1 A PESQUISA

Vinculada ao programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá e integrada a linha de estudos “Ensino e Aprendizagem de Línguas”, a presente pesquisa insere-se no escopo da Linguística Aplicada sócio-histórica de base dialógica¹² e tem como objetivo verificar as regularidades encontradas no projeto linguístico-enunciativo dos textos produzidos, sem perder de vista a finalidade desempenhada por esse gênero na sociedade.

¹² Em entrevista ao *O Consoante*, Acosta-Pereira (2017) discute sobre a Linguística Aplicada sócio-histórica, apresentando suas possíveis bases, a saber: dialógica, antropológica, cultural etc. No nosso caso, ao marcamos uma perspectiva de base dialógica, estamos reafirmando a circunscrição da pesquisa no domínio dos escritos do Círculo de Bakhtin. Link da entrevista: <http://oconsoante.com.br/2017/12/09/entrevista-especial-ii/>

À luz da concepção dialógica de linguagem advinda dos postulados do Círculo de Bakhtin, essa investigação de cunho qualitativo¹³ subjetivista pauta-se na análise documental de paradigma interpretativista, pois incide sobre interesses humanos, sobretudo no que tange ao uso da língua(gem) no contexto investigado e os critérios estabelecidos para a análise do *corpus*, além das reflexões realizadas para alcançar os resultados obtidos. Objetivamos, assim, uma análise sociológica das formas da língua, partindo de sua dimensão social para se chegar à dimensão verbal.

Em síntese, para proceder à análise dos dados, assumimos uma postura discursiva, tendo como base um estudo de gêneros do discurso de cunho dialógico, circunscrito pelo método sociológico do Círculo de Bakhtin.

3. 2 A PESQUISA DE NATUREZA QUALITATIVA INTERPRETATIVISTA

Cabe a esta investigação compreender um fenômeno social em determinados tempo e espaço (BORTONI-RICARDO, 2008) e, por esse motivo, a configuramos de natureza qualitativa subjetivista, inserida sob um paradigma de epistemologia interpretativista.

Denzin e Lincoln (2005) definem a pesquisa qualitativa, de maneira geral, como uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Isso quer dizer que pesquisadores qualitativos podem compreender fenômenos ao mobilizarem práticas interpretativas, atribuindo valores diferentes daqueles que outros sujeitos já puderam lhe conferir.

Lincoln e Guba (2006), por sua vez, consideram uma pluralidade de definições para a pesquisa qualitativa, por isso, sugerem uma explicação orientada por paradigmas, que representam tendências de como as pesquisas qualitativas têm sido realizadas, principalmente, em termos ontológicos e epistemológicos. Nesse sentido, segundo os autores, a ontologia refere-se à natureza do ser; enquanto a epistemologia, à natureza do conhecimento. Logo, ao denominarmos pesquisa de ontologia subjetivista, entendemos que esta é socialmente construída, com foco no significado, ou seja, apresentamos os dados a partir de interpretações feitas pela pesquisadora, desde os primeiros contatos, até os resultados obtidos. Do mesmo modo, adotamos a epistemologia interpretativista que, de acordo com Bortoni-Ricardo (2008), nasce justamente da compreensão de que as Ciências Humanas não podem negligenciar o

¹³ Mesmo que de natureza qualitativa, esta pesquisa vale-se de método quantitativo para a apresentação dos resultados de análise visto que “métodos quantitativos são usados na pesquisa qualitativa para servir as finalidades delimitadas pelo pesquisador” (REIS, 2006, p. 106).

contexto sócio-histórico, por isso, os conhecimentos produzidos ao longo desse trabalho são advindos desse gesto interpretativo adotando uma perspectiva social, cultural e histórica.

Para atender essa perspectiva de inter-relação, é preciso uma aproximação significativa dos pesquisadores em direção ao que se pesquisa (CRESWELL, 2007). Por isso, ao tratarem sobre o paradigma interpretativista, Lincoln e Guba (2006) salientam o pesquisador como o principal instrumento de pesquisa, cuja função é manter uma relação direta com o ambiente e a situação investigada. Nesse sentido, Bortoni-Ricardo (2008) aborda alguns postulados pensando no professor como pesquisador e, também sujeito da pesquisa:

O docente que consegue associar o trabalho de pesquisa a seu fazer pedagógico, tornando-se um professor pesquisador de sua própria prática ou das práticas pedagógicas com as quais convive, estará no caminho de aperfeiçoar-se profissionalmente, desenvolvendo uma melhor compreensão de suas ações como mediador de conhecimentos e de seu processo interacional com os educandos. Vai também ter uma melhor compreensão do processo de ensino e de aprendizagem (BORTONI-RICARDO. 2008. p. 32-33).

Considerando nossa posição de professores e pesquisadores, a citação acima nos trouxe grande incentivo. Pensar que estamos trilhando um caminho em busca de aperfeiçoamento profissional e mediação de conhecimentos para melhoria da educação nos trouxe a motivação necessária para a realização desse trabalho. Nesse estudo, nós (pesquisadora e orientador) nos responsabilizamos por um papel indispensável, realizamos juntos todo o processo de pesquisa, desde a escolha do material a ser analisado até os apontamentos finais, priorizando sempre um olhar dialógico frente aos textos, mas também em nossas atitudes enquanto professores e pesquisadores, até porque “não há como observar o mundo independente das práticas sociais e significados vigentes” uma vez que “a capacidade de compreensão do observador está enraizada em seus próprios significados, pois ele (ou ela) não é um relator passivo, mas um agente ativo” (BORTONI-RICARDO, 2008, p.32). Aqui, então, reconhecemos nossa posição de sujeitos não neutros, já discutida por Rohling (2014, p. 58), pois “não existe pesquisa sem posição axiológica, sem ser infiltrada/encharcada por meandros ideológicos”, principalmente quando compreendemos a linguagem sob a perspectiva dialógica na trilha do Círculo de Bakhtin.

Em se tratando de metodologia da pesquisa, podemos encontrar um conjunto de métodos e práticas a ser empregado nas pesquisas qualitativas interpretativistas, dentre elas a análise documental, sobre a qual discorreremos no próximo tópico.

3.3 PESQUISA DOCUMENTAL

A pesquisa desenvolvida nesta dissertação se dá, metodologicamente, por meio da análise documental, além é claro de nossa postura frente ao método sociológico do Círculo de Bakhtin. Isso porque, como já foi adiantado, este estudo explora documentos – textos escritos pelos candidatos de vestibular. Sendo assim, faz-se relevante explicar, mesmo de forma aligeirada, o tipo de análise, em termos metodológicos, para o andamento da investigação.

Podemos afirmar que nosso percurso investigativo se encaixa na metodologia de análise documental, uma vez que daremos um tratamento analítico aos materiais, buscando novas interpretações e constituindo dentro de nossa perspectiva teórica um olhar dialógico valorativo para os enunciados. Lüdke e André (2013, p. 38) consideram que a análise documental, embora seja pouco explorada na área da educação e, também em outras áreas da ação social, pode-se constituir em “uma valiosa abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”. Além disso, as autoras elencam como uma das vantagens dessa técnica o fato de que ela permite “a obtenção de dados quando o acesso ao sujeito é impraticável” (LÜDKE; ANDRÉ, 2013, p. 39), o que ao nosso ver pode-se encaixar perfeitamente em nossa pesquisa, considerando o *corpus* do nosso trabalho, produzidos em situação de vestibular. Sendo assim, o conceito de documento deve ser compreendido como “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano” (PHILLIPS 1974, apud LÜDKE; ANDRÉ, 2013, p. 38).

A pesquisa documental é muito semelhante à pesquisa bibliográfica, mas difere-se especialmente por conta de seu objeto de análise – que é, no lugar de um livro que conta com diversas contribuições, um documento passível de análise, tal como um documento oficial.

Sobre esse tipo de pesquisa, Gil (2008) explica que

Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam, ainda, um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa [...] (GIL, 2008, p. 51).

Assim, a fonte documental para pesquisa é considerada uma fonte primária, desprovida de possíveis alterações ou interpretações, senão dos próprios criadores dos documentos. Consideramos que os textos escolhidos para esse *corpus* já passaram por uma banca de

avaliação, porém, esse fator não modifica nosso encaixe metodológico, uma vez que eles não sofreram alterações, bem como, não temos conhecimentos das interpretações realizadas pelos professores no momento da correção, e conforme prevê o próprio Manual do Candidato, os textos, ao serem repassados ao(s) grupo(s) de pesquisa solicitante(s), não acompanham os nomes nem as notas dos candidatos.

Logo, no caso deste estudo, os documentos de análise podem ser considerados como documentos de fonte primária, provindo de arquivos privados – já que as produções textuais dos candidatos passam a ser propriedade da UEM após publicação do resultado do vestibular:

Após a publicação do resultado final do Vestibular 2020, a produção textual dos candidatos passa a ser propriedade da UEM, que poderá utilizar esse material em pesquisas e em cursos de extensão nas áreas de Linguística, de Língua Portuguesa, de Literatura e de Ensino de Língua Materna, ou em outras áreas, com o objetivo de contribuir para pesquisas e para melhorias na qualidade dos Ensinos Fundamental, Médio e Superior. Os textos, ao serem repassados a grupo(s) de pesquisa solicitante(s), não terão os nomes nem as notas dos candidatos revelados, a fim de evitar identificação da autoria. Além disso, não serão utilizados ou publicados com a grafia original do candidato em quaisquer suportes (Manual do Candidato, 2019, p. 24).

Para tanto, o pesquisador “que deseja empreender uma pesquisa documental deve, com o objetivo de constituir um *corpus* satisfatório, esgotar todas as pistas capazes de lhe fornecer informações interessantes” (CELLARD, 2008, p. 298). Dessa forma, busca-se analisar cuidadosamente cada texto, compreendendo as interpretações dos resultados expostos por meio dos dados qualitativos. Por esse motivo, por meio da pesquisa documental, é possível identificar as discrepâncias e as concordâncias ao analisar dialogicamente a carta aberta em contexto de avaliação. Nesse sentido, o quadro abaixo esclarece a caracterização da análise realizada ao longo da investigação como documental:

Quadro 3 – A análise documental em tela

	A ANÁLISE DOCUMENTAL	A ANÁLISE DOCUMENTAL EM TELA
Objeto(s) de análise	Documentos oficiais, de fonte primária, sem que tenham sofrido alterações.	O objeto de análise da investigação são as regularidades linguístico-enunciativas do gênero carta aberta em situação de vestibular – os textos produzidos pelos alunos não sofreram alterações e são considerados primários, na medida em que nós pesquisadores não temos conhecimentos das interpretações realizadas pelos professores no momento da correção, conforme prevê o próprio Manual do Candidato
Fonte do(s) objeto(s) de análise	Os documentos podem provir de: Arquivos públicos - Arquivos particulares - Fontes estatísticas - Outros.	Os textos produzidos no vestibular da UEM tornam-se arquivos privados da instituição.
Caráter da análise	A análise pode ser de caráter qualitativo ou quantitativo, a depender dos objetivos da pesquisa.	A análise está pautada nas regularidades linguístico-enunciativas da carta aberta de caráter qualitativo com teor interpretativo subjetivista, e vale-se de método quantitativo para apresentação dos resultados de análise.
Encaminhamentos metodológicos	Os encaminhamentos a partir dos objetivos da pesquisa variam conforme o(s) objeto(s).	A análise documental das redações partirá das seguintes partes: textos motivadores; comando de produção; textos produzidos pelos candidatos. A análise está sempre pautada nos objetivos previamente definidos.

Fonte: adaptação do quadro utilizado por SANTOS-CLERISI, G. D. (2020, p. 61)

3.4 CONTEXTO DA PESQUISA

Ao considerar o texto como objeto de estudo, é necessário delimitar o contexto em que será coletado o *corpus*. Assim, escolhemos produções textuais do Processo Seletivo para Ingresso nos Cursos de Graduação da Universidade Estadual de Maringá (UEM) - Vestibular de Verão 2019- com o objetivo de estudar o gênero carta aberta em processo avaliativo, a fim de observar: o movimento de responsividade dos candidatos perante aos textos motivadores e condições de produção; a interlocução marcada e esperada como elemento constitutivo do gênero carta aberta; e as regularidades linguístico-enunciativas desse gênero considerando sua transposição para fins avaliativos. Por se tratar de textos que foram produzidos em situação de vestibular, nesta seção, são descritas algumas informações mais especificamente sobre o vestibular de verão 2019 UEM.

De acordo com o Manual do Candidato (2019), as inscrições para esse processo seletivo, gerador do *corpus* investigado, foram realizadas exclusivamente pela internet no período de 19 de agosto a 18 de setembro de 2019 e as provas ocorreram entre os dias 8 e 9 de dezembro de 2019. De acordo com a Resolução n.º 033/2013-CEP, 20% das vagas anuais ofertadas aos cursos de graduação da referida Universidade, por curso, turno e campus, são destinados aos candidatos selecionados pelo Processo de Avaliação Seriada da UEM (PAS-UEM). Assim, para o ano letivo de 2020, 80% das vagas anuais foram destinados aos ingressantes por Concurso Vestibular, divididas entre os Vestibulares de Inverno 2019 e de Verão 2019. Neste Concurso Vestibular de Verão 2019, foram oferecidas 1.519 (um mil quinhentas e dezenove) vagas, distribuídas de acordo com a disponibilidade dos cursos. A escolha deste processo para realização do nosso trabalho se deu, justamente, após efetuarmos uma busca no site da CVU (Centro de Vestibular Unificado) e observamos que este foi o terceiro processo até então, em que foi solicitado o gênero carta aberta em contexto de vestibular na referida universidade. Além disso, como trataremos nas próximas seções, nossos olhares já se voltavam para esse gênero, visto sua atual recorrência em situação real de produção e, também pelo espaço que este vem tomando em processos seletivos de outras instituições de ensino.

Ainda segundo o Manual do Candidato (2019), o processo seletivo no qual buscamos o nosso *corpus* foi realizado em dois dias consecutivos e constituiu-se das seguintes provas, cada uma delas com até cinco horas de duração – Prova 1 – Conhecimentos Gerais e Redação; II – Prova 2 – Língua Portuguesa, Literaturas em Língua Portuguesa, Língua Estrangeira e Conhecimentos Específicos. Além disso, a elaboração das provas seguiu os programas apresentados no Manual do Candidato, respeitando-se as normas pedagógicas recomendadas pelas diretrizes e pelos parâmetros curriculares do ensino médio.

A prova de redação foi composta a partir de uma coletânea de três textos motivadores, os quais apresentaram um recorte temático a respeito da proibição do uso de canudos plásticos em estabelecimentos comerciais de algumas cidades - tema que rendeu muitas discussões naquele ano, inclusive entre os adolescentes e jovens. O contexto e o comando de produção, após orientarem o candidato sobre os papéis sociais específicos daquela situação (posição social do autor, interlocutor, suporte de divulgação, circulação e finalidade discursiva), solicitaram aos candidatos a produção de uma carta aberta. Todos esses elementos serão apresentados na seção 5 dessa dissertação, na qual reservamos um momento para discussões dos vieses abordados pelos textos motivadores e a valoração estabelecida pelos elementos do comando de produção. Só, então, faremos as análises dos textos produzidos pelos vestibulandos.

3.5 CORPUS DA PESQUISA

O *corpus* constitui-se em princípio por um total de 100 (cem) textos do gênero carta aberta produzidos no Vestibular de Verão 2019 (UEM), distribuídos em: 30 (trinta) redações com notas máximas; 40 (quarenta) redações com notas medianas; e 30 (trinta) redações com notas zero. Devido à extensão inicial do *corpus*, após alguns movimentos de idas e vindas a esses textos, foram escolhidas um total de 36 (trinta e seis) redações que por meio de textos completos, excertos ou dados quantitativos¹⁴ se agregaram a essa pesquisa. Por serem redações com regularidades comuns visto a distribuição de notas, selecionamos aquelas que melhor ilustraram ou responderam algumas perguntas norteadoras:

- i Em contexto de vestibular, como um candidato ao construir o exemplar do gênero carta aberta responde ao comando de produção?
- ii O candidato/autor em situação de vestibular alcança a interlocução esperada do gênero carta aberta?
- iii Quais são as regularidades linguístico-enunciativas do gênero carta aberta em contexto de vestibular?

Dessa forma, foram selecionadas para compor essa pesquisa 30 (trinta) redações com notas máximas; 3 (três) redações de notas medianas; e 3 (três) redações com nota zero. Conforme já afirmamos, a escolha pelo gênero carta aberta justifica-se pela significativa visibilidade que tem tomado como recurso para manifestações e reivindicações em torno de diferentes temáticas sociais, sobretudo, na atual conjuntura brasileira, bem como pela recente inclusão da carta aberta como um dos gêneros solicitados em provas de redação nos vestibulares.

Observamos que o gênero carta aberta, antes vinculado exclusivamente ao campo jornalístico, tem ganhado notoriedade e, por isso, está cada vez mais presente em diferentes práticas de linguagem, alcançando inclusive o público jovem e, conseqüentemente, ganhando espaço em outros campos de circulação, sobretudo nas redes sociais e, também, em contextos de simulacro de produção textual escrita, como os de processos de seleção a uma vaga em universidades. A título de exemplificação, nota-se que este gênero passou a fazer parte dos conteúdos de Língua Portuguesa nas escolas, atendendo as prerrogativas dos documentos

¹⁴ O fato de termos usados dados quantitativos para comprovação das análises empreendidas não é suficiente para enquadrarmos essa pesquisa em uma natureza quali-quantitativa, tendo em vista que a geração desses dados não fazia parte do projeto inicial, mas passaram a agregar a pesquisa ao longo do processo.

oficiais norteadores como os PCNS e agora BNCC, que preveem o ensino dos gêneros com base nas práticas cotidianas em que os alunos estão inseridos, como objetivo para o ensino e aprendizagem da Língua. Além disso, ao realizarmos a busca sobre os gêneros solicitados em vestibulares até o presente momento, verificamos que algumas universidades também passaram a solicitar esse gênero como proposta avaliativa para as provas de redação nos vestibulares, como própria UEM, a partir de 2015, e outras IES, como UFSM e UNICAMP, que já solicitavam antes mesmo desta.

Feita a escolha pelo gênero carta aberta, notamos também a ausência de pesquisas voltadas para a investigação de uma análise linguístico-enunciativa com base no método sociológico do Círculo de Bakhtin - o que nos serviu ainda de maior motivação para acreditar neste trabalho. Para se chegar a essa afirmação, foi necessário realizar um levantamento no Banco de Dissertações e Teses do Portal da CAPES/MEC, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDBD, no Google Acadêmico e livros que pautaram nossos estudos. Assim realizou-se uma busca por trabalhos que continham no título ou assunto a palavra “carta aberta”. Para nossa surpresa, as buscas totalizaram poucos trabalhos que serão indicados a seguir:

Quadro 4: Dissertações, teses, artigos e capítulos de livros encontrados no Banco de dados da CAPES, BDBD, Google Acadêmico e livros.

Tipo de documento	Título	Por	Instituição/ editora	Ano
Tese	Cadeias referenciais em textos do gênero carta aberta : um projeto didático para educação de jovens e adultos	LEITE; Maria de Carvalho.	UFMG	2014
Dissertação	Ressignificando a produção textual na EJA: uma experiência com o gênero textual carta aberta .	BRITO, Lidiane Moreira Silva de	UEPB	2015
Artigo	Recursos interpessoais da linguagem em carta aberta na perspectiva sistêmico-funcional.	FUZER, Cristiane; e GONÇALVES, Andrielle Bairros.	UFSM	2016
Capítulo de livro	O gênero carta aberta : da interlocução marcada à interlocução esperada.	FRANCO, Neil Armstrong de Oliveira; e ZANUTTO, Flávia.	EDUEM	2017
Dissertação	A carta aberta como instrumento de ação social: uma proposta à luz do letramento na EJA.	OLIVEIRA, Jean Rodrigues de	UEPB	2018
Dissertação	Padrões para a identificação da unidade central em textos do gênero carta aberta avaliação	SANTOS, Sâmia Letícia Cardoso dos	UEM	2019
Dissertação	A coesão sequencial em textos do gênero carta aberta : proposta de intervenção para o ensino fundamental.	COSTA, Jedial Ferreira da	UFRN	2019

Fonte: a pesquisadora (com base nos dados fornecidos pela CAPES e BDBD, grifo nosso)

A tabela apresenta dados a partir de 2014 porque não foram encontradas pesquisas com esse recorte temático em anos anteriores. Além disso, como podemos observar, não há trabalhos que se voltem para a perspectiva dialógica da linguagem, tampouco que descrevam as regularidades linguístico-enunciativas da carta aberta. Sendo assim, ao considerar a intenção inicial de se investigar textos produzidos por candidatos de vestibular, selecionado o gênero e a perspectiva teórica pelo método sociológico do Círculo de Bakhtin, postura discursiva que será adotada e pela qual discorreremos a seguir.

3.6 UMA POSTURA DISCURSIVA PELO MÉTODO SOCIOLÓGICO DO CÍRCULO DE BAKHTIN

Conforme aponta Acosta-Pereira (2017), entendemos que existem diferentes correntes teóricas nos campos da Linguística e da LA que procuram investigar os gêneros discursivos como competências mediadoras de práticas sociais cotidianas nos mais variados campos da atuação humana. No entanto, como uma postura que adotamos não só para esta pesquisa, mas também e sobretudo para a vida, buscamos estudar os enunciados do gênero carta aberta em situação de vestibular, considerando o método sociológico do Círculo de Bakhtin para criar nosso próprio percurso de análise, visto que a apreensão dos sentidos aqui “é proveniente das relações dos interlocutores nas manifestações discursivas, as quais acontecem dentro de um processo de interação verbal, não se apartando, contudo, da língua(gem)” (KRAEMER; LUNARDELLI; COSTA-HUBES, 2020, p. 63), ou seja, concebemos a língua na interação verbal em seu processo ininterrupto, dinâmico e flexível.

Dentro desse mesmo panorama epistemológico, revisitamos as postulações propostas por Costa-Hübes (2017) sobre as dimensões social e verbal dos gêneros do discurso e por Rojo (2005) em relação à perspectiva de análise enunciativo-discursiva para se alcançar a relativa estabilização linguístico-enunciativa dos gêneros. As considerações teórico-metodológicas de análise do uso da linguagem postuladas por Volóchinov (2018 [1929], p. 223) asseguram que uma análise produtiva das formas da totalidade dos enunciados “deve se fundamentar no enunciado concebido como um fenômeno real da língua(gem) e como uma estrutura sociológica”. Por esse motivo, apresentamos a ordem metodologicamente fundamentada, sobre a qual orientamos o nosso olhar investigativo para o estudo da língua(gem):

- 1 Formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas;

- 2 Formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros do discurso verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica;
- 3 Partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual. (VOLOCHINOV 2018 [1929], p. 220)

É importante dizer que as formulações acima não são uma ordem rígida e fechada, criada por Volochinov como um caminho teórico-metodológico a ser seguido na linguística aplicada. Na verdade, essa não foi uma proposta do Círculo. Nós, enquanto pesquisadores da língua(gem), enxergamos nessa ordem de análise e em sua concepção, algumas diretrizes que podem vir a orientar o trabalho daqueles que se encaminham para os estudos da língua(gem), inclusive no que se refere ao ensino e aprendizagem de línguas.

A partir das postulações do Círculo, é possível dizer que para um estudo dos gêneros discursivos na perspectiva dialógica do círculo, é necessário considerar, inicialmente, o contexto de produção em que este está inserido, pois o seu sentido é construído na interação entre sujeitos - locutor e interlocutor(es) - a partir de determinado contexto sócio-histórico. Sobre esse aspecto, Rodrigues (2001, p. 22) explica que para além de uma parte verbal expressa, fazem parte do enunciado outros aspectos constitutivos “que se pode denominar como a sua dimensão extraverbal, ou a sua dimensão social constitutiva”. Assim, entendemos que tomar o gênero discursivo como objeto de estudo exige muito mais que uma análise puramente linguística, pois pressupõe compreendê-lo e estudá-lo em toda a sua plenitude, considerando desde seu complexo semântico, até seu contexto sócio-histórico e valorativo em que as marcas da interação se configuram.

Nesse viés, com o intuito de orientar a interpretação do modelo sociológico e análise da língua, Costa-Hübes (2017) propõe a investigação dos gêneros considerando primeiramente as dimensões sociais – ditadas por elementos que não se encontram no plano material do texto-enunciado, mas incidem diretamente nas escolhas linguísticas do locutor e suas finalidades discursivas, sendo elas: i) horizonte espacial e temporal – campo de atividade humana; ii) horizonte temático - tema ; iii) horizonte axiológico - valoração; iv) interlocutores – auditório social.

Já a análise da dimensão verbal diz respeito ao estudo dos elementos constitutivos do gênero discursivo apresentados por Bakhtin (2003 [1952-1953]): (a) conteúdo temático; (b) estilo; e (c) construção composicional. Vale ressaltar, no entanto, que inclusive os aspectos verbais são engendrados primeiramente pelas condições sociais de determinada situação enunciativa. Por isso, Rojo (2005) propõe

Aqueles que adotarem uma perspectiva dos gêneros do discurso partirão sempre de uma análise em detalhes de aspectos sócio-históricos da situação enunciativa, privilegiando, sobretudo, a vontade enunciativa do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua apreciação valorativa sobre seus interlocutores e temas discursivos- , e, a partir desta análise, buscarão marcas linguísticas (formas do texto/enunciado/língua – composição e estilo) que refletem no enunciado/texto, esses aspectos da situação (ROJO, 2005, p. 199).

Nessa perspectiva, para se alcançar uma compreensão dialógica da língua(gem), é necessário analisar a natureza e a constitutividade dos gêneros do discurso, tendo em vista, primeiramente, os aspectos enunciativos os quais fundamentam-se pelas dimensões sociais aqui apresentadas. A partir de então, é possível entender e compreender as regularidades linguístico-enunciativas que ocorrem não porque são fixas de determinado gênero, mas porque são advindas das relações sociais de dadas situações comunicativas (ROJO, 2005). Logo, os gêneros do discurso acionam valorações ao cumprirem com suas finalidades e funções comunicativas na interação social, por isso nosso olhar para esses textos incidem sobre: 1) o que os sujeitos têm a dizer; 2) as estratégias linguístico-enunciativas desse dizer; e 3) a compreensão valorativa da palavra alheia (ACOSTA PEREIRA; RODRIGUES, 2016). Ou seja, analisar essas redações implica um processo dialógico no qual, como pesquisadores, nos colocamos no lugar do outro, enquanto autor (socialmente constituído), que tem algo a dizer e para isso valeu-se de estratégias linguísticas, pelas quais imprimiu seus valores pessoais e apreciação valorativa que se tem do seu auditório social, gênero do discurso e campo por onde circula.

Para direcionar o escopo de análise colocando-o frente à postura dialógica da língua(gem), trazemos no quadro a seguir de forma sumarizada, algumas indicações sobre o método sociológico proposto pelo Círculo em referência aos dados discursivos desta pesquisa.

Quadro 5 – A análise dos dados discursivos a partir da postura dialógica

	A POSTURA DIALÓGICA PARA ANÁLISE DOS DADOS	A ANÁLISE DOS DADOS DISCURSIVOS A PARTIR DA POSTURA DIALÓGICA
Concepção de língua(gem)	A língua(gem) é compreendida como/para interação, por meio dos discursos, a partir de suas dimensões externas e internas.	O objeto de análise da investigação incide sobre os aspectos enunciativos-discursivos da carta aberta em contexto de vestibular. A concepção de língua(gem) em que se apoia é como/para interação, a partir das dimensões linguísticas (verbais) e extralinguísticas (não-verbais). A análise, com isso, assume esta concepção de língua(gem) para olhar as regularidades da carta em situação de simulacro.
Caráter do(s) objeto(s) de análise	Na língua(gem), aquilo que é interno à dimensão linguística diz respeito às relações lógicas, concreto-semânticas. Aquilo que é externo à dimensão linguística diz respeito à realidade do discurso. A língua(gem), como objeto, junto ao seu enunciador, é social, e historicamente situada.	As redações dos candidatos são compreendidas, na análise, como um enunciado – tal como o é. Logo, além de entender que a língua(gem) só se dá em suas relações dialógicas, observa-se os próprios direcionamentos determinados pelo comando de produção e sua dialogicidade, no contexto histórico social específico do engendramento dos gêneros do discurso.
Valoração do(s) objeto(s)	Faz-se necessário olhar a língua(gem), no discurso, entendendo as relações e valorações presentes em sua realidade.	Tendo vista o entendimento de que as redações são textos-enunciados, propriamente, busca-se as relações de valoração estabelecidas nas enunciações apresentadas, com fins a analisar o objeto em sua realidade própria, considerando os papéis assumidos pelos locutores, auditório social, campo de atuação do gênero e como os acentos valorativos aparecem na materialidade textual.
Encaminhamento metodológicos	O caminho da análise é: olhar o objeto para, depois, produzir sentidos. Não há categorias pré-definidas pois os objetos da análise são dinâmicos, fluidos, e precisam ser olhados para depois serem analisados, mas o que orienta nosso enquanto analistas são os aspectos das dimensões sociais e dimensões verbais dos gêneros do discurso.	Para definir o caminho metodológico de análise dos textos com base no gênero carta aberta, produzidos pelos candidatos de vestibular, observa-se atentamente o objeto, compreendendo sua estrutura, teor e caráter, para depois traçar encaminhamentos possíveis à produção de sentidos. O movimento da análise dos enunciados se dá na seguinte ordem; i) analisar os enunciados que compõem a prova de redação; ii) analisar o movimento de responsividade dos candidatos em relação ao comando de produção; iii) analisar a interlocução marcada e a interlocução esperada característica da carta aberta; iv) analisar as regularidades linguístico-enunciativas da carta aberta nesse contexto; e v) analisar o campo de atuação do gênero e como a transposição do seu campo de circulação social, para a situação de simulacro de vestibular, pode ter alterada a relativa estabilidade do gênero. Somente no acontecimento da análise propriamente dita se pôde refletir sobre a criação de categorias de análise.

Fonte: Adaptado de SANTOS-CLERISI, G. D. (2020, 61)

3.7 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE

A partir da postura dialógica de análise dos dados, definimos alguns caminhos que norteiam o nosso olhar analítico para as produções textuais do gênero carta aberta em situação de vestibular. Sem pretensões de categorizá-los, mas olhando para a indissociabilidade desses elementos, estabelecemos os aspectos da dimensão social e os aspectos da dimensão verbal como especificidades a serem procuradas em nosso *corpus*. No primeiro momento, olhamos para os enunciados que compuseram a prova da redação, a saber: a) textos motivadores e b) comando e contexto de produção. Procuramos entender esses textos como enunciados anteriores que direcionam a produção escrita em reação-resposta a eles, por isso, extraímos desses enunciados elementos da dimensão social como se vê na figura abaixo:

Quadro 6 – Proposta analítica a partir da dimensão social do gênero.

Dimensões do socias a partir das informações contidas nos textos motivadores da prova e comando e contexto de produção			
Elementos da dimensão social		Orientação de análise a partir do gênero	
Horizonte espacial		Campo de atuação do gênero	
		Suporte de circulação	
Horizonte temático		Tema	
		Finalidade	
Horizonte axiológico	Interlocutores	Locutor	
		Papel social	
		Auditório social	
		Interlocutor <i>marcado</i>	Interlocutor <i>esperado</i>
		Imagem do interlocutor	Imagem do interlocutor
		Atitude valorativa	Atitude valorativa

Adaptado de Costa-Hübes (2017, p. 562-563)

Tendo compreendido os elementos extraverbais que permeiam as escolhas linguísticas, tomamos os textos produzidos pelos candidatos do vestibular, analisando os elementos impressos na dimensão verbal com o intuito de reconhecermos as regularidades linguístico-enunciativas empreendidas na produção escrita do gênero carta aberta em situação de vestibular, visando o entendimento da constituição e funcionamento do gênero nesse contexto.

Quadro 7- Proposta analítica a partir da dimensão verbal do gênero.

Dimensões verbais a partir das produções escritas do gênero carta aberta em situação de vestibular	
Elementos da dimensão verbal	Orientação de análise
Conteúdo temático	Tema
	Posicionamento dos candidatos/produtores
Organização composicional	Discursos mobilizados
	Organização do texto
	Gênero discursivo
	Sequência discursiva predominante
Estilo do gênero	Pronomes e a relação com o conteúdo temático e organização composicional
	Tempo verbal predominante e a relação com o conteúdo temático e organização composicional
	Modalizadores e por que foram empregados
	Organização de períodos e frases e a relação com o conteúdo temático e organização composicional
	Classificação das palavras: adjetivo, advérbios, substantivos
	Tipo de linguagem

Adaptado de Costa-Hübes (2017, p. 565)

Com isso, esperamos ter direcionado o leitor, sobre o caminho que pretendemos seguir ao analisar os textos. A partir de agora avançamos para os conceitos éticos que circundam o trabalho e a análise do *corpus*.

3.8 ÉTICA NA PESQUISA

Quando se desenvolve um estudo científico, não se pode deixar de tratar com muito rigor os aspectos valorativos que, segundo Lincoln e Guba (2006), concernem a cuidados éticos. Cabe, portanto, aos pesquisadores adotarem uma postura ética com relação aos critérios estabelecidos para realização do seu trabalho e/ou os cuidados com o outro.

Tratando-se de um estudo pautado na concepção dialógica de língua(gem) de abordagem sócio-histórica e ideológica, Rohling evidencia um conflito vivido por aqueles que conduzem esse tipo de pesquisa:

[...] em todo momento, o pesquisador trava um diálogo entre essas duas facetas da responsabilidade [especial e moral], pois faz parte da posição de pesquisador objetificar os dados, conferindo-lhes sentidos validados no campo epistemológico (responsabilidade especial). Por outro lado, o pesquisador se coloca em um lugar ético-responsivo no ato de se fazer

pesquisa, um lugar de não álibi em que ele não pode não dizer/calar e, ao mesmo tempo, não pode fragilizar o campo e desqualificar ou silenciar os sujeitos implicados na pesquisa (responsabilidade moral). (ROHLING, 2014, p. 48-49).

Mesmo que em nossa pesquisa não haja sujeitos diretamente envolvidos, para que se atenda ao cânone científico, adotamos a ética emancipatória, cujas características referem-se a uma análise criteriosa e detalhada dos dados gerados, valorização dos aspectos sociais presentes no contexto pesquisado e retorno dos resultados (CELANI, 2005). Para Reis e Egido (2017), as pesquisas que adotam a ética emancipatória devem considerar as consequências que seu resultado traz tanto para os participantes, quando houver, quanto para a comunidade. Nesse sentido, nossos compromissos se expressam da seguinte forma:

- a Solicitação do *corpus* da pesquisa entregue a CVU na qual explicamos os objetivos e nos disponibilizamos para maiores informações;
- b Fidelização do conteúdo expresso pelos candidatos em suas produções; c Participação ativa e responsável da pesquisadora, enquanto analista dos textos. Disso resulta a oportunidade para refletir, aprender e ressignificar-se no processo de pesquisa;
- d Retorno ao contexto investigado. Será encaminhado à CVU um relatório descrevendo os resultados obtidos por meio da pesquisa, os quais poderão contribuir para os futuros treinamentos das bancas de professores que realizarão as avaliações do vestibular unificado da UEM
- e Contribuição para os estudos e capacitação de professores de LP, principalmente aqueles que trabalham com produção de textos com base em gêneros discursivos no ensino médio, tendo em vista o vestibular.

Perante os compromissos apresentados, esperamos, de modo mais abrangente, que nossa pesquisa possa contribuir com novos trabalhos que compartilham de mesma base epistemológica, em especial os que se voltam para o estudo dos gêneros discursivos e língua(gem). Estreitando o olhar para o contexto, almejamos proporcionar também uma reflexão acerca do gênero carta aberta em situação de vestibular, podendo atender às novas finalidades desse gênero e conseqüentemente critérios de abordagem, avaliação e correção. Diante do exposto, passaremos agora a seção dedicada a análise das condições de produção.

4. ANÁLISE DO *CORPUS*

Neste momento, tomando como base as discussões que foram feitas nas seções teórica e metodológica, e procedemos à análise dos textos produzidos pelos candidatos em situação de vestibular considerando, primeiramente, a coletânea de textos motivadores e em seguida o contexto e o comando de produção. Para alcançar os nossos objetivos propostos investigamos a partir de então a responsividade dos candidatos/produtores em relação a essas condições de produção; depois averiguamos a interlocução marcada e esperada como projeto discursivo da carta aberta e em seguida empreendemos uma análise sobre as regularidades linguístico-enunciativas da carta aberta em situação de vestibular, bem como as possíveis alterações desse gênero nesse contexto.

4.1 COLETÂNEA DE TEXTOS MOTIVADORES E COMANDO DE PRODUÇÃO

A coletânea de textos motivadores e o comando de produção são essenciais em situação de vestibular, ou em qualquer simulacro de escrita de um gênero do discurso, uma vez que eles não só dão o recorte temático e comando textual, mas orientam sobretudo para as condições de escrita de determinado texto, o que possibilita ao candidato entender que sua produção na verdade trata-se de uma reação-resposta a enunciados anteriores, e portanto, deve-se considerar para além do tema, a finalidade discursiva, a posição de autoria, campo de atuação do gênero mobilizado, suporte, possíveis interlocutores e outros aspectos que podem permear a comunicação discursiva naquela dada situação de interação. Ou seja, a coletânea de textos e o comando de produção determinam aspectos das dimensões sociais que se mostrarão na materialidade textual por meio de unidades linguístico-enunciativas empreendidas pelo candidato/produtor de texto. Por isso, concordamos com Franco e Zanutto (2017b) ao afirmarem que

Defendemos que as condições de produção criadas para as propostas de redação de vestibular são fundamentais para orientar o candidato a uma produção escrita que visa ao atendimento do gênero enquanto instância de interação e diálogo, fazendo seu texto transcender aspectos mais comumente avaliados em concursos de vestibulares e similares: atendimento ao tema, à coesão e à coerência e aos recursos gramaticais, próprios de uma época em que a narração e dissertação eram os modelos textuais únicos que figuravam nas provas de redação (FRANCO; ZANUTTO, 2017b, p. 278).

Desse modo, o conteúdo temático da prova de redação do vestibular de verão de 2019 foi delimitado a partir de uma coletânea de três textos, os quais, ao tratarem sobre a proibição de canudos plásticos em estabelecimentos comerciais de algumas cidades, trazem à tona reflexões a partir de diferentes vieses ideológicos conforme podemos ver na figura abaixo:

Figura 2: coletânea de textos motivadores (vestibular de verão 2019).

REDAÇÃO	
TEXTO 1	
Rio de Janeiro é primeira capital brasileira a proibir canudos plásticos (Vanessa Barbosa)	
<p>O Rio de Janeiro é a primeira capital brasileira a banir o uso de canudos plásticos em quiosques, bares e restaurantes. O prefeito da cidade Marcelo Crivella sancionou o projeto de lei que proíbe a distribuição de canudinhos plásticos em estabelecimentos alimentícios. A medida foi publicada no Diário Oficial da cidade do Rio nesta quinta-feira. O projeto havia sido aprovado na Câmara Municipal no mês passado. Ainda falta determinar o prazo para a entrada em vigor da medida. De autoria do vereador Jairinho (MDB), o projeto estipula multa de até 3 mil reais aos estabelecimentos que descumprirem a lei, valor que pode ser multiplicado em caso de reincidência. Em vez de plástico, o projeto determina o uso de canudos feitos de materiais biodegradáveis. Segundo seu artigo primeiro, a lei sancionada “obriga restaurantes, lanchonetes, bares e similares, barracas de praia e vendedores ambulantes do Município do Rio de Janeiro a usarem e a fornecerem a seus clientes apenas canudos de papel biodegradável e/ou reciclável individualmente e hermeticamente embalados com material semelhante”. Centenas de milhares de cariocas apoiaram a causa por meio de uma petição online criada pela ONG Meu Rio, apoiadora do projeto. [...] O projeto de lei aprovado vai ao encontro de um crescente movimento global de combate ao lixo plástico, um dos principais vilões da poluição marinha. Segundo a ONU, ao menos 50 países têm propostas nessa seara.</p> <p>Texto adaptado de https://exame.abril.com.br/brasil/rio-de-janeiro-e-primeira-cidade-brasileira-a-proibir-canudos-plasticos/. Acesso em 13 set 2019.</p>	<p>encontrado no mar. Dentre as principais fontes de lixo estão as áreas de ocupação irregular em morros, várzeas e manguezais, um problema socioambiental decorrente da pobreza e da falta de ordenamento territorial e de saneamento básico. Não tem lógica investir esforços e capital político no banimento como ação pirotécnica e midiática sem desenvolver estratégias estruturantes para o combate ao lixo no mar, como a educação ambiental e a gestão de resíduos descartados pela população.</p> <p>Opinião de Pedro Cortez, professor do programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da USP.</p> <p>Nesta terça-feira, 25 de junho, Bruno Covas, prefeito da cidade de São Paulo, sancionou uma lei que proíbe o fornecimento de canudos plásticos em estabelecimentos comerciais da cidade. O governador do Estado de São Paulo, João Dória, promete fazer, em breve, o mesmo para todo o estado de São Paulo. Tanto o estado quanto a sua capital seguem, de maneira tardia, a esteira de outras cidades brasileiras que já baniram os canudinhos plásticos. O Rio de Janeiro fez isso há um ano. São Paulo perde a oportunidade de estabelecer o protagonismo na gestão de resíduos e no desenvolvimento de políticas ambientais mais avançadas. Poderia aproveitar e banir o uso de descartáveis plásticos (não apenas dos canudinhos), pois esses demoram muito tempo para serem degradados pelo meio ambiente e, em muitos casos, acabam poluindo rios e oceanos. Há alternativas melhores. A cidade poderia assumir uma posição de destaque com políticas ambientais inovadoras, servindo de (bom) exemplo para outras cidades no Brasil e também no exterior. Afinal, são 12 milhões de habitantes apenas na capital. [...] No estado do Rio de Janeiro, lei estadual recentemente aprovada obriga as lojas de varejo a trocarem as sacolas de plástico por modelos elaborados com material renovável. Seguindo a tendência, podemos esperar que apenas em 2020 São Paulo faça o mesmo. Não antes disso.</p> <p>Texto adaptado de: https://sustentabilidade.estadão.com.br/noticias/geral/analise-so-acao-midiatica-sobre-canudos-nao-adianta,70002888325.amp. Acesso em 13 set 2019.</p>
TEXTO 2	
Especialistas falam sobre o impacto do banimento dos canudos plásticos	
<p><i>Os canudos plásticos estão sendo banidos em diversos municípios do Brasil em decorrência da aprovação de leis que proíbem o seu uso. Nossa reportagem ouviu alguns especialistas nesse tema para saber as suas opiniões. Veja abaixo o que eles nos disseram.</i></p> <p>Opinião de Alexander Turra, professor titular do Instituto Oceanográfico da USP.</p> <p>O banimento dos canudos parece ser uma ação assertiva, mas possui peculiaridades que não podem ser desconsideradas. O banimento, diferentemente de campanhas de conscientização, não cria o nexos entre o não uso do canudo e seu eventual benefício ambiental. A população precisa ter a oportunidade de compreender a questão para poder se posicionar de forma madura e responsável. O banimento também é baseado no pressuposto de que o canudo utilizado não encontra um sistema de coleta e destinação de resíduos sólidos adequado, o que deveria ser garantido pelos municípios. Canudo é um item icônico para o diálogo sobre o lixo. Embora o canudo seja um item icônico para o diálogo sobre a temática, a importância de seu banimento como estratégia de combate ao lixo no mar é questionável. Os canudos não correspondem aos itens mais abundantes no lixo</p>	
	TEXTO 3
	 <p>Texto adaptado de http://twitter.com/hastag/canudosplasticos. Acesso em 13 set 2019.</p>

Como podemos perceber pela figura 2, enquanto o texto 1 enaltece a cidade do Rio de Janeiro como um exemplo a ser seguido, justamente por ter sido a primeira cidade brasileira a adotar a campanha, o segundo texto traz vozes de especialistas que divergem sobre o assunto, ao considerarem sim uma ação assertiva, mas questionável, na medida em que os canudos não correspondem ao lixo mais abundante encontrado no mar. O texto 3, por sua vez, é uma charge cuja crítica se estabelece sobre o comportamento humano, revelando um posicionamento contra a proibição dos canudos plásticos, visto que o banimento desse material não seria uma estratégia suficiente, já que a sociedade continuaria a utilizar copos plásticos dentre outros itens que são ainda mais prejudiciais ao meio ambiente.

Tendo em vista o caráter argumentativo e persuasivo da carta aberta, a coletânea de textos que acompanha a proposta de redação para produção desse gênero caracteriza-se por apresentar ponto de vista, opiniões, argumentos, a respeito da grande repercussão nos meios de comunicação sobre o uso de canudos plásticos. Nesse sentido, a seleção desses textos motivadores demonstra uma intenção clara de polemizar sobre o assunto a fim de incitar o candidato a escolher um posicionamento e atuar em sua defesa, manifestando opinião e construindo sua argumentação também em reação-resposta às provocações permitidas pelos textos de apoio. A partir de então o candidato é direcionado à leitura do comando de produção:

Figura 3 – Comando de produção (vestibular de verão 2019)

GÊNERO TEXTUAL – CARTA ABERTA

Contexto e comando de produção: A Câmara Municipal de **Mundolândia**, cidade onde você reside há anos, está em fase de discussão de um projeto de lei denominado “**Canudo Zero**”, que proíbe o uso de canudos plásticos em restaurantes, lanchonetes, padarias, bares. Você é um(a) estudante consciente das questões que envolvem a proteção do meio ambiente e, a partir da leitura dos textos 1, 2 e 3, e de seus conhecimentos sobre o assunto, decide redigir uma CARTA ABERTA, que será publicada no jornal **Folha de Mundolândia**, destinada aos vereadores de sua cidade, posicionando-se de forma favorável ou contrária a esse projeto de lei. O seu intuito é o de influenciar a decisão da Câmara e a opinião pública de sua cidade sobre o assunto. Considerando esse contexto de produção, redija o texto solicitado com o mínimo de 15 e o máximo de 22 linhas. Caso queira assinar seu texto, utilize APENAS **Custódio** ou **Custódia**.

Fonte: <<http://www.vestibular.uem.br/provas/ve19/P1G1.pdf>> acesso em 27 de junho de 2021.

O comando de produção, após ilustrar um contexto de produção, propõe aos candidatos a escrita de um texto com base no gênero *carta aberta* (G), destinada aos vereadores da cidade de “Mundolândia” (IM), cuja circulação social se dará pelo campo jornalístico (C), por meio do “Jornal Folha de Mundolândia” (S). O candidato ao assumir a posição social de estudante consciente (P), deve expor por meio de suas escolhas discursivas o intuito de influenciar a decisão da câmara de vereadores (IM) e a opinião pública (IE). Na situação de produção,

construída na prova, o estudante reside há anos na cidade e sente necessidade de opinar sobre o projeto de lei “Canudo Zero” que está em discussão na câmara municipal (F).

Definidos o gênero textual (G), os interlocutores marcados (IM) e esperados (IE), a circulação social (C), o suporte (S), a posição do autor (P), a finalidade do texto (F), os candidatos devem obedecer ao gênero proposto, simular a situação de produção descrita anteriormente e assumir a posição de autoria exigida por ela (estudantes conscientes das questões que envolvem o meio ambiente), para, então, atender a duas instruções presentes no comando da prova: (a) posicionar-se de forma favorável ou contrária a esse projeto de lei; e (b) influenciar a câmara dos vereadores e a opinião pública de sua cidade.

Em sua produção escrita o candidato deve, pois, demonstrar que na leitura soube apreender o conteúdo temático proposto por todo o conjunto da prova de redação. Assim, ao assumir o papel de estudante que se preocupa com questões ambientais e morador de Mundolândia há anos (P), que escreve para a câmara municipal (IM), a fim de manifestar sua opinião e influenciar a opinião pública (IE), decide o tom e o estilo (escolhas lexicais e sintáticas próprias do gênero, mas também o estilo individual que queira adotar), em que vai elaborar o texto de uma carta aberta (G), cuja circulação social se dará no campo jornalístico (C), por meio de um jornal da cidade (S). Para tanto, deve saber ler os textos da prova e selecionar argumentos convincentes a fim de defender, justificar o posicionamento contra ou favorável ao projeto de lei cumprindo com as finalidades propostas pelo comando.

Como se vê, não basta identificar o tema e saber as regularidades estáveis, as formas típicas da carta aberta. É preciso ainda ser um leitor crítico dos textos disponíveis na prova, e sobretudo compreender a situação e aspectos sociais determinadas pelo comando de produção que orienta a escrita do texto. Tendo interpretado esses elementos, o candidato/produtor pode projetar em sua escrita características das dimensões sociais que compõem o gênero carta aberta. Além do conteúdo temático, é possível traçar um horizonte espacial e temporal ao avaliar o jornal como um suporte que circula no campo jornalístico e atende finalidades comunicativas de informar, polemizar, trazer discussões à tona, alcançando um número ilimitado de interlocutores esperados. Do mesmo modo, cria-se um horizonte axiológico a partir das avaliações que se tem dos papéis desempenhados pelo locutor e interlocutores. Normalmente, o locutor recebe um papel social de alguém que tem credibilidade para tratar das discussões delineadas. Nesse contexto, além de ser um estudante consciente, o locutor é também morador de Mundolândia, o que justifica suas motivações em escrever para a câmara municipal.

Em acréscimo, é possível idealizar uma imagem de quem é esse interlocutor, pelo qual a carta irá se dirigir marcadamente (vereadores), o papel que ocupa (representantes da

população), sua representação ideológica (responsáveis pela criação e aprovação de projeto de leis), e atitudes valorativas que a sociedade tem sobre eles (já que foram eleitos pelo voto popular, devem atuar em favor da população). Ao mesmo tempo, o candidato/produtor pode considerar os possíveis leitores do jornal (a população de Mundolândia), como interlocutores esperados que podem exercer função persuasiva ao tomar uma atitude junto ao destinatário, considerando que o posicionamento dos cidadãos de Mundolândia interfere diretamente na decisão da câmara municipal.

Todos esses aspectos orientam características das dimensões sociais de uma carta aberta que não só refletem, como refratam nas dimensões verbais desse gênero. Por isso, a importância de o candidato/produtor atentar-se para esses elementos, uma vez que eles ditam o jogo dos enunciados, o projeto de dizer autoral na prática social (SOBRAL, 2020). Nessa perspectiva, objetivamos investigar a responsividade dos candidatos em relação às condições sociais organizadas pelo comando e como esse movimento responsivo pode interferir na produção e avaliação dos textos em situação de vestibular

4.2 RESPONSABILIDADE DOS CANDIDATOS EM RELAÇÃO ÀS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

O comando para a produção escrita da carta aberta trouxe informações essenciais à elaboração do texto ao mobilizar elementos de um contexto extraverbal que circundará o gênero textual escolhido. Visto que as dimensões sociais do gênero são reveladas na materialidade textual ao evidenciar aspectos relacionados ao contexto de produção, observamos que alguns desses elementos são em geral mostrados já na parte inicial do texto, onde, regularmente, apresenta-se o interlocutor marcado; papel social do locutor; finalidade discursiva e o próprio tema ou tese a ser defendida.

Resgatamos que o vestibular da UEM parece proceder a avaliação dos candidatos a partir de um bom nível de leitura dos textos de apoio que dão o recorte temático, e dos elementos da interação discursiva orientados pelo comando de produção. Esse bom nível é revelado pelo movimento de responsividade do candidato/produtor da redação ao atender a proposta, sem fugir ao tema e sem usar de “fórmulas textuais preestabelecidas”, uma vez que toda constituição textual se dará a partir da situação extraverbal organizada para cada situação avaliativa. Dessa forma, a avaliação vai levar em conta o quanto o candidato/produtor responde competentemente sobre a proposta a partir da situação organizada.

Como podemos observar, a seguir, nas análises dos excertos de redações, o texto com nota máxima traz logo no parágrafo introdutório informações e dados que enriquecem a

comunicação, considerando os movimentos dialógicos da língua(gem). Além das regularidades linguístico-enunciativas da carta aberta, há uma resposta direta ao comando de produção, visto que são identificados todos os elementos daquela situação comunicativa. Por outro lado, o texto considerado mediano atende de alguma forma a proposta, principalmente a respeito dos elementos estruturais da carta aberta, mas peca pela ausência de aspectos da interação social importantes para a constituição daquela enunciação. Já o terceiro texto obteve nota zero por ter se distanciado da proposta orientada, tanto em relação aos objetivos do gênero, quanto à responsividade a partir do contexto extraverbal.

Portanto, tendo em vista que os critérios utilizados na avaliação também levam em conta o atendimento ao comando de produção, reservamos essa subseção para analisar exclusivamente como se deu a responsividade dos candidatos em relação às condições previamente orientadas no comando da prova. Vejamos os excertos que indicam a introdução dos textos produzidas pelos candidatos:

Texto 1

A1 (nota máxima)

Mundolândia [1], 08 de dezembro de 2019.

Carta aberta aos vereadores de Mundolândia [2]

Sou residente na cidade há alguns [3] anos e como cidadão [4] estou acompanhando as discussões sobre o projeto de lei “Canudo Zero” [5], proposto em nossa Câmara Municipal, o qual proíbe o uso de canudos plásticos em restaurantes, lanchonetes, padarias, bares. Nesse sentido, como estudante consciente das questões que envolvem a proteção do meio ambiente [6], quero publicamente influenciar, por meio do jornal Folha de Mundolândia, a decisão da Câmara e a opinião pública de nossa cidade,[7] favoravelmente ao projeto de lei [8], que é tão importante.

[...]

O atendimento ao que está solicitado na proposta de redação do vestibular de verão de 2019 pode ser observado de imediato pelo nome da cidade [1] (‘Mundolândia’) explícito no cabeçalho junto à data, e em seguida pelo título, “Carta aberta aos vereadores de Mundolândia” [2], no qual indica-se a interlocução marcada. Sobre a posição de autoria, um aspecto relevante a ser observado é a opção que o candidato/produtor faz ao começar o parágrafo pela indicação do seu papel social, “residente na cidade há anos” [3], o que coloca em evidência a sua responsabilidade e autoridade enquanto “cidadão” [4] para manifestar a sua opinião sobre as discussões que ele inclusive vem “acompanhando” na Câmara a respeito do projeto de lei “Canudo Zero” [5]. Essas escolhas não só demonstram que o candidato compreende a

importância do seu papel social ao escrever um texto argumentativo para a câmara dos vereadores, como também dão mais credibilidade ao seu projeto discursivo levando em conta a responsividade desses possíveis interlocutores.

Em seguida, atendendo ao comando, o candidato/produtor enfatiza o seu lugar de “estudante consciente das questões que envolvem o meio ambiente” [6], justificando seu interesse em escrever a carta que tem por finalidade “influenciar por meio do jornal Folha de Mundolândia, a decisão da Câmara e a opinião pública” [7]. Para finalizar o parágrafo de introdução, o candidato/produtor deixa claro o seu posicionamento favorável ao projeto de lei [8]. Todos esses elementos apresentados no primeiro parágrafo do texto revelam as relativas regularidades linguístico-enunciativas da carta aberta a partir de suas dimensões sociais.

É notória a preocupação do candidato em atender plenamente às condições estabelecidas pelo comando de produção, mas sobretudo, observamos a língua(gem) se moldando em enunciados como reação-resposta aos enunciados anteriores (texto de apoio e comando de produção) e, também para possíveis futuros desdobramentos, a saber: i) Validação da redação pela banca de vestibular; ii) Responsividade da Câmara dos Vereadores e leitores do jornal). Ou seja, na tentativa de atender ao comando de produção como critério de avaliação dos professores da banca, o candidato assume uma posição de autor que compreende os papéis sociais naquela interação verbal, e por isso, usa a língua(gem) a seu favor, cumprindo com as finalidades discursivas ao mobilizar a carta aberta.

Texto 2

B1 (nota mediana)

Carta aberta aos vereadores de Mundolândia sobre o uso de canudos plásticos.[1]

Nos últimos anos a população vem se conscientizando sobre o uso e descarte dos canudos inadequados. Muitas pessoas o utilizam ara consumo de bebidas, no entanto, o consumo aumenta e com isso a poluição também. [...]

É possível considerar que a leitura feita pelo candidato/produtor sobre a proposta o leva a uma produção que atende minimamente às características composicionais do gênero carta aberta, principalmente pela utilização do título [1], no qual é marcado o gênero produzido, interlocutor e nesse caso também, o assunto a ser discutido na carta – o uso de canudos plásticos. Nota-se, no entanto, que o candidato/produtor não cita o nome do projeto de lei, nem apresenta elementos do contexto extraverbal que o levaram a produzir esse texto. Aspectos

como papel social do autor, finalidade discursiva e tese a ser defendida nem são mencionados nesse parágrafo, nem no decorrer da produção. Nesse caso, o fato de o candidato/produtor não ter atendido ao comando da prova revela uma produção textual com marcas da estrutura composicional da carta aberta, mas que não leva em conta os movimentos da interação discursiva, essenciais para a constituição dos enunciados.

Esse é um exemplo importante para ilustrarmos que dominar apenas os aspectos estruturais de determinado gênero não indica saber mobilizá-lo. O engendramento de um gênero, como defende Rojo (2005), está para além das dimensões de organização composicional, mas também circunda na mesma proporção o conteúdo temático e estilo, sendo que todas essas dimensões são determinadas pelos parâmetros da situação de produção dos enunciados e, sobretudo, pela apreciação valorativa do locutor a respeito do tema e de seus possíveis interlocutores – aspectos claramente não respondidos na produção acima. Logo, há mais do que apenas questões estruturais ou textuais na constituição dos gêneros do discurso. Eles estão intrinsecamente ligados às relações sociais e, por isso, não podem ser agenciados e nem mesmo compreendidos completamente sem referência aos elementos de sua situação de produção.

Texto 3

C1 (nota zero)

Mundolândia [1], 08 de dezembro de 2019

Caro leitor [2], venho através desta divulgar alguns problemas que canudos plásticos trazem para o meio ambiente [3], e solucionar, organizando ideias para nossos vereadores estabelecerem no município. [...]

O texto representado pelo excerto acima foi avaliado com nota zero por se tratar de uma produção que não responde aos critérios gerais da avaliação. Como já apresentado em outras seções desta dissertação, o vestibular da UEM, e, também de outras instituições que assumidamente tomam uma perspectiva de língua(gem) pelo viés da interação, adota o gênero do discurso como mecanismo de avaliação, já que estes representam, mesmo em situações como a do vestibular, uma tentativa de trazer para o contexto escolar um funcionamento significativo das relações humanas reproduzidas por meio de enunciados relativamente estáveis – os gêneros discursivos.

Sendo assim, o candidato/produtor, no exemplo acima, até demonstra conhecer alguns aspectos de uma carta, na medida em que compõe o cabeçalho [1] e inicia o texto com uma

interlocução marcada [2] – regularidade encontrada na quase totalidade de tipos de carta. No entanto, ao utilizar o vocativo “Caro Leitor” [2] parece estar produzindo outra espécie do gênero, aproximando-se mais de uma carta ao leitor do que de uma carta aberta. Pelas escolhas linguísticas feitas na introdução, fica clara a incompreensão do candidato sobre a situação discursiva. Aliás, a própria finalidade sugerida pelo comando de “manifestar a opinião sobre o projeto de lei Canudo Zero e influenciar a opinião pública” foi substituída por “divulgar alguns problemas que os canudos plásticos trazem para o meio ambiente, e solucionar, organizando ideias para nossos vereadores estabelecerem no município” [3]. Observamos, portanto, que ao mudar os objetivos de escrita, alterou-se também o gênero, uma vez que a carta aberta não tem caráter informativo, mas sim argumentativo - fatores que não foram considerados no texto em foco.

Além das alterações relacionadas à interlocução e finalidade, nota-se o descrédito quanto ao papel social que deveria ser assumido pelo candidato/produtor no momento de escrita. Até mesmo os motivos que teriam levado à escrita da carta aberta e ao posicionamento, favorável ou contrário ao projeto de lei Canudo Zero foram apagados, silenciados pelo candidato/autor.

Nesse caso, encontramos um exemplo de como o auditório social e a finalidade discursiva são elementos fundamentais na constituição dos gêneros, uma vez que se se altera o campo de atuação, a interlocução e finalidade, alteram-se, também, os gêneros, podendo inclusive ser formado um novo gênero diante de uma nova exigência comunicativa (SOBRAL, 2020).

Sendo assim, se o princípio dialógico da língua(gem) pressupõe que o sujeito é constituído na relação com o outro, em um processo de interação, o sentido produzido pelo texto depende desses aspectos que extrapolam os seus limites estritos. Todo texto é, portanto, constituído necessariamente a partir de um tema, mas sobretudo se organiza ao considerar o projeto discurso do autor, interlocutores, campo de atuação, aspectos sobre os quais o autor se (re)constitui discursivamente.

Na leitura ou na produção escrita, seja ela real, seja um simulacro, como ocorre nos processos avaliativos, levar em conta esse exterior que é constitutivo do sentido, significa considerar o texto em sua dimensão discursiva. Por isso, ao olharmos para o gênero carta aberta, observamos, a partir de suas regularidades, algo que, para além do campo e finalidades discursivas, o diferencia das outras cartas: o auditório social. Desse modo, como um dos pontos especiais de nossa pesquisa, destinamos a próxima subseção a uma análise linguístico-

enunciativa com foco na interlocução marcada e na interlocução esperada no engendramento da carta aberta.

4.3 INTERLOCUÇÃO MARCADA E INTERLOCUÇÃO ESPERADA NO ENGENDRAMENTO DA CARTA ABERTA

Se há algo que diferencie a carta aberta dos demais gêneros argumentativos é a interlocução marcada. Simultaneamente, o que a distingue de outros tipos de carta é a interlocução esperada. Aqui pontuamos o projeto discursivo desse gênero e sua acuidade especial. Claro, não estamos falando de aspectos estritamente composicionais do gênero, como também de toda mobilização discursiva privilegiada por uma interlocução marcada e todas as estratégias argumentativas para se alcançar essa interlocução esperada. Não basta convencer o interlocutor direto (figura pública ou representante de grupos sociais), é preciso persuadi-lo e, para isso, nada mais relevante do que tornar o discurso público, convocar o auditório às discussões para uma tomada de posição e ação junto ao locutor.

Sempre que escrevemos uma carta a alguém, seja ela de qual natureza for - pessoal, de solicitação, de intenção, de apresentação, do leitor etc. – dirigimo-nos a um interlocutor específico. Na carta aberta do vestibular ou em qualquer outra situação cuja tarefa seja manifestar opinião e convencer o interlocutor sobre determinado assunto, é preciso manter a interlocução. Não se trata meramente de saber usar fórmulas epistolares (“Prezado Senhor, “Venho por meio dessa”, “Sem mais para o momento”), mas sim de saber quem é esse interlocutor, o grupo social a que pertence, as ideologias assumidas por ele, e assim pesar os argumentos que o sensibilizem. Nesse ponto, há uma preocupação diferente das outras cartas, pois a argumentação de uma carta aberta não se restringe a um interlocutor apenas, mas é construída para um auditório maior e talvez até mais importante do que o próprio interlocutor marcado no título, tendo em vista as possíveis reverberações desse gênero.

A título de exemplificação consideremos o texto abaixo, no qual foi mobilizado uma carta aberta em condições reais de produção e circulação:

Figura 4

Carta aberta ao Ilmo. Sr. presidente Jair BolSSonaro

A ciência? Ora, a ciência... Que valor tem ela diante da sua imperial ignorância?

ExcelentíSSimo!

Volto a lhe escrever para comentar sobre a perseguição da imprensa, que continua a criticar suas declarações a respeito dos remédios que, do baixo de seu conhecimento, VoSSa Redundância continua a sugerir. Fazem parte desse kit covid a hidroxicloroquina, a cloroquina, a ivermectina, a azitromicina e a doxiciclina.

A ciência continua a negar a eficácia desses medicamentos contra a Covid-19.

A ciência? Ora, a ciência... Que valor tem ela diante da sua imperial ignorância?

Quero lembrar, também, que os jornalistas se esquecem de reconhecer a eficácia desses remédios em relação a outras doenças.

Aqui vai uma pequena lista de algumas moléstias que são curadas por esses medicamentos:

ESPINHELA CAÍDA
MAL DE SETE DIAS
ANDAÇO
COBREIRO
DOR DE RESPONDE AQUI
QUEBRANTO
BUCHO VIRADO
ZIPELA
DOR DE VIADO
GASTURA
MAL DE SIMIOTO
PÉ DESMENTIDO
UMBIGO CAÍDO
CHANHA
MOLEIRA
PANARIÇO

E centenas de outras aflições. Não falo sem provas. Todas essas curas podem ser comprovadas no site da Titia Sobrinha. Titia Sobrinha pede pra avisar que, durante a pandemia, está benzendo via internet: tiasob.com.

Jô Soares

Fonte: <folha.uol.com.br/opiniaio/2021/03/carta-aberta-ao-ilmo-sr-presidente-jair-bolssonaro.shtml>
acesso em 01 de maio de 2021.

A carta acima foi escrita por Jô Soares (humorista, apresentador de televisão e escritor), em situação bastante peculiar: o contexto pandêmico da Covid-19 e de um discurso do presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, negando as comprovações científicas sobre a ineficácia de alguns medicamentos. Ao publicar essa carta no jornal Folha de São Paulo, Jô Soares indica que há claramente um assunto a ser tratado com toda a sociedade brasileira, visto a relevância

desse suporte. Sendo assim, apesar de não observamos marcas explícitas que remetem existência de interlocutores esperados, observamos que ao manifestar seu posicionamento ideológico, o locutor usa de uma estratégia argumentativa construída por meio da ironia e do humor, cuja finalidade foi criticar o interlocutor marcado - no caso, Bolsonaro, alvo da ironia – e, ao mesmo tempo persuadir os interlocutores esperados – os leitores do jornal.

Nas produções textuais de cartas abertas em situação de vestibular nem sempre essa interlocução esperada é alcançada, o que faz com que se perca o traço característico desse gênero. No entanto, quando o são, muito se tem da verdadeira finalidade discursiva das cartas abertas: a persuasão.

Vejam algumas redações e como essas interlocuções são evidenciadas nas partes que compõem os textos.

Texto 4

A2 (nota máxima)		
	1	Mundolândia, 8 de dezembro de 2019.
	2	Carta aberta <u>aos vereadores</u> [1]de Mundolândia
	3	Como estudante e ativista de um projeto socioambiental do município,
1°	4	visando o consumismo consciente, tenho acompanhado as discussões acerca do
	5	projeto de lei “Canudo Zero”, que proíbe o uso de canudos plásticos em diversos
	6	estabelecimentos. Desse modo, e tendo em vista a grande repercussão do tema na
	7	nossa cidade, decidi redigir a presente carta para, através do meu posicionamento
	8	favorável à lei, <u>influenciar positivamente a decisão da câmara e a opinião</u>
	9	<u>pública.</u> [2]
2°	10	<u>Apesar de muitos moradores contrários ao projeto</u> [3] afirmarem que a lei seria
	11	ineficaz pois não resolveria o problema do lixo completamente, é preciso ressaltar
	12	que não há uma solução única para o excesso de plásticos. Sendo assim, <u>senhores</u>
	13	<u>vereadores</u> [4], faz-se necessário criar uma série de medidas semelhantes,
	14	objetivando a redução gradativa dos poluentes. Ademais, canudos são uma ótima
3°	15	escolha para iniciar <u>essa mudança de pensamento.</u> [5] já que não é uma alteração
	16	tão drástica e é facilmente aceita pela <u>sociedade.</u> [6]
	17	Além disso, se aprovada, a lei abrirá espaço para ampla discussão sobre a
	18	preservação ambiental, tornando o município um ambiente propício à
	19	conscientização das gestões de resíduo, como por exemplo, a reciclagem.
	20	Portanto, o projeto de lei “Canudo Zero” deve ser aprovado pelos <u>senhores,</u> [7]
	21	porque ele representa a <u>mudança de pensamento da população</u> [8] e,
	22	principalmente, servirá como modelo para futuros projetos com o objetivo em
	23	comum de acabar com o excesso de lixo através de novos hábitos.
		Cordialmente, Custódio.

O texto cima nos mostra que todos os elementos relacionados à organização composicional da carta aberta foram atendidos pelo candidato/produtor: local e data; título;

núcleo da carta; despedida; assinatura; dentre outras regularidades que evidenciaremos na próxima subseção (vocativos, argumentação, solicitação etc.). O mesmo acontece a respeito dos movimentos responsivos quanto às condições de produção orientadas pelo comando da prova. Aliás todos eles foram marcadamente citados no 1º parágrafo: interlocutor; papel social do locutor; posicionamento do locutor (tese); e finalidade discursiva da carta. A argumentação reservada para os parágrafos 3 e 4 atende a orientação feita no comando de produção de que o estudante deve influenciar a câmara dos vereadores e a opinião pública. Por essa razão é necessário mobilizar argumentos estabelecendo um diálogo com o interlocutor marcado, mas para além desses, persuadir também os interlocutores esperados – a população de Mundolândia.

Nota-se que ao marcar o interlocutor no título da carta [1], além de cumprir com uma regularidade composicional do gênero, é indicado a quem a palavra será orientada. Sabemos, no entanto, que por se tratar de uma carta aberta, embora a interlocução indicada no título seja os vereadores, existe um outro auditório social a ser persuadido e nesse âmbito se formará todo o projeto enunciativo-discursivo do locutor. Nesse sentido, ao indicar a finalidade de “influenciar a decisão da câmara e a opinião pública [2]”, o candidato/produtor evidencia que sua interlocução não se restringe aos vereadores marcados no título, mas pretende alcançar também os leitores do jornal, portanto, suas motivações e argumentações estarão constituídas para esse auditório social.

Considerando quem precisa ser persuadido para que o projeto de lei “Canudo Zero” ganhe força na câmara dos vereadores, o 2º parágrafo é iniciado apresentando uma contra-argumentação a partir das valorações que se tem desse auditório. Por isso, em [3] o locutor expõe o ponto de vista oposto que alguns moradores podem ter em relação ao projeto, para então atestar sua convicção favorável a essa e, também a outras medidas que podem trazer benefícios ao meio ambiente:

Apesar de muitos moradores contrários ao projeto [3] afirmarem que a lei seria ineficaz pois não resolveria o problema do lixo completamente, é preciso ressaltar que não há uma solução única para o excesso de plásticos. Sendo assim, senhores vereadores [4], faz-se necessário criar uma série de medidas semelhantes, objetivando a redução gradativa dos poluentes. Ademais, canudos são uma ótima escolha para iniciar essa mudança de pensamento, [5] já que não é uma alteração tão drástica e é facilmente aceita pela sociedade.[6] (Texto A2, parágrafo 2, linhas 9-15).

Observamos que o candidato/produtor utiliza de uma estratégia argumentativa de convencimento acentuado direcionada à população de Mundolândia com o intuito de fomentar as discussões entre os moradores, convocando-os a assumir um posicionamento junto ao locutor. Por outro lado, o vocativo, “senhores vereadores”, utilizado em [4], resgata a interlocução marcada no título, reforça o diálogo com a câmara municipal e chama atenção desses interlocutores para a necessidade de adesão ao projeto. Antes de terminar o segundo parágrafo, ao citar que a iniciativa pelos canudos plásticos é um ótimo começo para “essa mudança de pensamento” [5], o candidato/produtor por meio de uma coesão referencial, reporta o posicionamento contrário de alguns cidadãos, trazendo-os de volta ao diálogo, para considerar que a “sociedade” [6] retificando seu ponto de vista, verá que não se trata de uma mudança tão drástica, e por isso, facilmente aderirá o projeto.

Para finalizar, o candidato/produtor estabelece mais uma interlocução com os vereadores [7], a fim de solicitar a aprovação da lei, tendo em vista sua representatividade que indica a preocupação da cidade com o meio ambiente, mas também a “mudança de pensamento da população” [8]. Ou seja, considerando a manifestação exercida por intermédio do gênero, o locutor considera que os moradores serão favoráveis ao projeto, o que serve como justificativa para a câmara dos vereadores aderi-lo em votação:

Portanto, o projeto de lei “Canudo Zero” deve ser aprovado pelos senhores, [7] porque ele representa a mudança de pensamento da população [8] e, principalmente, servirá como modelo para futuros projetos com o objetivo em comum de acabar com o excesso de lixo através de novos hábitos (Texto A2, parágrafo 3, linhas 18-22)

Apesar da interlocução marcada no título da carta, observa-se uma estratégia de alcançar primeiramente os cidadãos de Mundolândia - leitores do jornal, para então solicitar aos vereadores a aprovação do projeto de lei. Destacamos que ao mobilizar a carta aberta, mesmo em situação de simulacro, a partir de condições orientadas pelo comando, os enunciados foram constituídos na interação discursiva ao considerar o auditório social, suas ideologias e valorações e o campo de atuação desse gênero. Desse modo, a persuasão foi alcançada e cumpriu-se a finalidade do gênero carta aberta.

Como afirmamos no início desta análise, alguns elementos da estrutura composicional que normalmente organizam a carta aberta (local e data, título, núcleo, despedida e assinatura) foram visivelmente atendidos nessa produção, no entanto, aproveitamos o momento para ressaltar que eles sozinhos não constituem uma carta aberta, assim como a ausência de alguns

desses elementos não indicam a produção de um outro gênero. O que determina o gênero são as finalidades discursivas engendradas pelas regularidades enunciativo-discursivas do locutor.

Vejamos como esses elementos puderam interferir na avaliação dos textos que não alcançaram uma nota satisfatória.

Texto 5

B2 (nota mediana)		
	1	Mundolândia, 08 de dezembro de 2019.
	2	<u>Carta aberta aos vereadores de Mundolândia [1]</u>
1º	3	Nos últimos anos a população vem se conscientizando sobre o uso e descarte
	4	dos canudos inadequados. Muitas pessoas o utilizam para consumo de bebidas
	5	no entanto, o consumo aumenta e com isso a poluição também.
2º	6	Ultimamente alguns bares da cidade já estão deixando de lado o uso de
	7	canudo e substituindo por canudos biodegradáveis ou pelo de metal, que acaba
	8	sendo até melhor e prejudica menos o ambiente.
3º	9	Para melhorarmos a situação do meio ambiente é preciso <u>que toda a população</u>
	10	<u>se conscientize [2]</u> e deixe o canudo de plástico de lado, assim, evitará danos ao
	11	meio ambiente, para a vida marinha e será melhor para todos.
4º	12	Porém, nos bares, restaurantes, padaria e lanchonetes que ainda fazem o uso,
	13	os <u>proprietários [3]</u> podem retirar o canudo de sua lista de compras pois, não será
	14	mais necessário.
	15	Atenciosamente, Custódia.

Nesse texto, o candidato/produtor parece ter conhecimento da estrutura composicional de uma carta aberta, uma vez que todos os elementos que compõem esse gênero são visualmente reconhecíveis: local e data; título; núcleo da carta, despedida e assinatura. Em [1], é possível identificar o título com a interlocução marcada, porém a interlocução esperada é sinalizada de modo muito sutil somente no 4º parágrafo quando o autor afirma a necessidade de “conscientização da população” [2].

Em relação aos elementos da organização do gênero e das condições de produção indicados no comando da prova, verificamos que o candidato/produtor parece não considerá-los efetivamente no momento da escrita. Além disso, a argumentação para o auditório social é frágil, visto que não há uma proposta para engajamento da população e nem solicitação para aprovação do projeto de lei pela câmara dos vereadores. Em [3] o locutor parece dirigir uma argumentação aos “proprietários de bares e lanchonetes”, no entanto, a persuasão não é alcançada devido a comprometimento textual. Ainda, observa-se que mesmo em meio aos

deslizes cometidos no texto, a redação não recebeu nota zero porque, de alguma forma, mostrou, mesmo que minimamente, indícios de uma interlocução marcada e esperada, cumprindo assim com a finalidade discursiva de uma carta aberta, o que não foi possível verificar no texto abaixo:

Texto 6

C2 (nota zero)		
	1	Mundolândia, 08 de dezembro de 2019.
	2	<u>Caros senhores vereadores,[1]</u>
1º	3	Nos últimos anos, a preocupação com o meio ambiente vem ganhando força
	4	no âmbito social. <u>As pessoas [2]</u> estão cada vez mais interessadas em proteger e
	5	restaurar o meio ambiente. Junto a isso, vem a polêmica discussão do canudo
	6	plástico, que, desconsiderando as pessoas deficientes, é um objeto totalmente
	7	dispensável a vida humana.
2º	8	Mais de 40 países já criaram propostas de proibição do canudo plástico.
	9	Grandes cidades, como o Rio de Janeiro, já colocaram em vigor. O motivo é
	10	claro: a conscientização está aumentando.
3º	11	O canudo plástico está longe de ser o maior poluente do mundo, mas com
	12	certeza é o mais evitável e substituível. Sua proibição será um pequeno, porém
	13	importante passo para que a natureza e os seres humanos vivam em harmonia.
	14	Atenciosamente,
	15	Custódia.
	16	

O texto 6 é um exemplo daqueles textos que não alcançaram a interlocução esperada e, portanto, não cumpriram com aquilo que se pretende com o gênero carta aberta. Em [1] o candidato/produtor até marca um interlocutor pelo uso do vocativo, “senhores vereadores”, convidando-os, assim, ao diálogo. No entanto, não há retomadas desse interlocutor ao longo do texto, nem indícios de um outro auditório a ser influenciado. Em [2], o locutor faz referência às “pessoas” de forma genérica, sem levar em conta a população de Mundolândia, e sem demonstrar preocupação com a persuasão. Ainda, os parágrafos 2 e 3 seguem em tom mais informativo do que persuasivo.

Observamos que no texto há marcas dos elementos que organizam a estrutura composicional de uma carta, mas não da carta aberta. Além disso, o candidato/produtor parece fugir da proposta, uma vez que não apresenta a tese referente ao projeto “Canudo Zero” e nem são atendidas as condições de produção e papéis sociais orientados pelo comando da prova.

Verificamos, por meio das análises, que o atendimento ao gênero carta aberta, mesmo nessa situação fictícia – o vestibular, exige de alguma forma, um projeto discursivo capaz de

atender ao jogo das interlocuções marcadas e esperadas. Em acréscimo, as ilustrações nos mostram que a realidade efetiva de um gênero não se restringe a sua organização composicional, mas sobretudo, é alcançada pelas regularidades linguístico-enunciativas engendradas pelo locutor para alcançar seus objetivos, nesse caso – a persuasão. Consideramos também a hipótese de que ao manifestar opinião e influenciar a sociedade, os candidatos/produtores estariam somente respondendo ao que foi solicitado no comando de produção da prova, e não de fato entendendo isso como uma regularidade linguístico-enunciativa da carta aberta. De qualquer forma, se as condições de produção orientaram a essa escrita é porque de fato entende-se que é a partir dessas condições que deve ser mobilizado o gênero, seja em situação real de produção, recepção e circulação ou em situação de simulacro, quando descolado para finalidades avaliativas.

Consideramos também que o deslocamento desse gênero, que em contexto de vestibular passa a circular fora do seu “habitat natural”, pode ter provocado algumas alterações nas regularidades linguístico-enunciativas, tendo em vista o papel social real desses produtores enquanto candidatos que escrevem para uma banca de professores para serem avaliados. Por isso, as próximas subseções se destinam respectivamente as discussões sobre as regularidades linguístico-enunciativas da carta aberta em situação de vestibular e alterações nos gêneros provocadas pelo deslocamento do campo jornalístico para o vestibular.

4.4 REGULARIDADES LINGUÍSTICO-ENUNCIATIVAS DO GÊNERO CARTA ABERTA EM SITUAÇÃO DE VESTIBULAR

Pelo viés bakhtiniano, regularidades linguístico-enunciativas são os fenômenos que imprimem a *relativa estabilidade* do gênero, aquilo que ele realiza linguisticamente. Ressaltamos, no entanto, que essa parte estável é dinâmica e flexível “porque depende igualmente da posição relativa dos sujeitos” (SOBRAL; PAULA; FRANCO, 2020, p. 265). Ou seja, consideramos que as regularidades linguístico-enunciativas são as escolhas lexicais, gramaticais, fraseológicas, que não são realizadas de modo aleatório, pelo contrário, são direcionadas dialogicamente ao próprio tema do enunciado e ao auditório social. Essas escolhas são projetadas em função das dimensões sociais e revestidas pela expressividade do gênero, também pela decisão autoral, uma vez que o autor mobiliza o discurso a partir de um gênero. Sendo assim, é enunciativa porque o autor se antecipa a um interlocutor, e essa responsividade, por sua vez, é revelada verbalmente pelas unidades linguísticas empreendidas no texto a fim de alcançar o projeto discursivo do gênero.

Nessa perspectiva, ao considerar as dimensões sociais e as dimensões verbais da carta aberta, buscamos investigar as regularidades linguístico-enunciativas dos textos produzidos no vestibular de verão da UEM 2019, com objetivo de analisarmos a abordagem do conteúdo temático proposto, mas, sobretudo, como os fenômenos estilístico-composicionais se mostram importantes na constituição e validação das produções. Ao tratar do tema, procuramos destacar a importância do seu reconhecimento e do posicionamento assumido pelo locutor ao tematizar sobre o projeto de lei “Canudo Zero”, na perspectiva de vislumbrar suas atitudes valorativas, políticas e ideológicas, expressas pelas escolhas linguísticas. Ao atentarmos para a construção composicional, observamos como os enunciados se organizam tendo em vista a própria tradição e definição do gênero. Finalmente, quando olhamos para o estilo, identificamos elementos linguísticos, tais como: tempos verbais, pronomes, modalizadores, construção sintática, seleção lexical, que incidem diretamente no conteúdo temático e na organização composicional do gênero em foco.

Para proceder a análise recorreremos em alguns momentos às categorias de modo e modalidade. Apoiando-nos em Neves (2002; 2006), entendemos como modalizações os recursos utilizados pelos candidatos/produtores para a expressão da avaliação, da atitude deles enquanto locutores do texto em relação ao que enunciam. Neste trabalho abordaremos dois tipos de modalizações, a saber: a) epistêmica: baseada em deduções e evidências; e b) deôntica: amparada por obrigações e permissões que podem ser de conduta “moral, interna, ditada pela consciência” ou “material, externa, ditada por imposição de circunstâncias externas” (NEVES, 2006, p. 174).

Portanto, mostramos nesta seção, primeiramente, um modelo de texto representativo entre os que obtiveram nota máxima e as regularidades que foram identificadas de modo qualitativo e quantitativo. Em seguida, empreendemos análise, também, sob os modelos de texto mediano e texto com nota zero, evidenciando as distinções quanto à abordagem do tema ao estilo como recurso utilizado pelos candidatos e a organização composicional desenvolvida por eles.

Texto 7

A3 (nota máxima)		
	1	<u>Mundolândia, 8 de dezembro de 2019. [1]</u>
	2	<u>Carta aberta aos vereadores de Mundolândia[2]</u>
1º	3	<u>Prezados vereadores [3], recentemente na câmara municipal de nossa cidade,</u>
	4	<u>onde resido há anos, iniciou-se a discussão acerca do pertinente projeto de lei</u>
	5	<u>“Canudo Zero” [4], a qual me motivou a redijir-lhes esta carta publicada no jornal</u>
	6	<u>“Folha de Mundolândia” [5], aberta à população. Como estudante consciente das</u>
	7	<u>questões que envolvem a proteção do meio ambiente [6], espero influenciar tanto</u>
	8	<u>a decisão da Câmara quanto a opinião pública [7] de forma favorável a este</u>
	9	<u>projeto [8] que proíbe o uso de canudos plásticos em restaurantes, lanchonetes,</u>
2º	10	<u>padarias e bares.</u>
	11	<u>Vejamos [9], que o projeto em questão segue o exemplo de outras cidades</u>
	12	<u>como Rio de Janeiro [10], primeira capital brasileira a banir o uso de canudos</u>
	13	<u>plásticos, quanto ao combate à poluição ambiental, em especial a marinha. O</u>
	14	<u>meio ambiente tem sofrido grandes impactos em virtude da lenta decomposição</u>
	15	<u>de produtos plásticos [11] como os canudos, o que torna sua proibição uma</u>
	16	<u>decisão mais que sensata. Desse modo, a aprovação de “Canudo Zero” se faz</u>
3º	17	<u>necessária, juntamente ao engajamento de toda nossa população [12] para pô-lo</u>
	18	<u>em prática.</u>
	19	<u>Ademais, vereadores de Mundolândia,[13] acredito que, uma vez aprovado o</u>
	20	<u>projeto de fomentará discussões ambientais que permitirão o desenvolvimento</u>
	21	<u>de uma consciência ambiental mais apurada nos cidadãos. Nesse contexto, abrir-</u>
	22	<u>se-ia caminho para que outras medidas fossem adotadas [14] pelo município,</u>
	23	<u>como a substituição de outros descartáveis plásticos (como copos e sacolas) por</u>
	24	<u>equivalentes biodegradáveis e o melhoramento de sistemas de coleta e destinação</u>
	25	<u>de resíduos sólidos. Assim, espero, senhores, que aprovem este projeto [15], que</u>
	26	<u>tanto tem a agregar a nossa cidade e ao meio ambiente.[16]</u>
	27	<u>Respeitosamente,</u>
		[17]
		Custódia.[18]

Uma vez que os aspectos extraverbais já foram analisados nas subseções anteriores, neste momento, nosso olhar se volta mais especificamente aos elementos verbais dos enunciados. Destacamos, a princípio, a linguagem formal utilizada como estilo de escrita do candidato/produtor do texto acima, com o intuito de conferir maior confiabilidade aos leitores, além de atender a uma característica do gênero. Com base nos discursos mobilizados, é possível perceber que o candidato/produtor tematiza de forma convincente sobre a proposta – canudo plástico, e imprime não só o posicionamento favorável, evidenciado pela tese [7] logo no primeiro parágrafo, mas também por aspectos valorativos do locutor em relação ao tema. Ao constituir os enunciados, busca-se verbos modais epistêmicos para expressar vontades, com

predominância de tempo empregado no presente do indicativo, produzindo efeito de verdade e certeza – “*espero*” e “*acredito*” (linhas 7 e 17 respectivamente) – e adjetivos qualificadores – “*pertinente*” e “*sensata*” (linhas 4 e 15) que, nesse caso, endossam a aprovação do projeto de lei, como se vê na abordagem do tema: “discussão acerca do *pertinente* projeto de lei ‘Canudo Zero’ [4]”. Esses recursos revelam um tom persuasivo e crítico escolhido para discorrer sobre a proposta temática e é seguido não só pelo candidato/produtor do texto acima, como também podem ser visualizados em todos os textos que obtiveram nota máxima, provavelmente porque transmitem não só um estilo pessoal de autoria, mas buscam também atender ao estilo do gênero carta aberta.

No desenvolvimento do texto em análise, observamos que a argumentação foi construída com base nas informações fornecidas pela própria seleção de textos motivadores. Isso se justifica pela característica natural da carta aberta que ocorre como uma reação-resposta a outros enunciados. Portanto, sendo os textos da prova responsáveis pelo recorte temático, nada mais relevante que escrever de forma responsiva ao que foi discutido por eles. Ao concluir, o candidato/produtor se coloca mais uma vez diante do tema ao solicitar a aprovação do projeto e incitar a câmara a uma tomada de decisão [15]. Outro fator expressivo quanto a abordagem temática é que o candidato/produtor faz uso de uma certa sequência discursiva, encontrada regularmente na ampla maioria dos textos que obtiveram notas máximas. Primeiramente, apresenta-se o ponto de vista do locutor, em seguida utilizam-se recursos argumentativos para convencer os leitores a assumirem um posicionamento e, por fim, solicita-se a tomada de atitude da câmara municipal de vereadores do município de Mundolândia.

Ao notarmos essas regularidades em relação à progressão do tema, reparamos também uma sequência discursiva na organização estilístico-composicional dos textos bem avaliados. De forma geral, os elementos facilmente reconhecidos são: local e data; título; corpo do texto; despedida; e assinatura [1], [2], [17] e [18] – características encontradas em todos os textos que foram analisados com nota máxima. No entanto, outras regularidades também nos chamaram a atenção. Destacamos no primeiro parágrafo a retomada ao interlocutor que já havia sido mencionado no título, mas que agora apresenta-se por meio de um vocativo, termo isolado na oração utilizado como uma estratégia de chamar o interlocutor, intimá-lo ao discurso, disposto na maioria desses textos não só na introdução, como também ao longo da escrita. Ao nosso ver, essa repetição está para além de um convite ao interlocutor. Trata-se de um efeito apelativo que busca, nessa reiteração, convencer, persuadir o destinatário. Outro fato é que esse vocativo por vezes aparece acompanhado por um pronome de tratamento, como “Prezados vereadores [3]”, mantendo assim a formalidade e o diálogo exigidos para o gênero e interlocutor. Ainda no

parágrafo introdutório, percebemos a ocorrência da apresentação do tema [4]; do suporte [5]; do papel social do locutor [6]; da finalidade discursiva [7]; e da tese [8]. Todos esses elementos são utilizados respondendo ao contexto de produção e papéis sociais apresentados no comando da prova. Claro que ao longo do texto a constituição dos enunciados ocorre em função desses papéis sociais desempenhados no momento da escrita, porém, notamos a preocupação dos locutores em apresentar marcadamente esses aspectos na introdução, certamente, a fim de indicar as motivações para mobilizar o gênero e os objetivos que se pretende alcançar. Além de ser, como já discutimos na subseção 4.2, um requisito considerado na avaliação dos textos em situação de vestibular. Sobre a tese percebemos regularidades na forma de apresentação. Na maioria das vezes, o candidato/produtor expressa seu ponto de vista por meio de advérbios, adjetivos, ou locuções adverbiais, como podemos ver em [6] - “influenciar a decisão da câmara [...] *de forma favorável* ao projeto de lei”. Essa escolha dita o sentido positivo ou negativo do verbo “influenciar”, escolha lexical despontada em grande parte das produções para expor o intuito discursivo do locutor e do gênero em questão – “influenciar tanto a decisão da Câmara quanto a opinião pública [7]”.

No desenvolvimento, parte que geralmente corresponde ao segundo parágrafo, identificamos certa constância no uso dos verbos conjugados na primeira pessoa do plural (‘vejam [9]’) como uma visada de direcionamento aos leitores, convocando-os ao discurso. Ademais, a construção da argumentação que normalmente é iniciada nesse parágrafo leva a um tom persuasivo ao utilizar estratégias argumentativas de exemplificação e de causa e consequência, como se pode ver respectivamente em [10] e [11] (‘o projeto em questão segue o exemplo de outras cidades como Rio de Janeiro’ e ‘O meio ambiente tem sofrido grandes impactos *em virtude* da lenta decomposição de produtos plásticos’). De forma geral, percebemos que o candidato/produtor, para persuadir os interlocutores, procura utilizar mecanismos linguísticos que possibilitam orientar argumentativamente os enunciados. Dentre os vários mecanismos, chamamos a atenção para o emprego de operadores argumentativos para introduzir justificativas, como ‘em virtude de’ e ‘ademais’ (linhas 14 e 18), e para introduzir conclusão, como ‘assim’ (linha 23).

Também é preciso ressaltar a contra-argumentação como uma técnica bem recorrente em outros textos que obtiveram nota máxima, denotando um contraste de opiniões e ao mesmo tempo provocando um efeito de contestação. Como a maioria dos candidatos/produtores se decidiram a favor do projeto de lei, ao recorrerem a esse recurso argumentativo levaram em conta também o público leitor (vereadores e cidadãos de Mundolândia) cuja manifestação seria contrária ao projeto. Nesses casos, destacamos o fato de o locutor considerar linguisticamente

um auditório maior que a própria câmara municipal e dirigir-se sobretudo aos demais cidadãos leitores do jornal, como veremos a seguir em fragmentos de outros textos bem avaliados:

- 1 [...] **Apesar de muitos moradores contrários ao projeto** afirmarem que a lei seria ineficaz pois não resolveria o problema do lixo completamente, **é preciso ressaltar**, senhores vereadores, **que não há uma solução única para o excesso de plásticos**. [...] (TEXTO A4, parágrafo 2, linhas 9-11 – grifo nosso)
- 2 [...] **muitos já me disseram que** não são só os canudos plásticos o problema da poluição do ambiente, e eu concordo! **Porém** acredito também que a proibição dos mesmos, é um grande passo para o começo de uma **conscientização mais profunda da população**. (TEXTO A5, parágrafo 2, linhas 8-11- grifo nosso)

Por meio desses recursos linguísticos, os candidatos/produtores mostraram um projeto enunciativo voltado para a interlocução esperada. Ela, que também é intimada a participar do processo argumentativo, muitas vezes de forma explícita, como ocorreu no exemplo 12 do texto em análise - “a aprovação de ‘Canudo Zero’ se faz necessária, juntamente ao *engajamento* de toda nossa população [12]”. Ao convocar verbalmente a população de Mundolândia, o locutor procura destacar que a adesão ao projeto de lei não depende somente dos vereadores, mas será consequência do apoio e manifestação de todos os cidadãos.

Adentrando no último parágrafo, destinado à conclusão do texto, notamos com muita frequência aquela retomada ao interlocutor marcado por meio de vocativo – “vereadores de Mundolândia [13]”, com objetivo de resgatar o diálogo com esse auditório, já que em outros momentos dirigiu-se também à população de Mundolândia. Outrossim, se a câmara é o interlocutor mostrado no título e responsável por assinar o projeto, nada mais justo nesse momento, do que chamá-la a essa responsabilidade. Ainda na conclusão, há indícios de argumentação. Neste texto, por exemplo o candidato/produtor procura estabelecer uma argumentação por evidências que denotam certeza - “uma vez aprovado, o projeto de lei *fomentará* discussões ambientais que *permitirão* o desenvolvimento de uma consciência ambiental mais apurada nos cidadãos. Nesse sentido, *abrir-se-ia caminho* para que outras medidas fossem adotadas.[14]”. Percebe-se, pelas escolhas linguísticas e pelos verbos conjugados no futuro, que o candidato/produtor demonstra uma avaliação em relação ao fato enunciado, que está apoiada em suas condições de verdade, no seu conhecimento a partir de resultados certos, possíveis, prováveis de acontecer.

Nas linhas finais dos textos, como já mencionamos, verificamos o uso regular de frases que denotam sugestões ou solicitações sobre a aprovação do projeto, feitas também pela

utilização de verbos diretivos, seguidos de verbos no imperativo [15], que reforçam ainda mais a persuasão. Essa afirmação, normalmente, vem junto com alguma justificativa, retomada ou ênfase da tese defendida pelo locutor, como em “Assim, *espero que aprovem* este projeto [15], que tanto tem a agregar a nossa cidade e ao meio ambiente. [16]”. Para melhor ilustrarmos essas regularidades e a recorrência delas em textos avaliados com nota satisfatória vejamos o quadro abaixo

Quadro 8

Sequência discursiva de regularidades linguístico-enunciativas do gênero carta aberta em situação de vestibular			
	Regularidades encontradas em textos com nota máxima	Exemplificação pelo modelo analisado	Recorrência (%) *
	Cabeçalho com local e data	Mundolândia, 8 de dezembro de 2019. [1]	<u>100%</u>
	Título com interlocutor marcado	Carta aberta aos vereadores de Mundolândia [2]	<u>100%</u>
	Retomada ao interlocutor marcado por meio de vocativo e pronome de tratamento	Prezados vereadores [3],	<u>80%</u>
	Tema: geralmente acompanhado de adjetivos qualificadores	<i>Pertinente</i> projeto de lei “Canudo Zero” [4],	<u>100%</u>
	Suporte	jornal “Folha de Mundolândia” [5]	<u>54%</u>
	Papel social usado como justificativa da escrita seguido de adjetivos que legitimam o locutor	Como <i>estudante consciente</i> das questões que envolvem a proteção do meio ambiente [6],	<u>90%</u>
	Finalidade	<i>influenciar</i> tanto a decisão da Câmara quanto a opinião pública [7]	<u>100 %</u>
	Tese – posicionamento favorável ou contrário geralmente expresso por advérbios	<i>favorável</i> a este projeto [8]	<u>86%</u>
		Argumentação intermediada por modalizações, estratégias de comprovação por exemplificação, contra-argumentos, evidências, causa e consequência; e operadores argumentativos.	o exemplo de outras cidades como Rio de Janeiro [10] O meio ambiente tem sofrido grandes impactos <i>em virtude</i> da lenta decomposição de produtos plásticos [11]
Indícios de uma interlocução esperada realizada por pronomes e verbos conjugados na primeira pessoa do plural, ou pela nomeação explícita desses possíveis interlocutores – a população.		<i>Vejamos</i> [9], faz necessária, juntamente ao engajamento de toda nossa <i>população</i> [12] para pô-lo em prática	100%
	Retomada ao interlocutor marcado por meio de vocativo no início do parágrafo e/ou antes de realizar solicitação.	Ademais, <i>vereadores</i> de Mundolândia,[13]	70%
	Argumentação por meio de modalizações que exprimem evidências ou avaliações pessoais; estratégias por contra-argumentos, exemplificação e relação de causa e consequência; e operadores argumentativos para introduzir justificativas e conclusões.	<i>Uma vez</i> aprovado, o projeto de <i>fomentar</i> discussões ambientais que <i>permitirão</i> o desenvolvimento de uma consciência ambiental mais apurada nos cidadãos. Nesse contexto, <i>abrir-se-ia</i> caminho para que outras medidas fossem adotadas [14]	83%
	Solicitação ou sugestão realizada com utilização de verbos diretivos e verbos imperativos, com ou sem vocativo intercalado.	<i>Espero</i> , senhores, que <i>aprovem</i> este projeto [15],	73%
	Frases que denotam a ênfase da tese e/ou justificativa da solicitação	[...]que tanto tem a agregar a nossa cidade e ao meio ambiente.[16]	80%
	Despedida e assinatura	Respeitosamente, [17] Custódia [18]	<u>100%</u>

Fonte: a pesquisadora

*Foram analisados 30 textos com nota máxima.

Como se pôde observar, as 18 regularidades identificadas não estão obrigatoriamente presentes em todos os textos analisados (30), mas foram encontradas em no mínimo 54% deles. Cabeçalho com local e data; despedida; e assinatura são características da organização composicional bem reconhecidas pelos alunos, até porque são recorrentes na maioria dos tipos de carta. O título que é o “portal de entrada” de uma carta aberta, também apareceu em todos os textos. Alguns (9), no entanto, não só marcaram o interlocutor - vereadores ou câmara municipal, como também mencionaram o assunto a ser discutido (projeto de lei Canudo Zero). A seguir vejamos os três tipos de títulos mais encontrados:

- 1 “Carta aberta aos vereadores de Mundolândia”
- 2 “Carta aberta a câmara municipal de Mundolândia”
- 3 “Carta aberta aos vereadores de Mundolândia sobre o projeto de lei Canudo Zero”

Destacamos na introdução o papel social do locutor tema e finalidade - elementos que foram atendidos com 90 a 100% de frequência. Além desses, o primeiro parágrafo dos textos foi onde mais reconhecemos as expressões avaliativas, principalmente para legitimar o locutor, reconhecer a importância do tema discutido, caracterizar o posicionamento assumido, e inclusive qualificar a finalidade discursiva.

Como **estudante ativista** de um projeto socioambiental do município, visando o **consumo consciente**, tenho acompanhado as discussões acerca do projeto “Canudo zero” que proíbe o uso de canudos plásticos em diversos estabelecimentos. Desse modo, tendo em vista a **grande repercussão do tema** na nossa cidade, decidi redigir a presente carta para através do meu **posicionamento favorável** à lei, **influenciar positivamente** a decisão da câmara e a opinião pública. (TEXTO A4, parágrafo 1, linhas 6-8 – grifo nosso)

Ao valer-se dessas expressões, no texto acima representadas por adjetivos e advérbios, o candidato/produtor expressa julgamentos de valor sobre o conteúdo temático e constitui enunciados valorativos que imprimem confiança ao leitor – o que torna o percurso mais propício para manifestar opinião e convencer o auditório. Por ser um texto de caráter argumentativo, o desenvolvimento é sempre voltado a argumentação, mas o que de fato se destacou foram os indícios da interlocução esperada, evidenciados em todos os textos, inclusive por recursos linguísticos que deixaram explícito, seja pelos verbos na primeira pessoa do plural, seja pelo próprio termo “população”, o diálogo estabelecido com os moradores de Mundolândia. Ao tratarmos sobre interlocução esperada na subseção 4.3, reconhecemos a responsividade a esse auditório como um projeto discursivo da carta aberta. Portanto, como se viu no texto analisado

e ilustramos agora em outros fragmentos, essa natureza do gênero foi constatada ao verificarmos regularidades linguístico-enunciativas por meio das quais, os candidatos procuraram notabilizar essa interlocução.

1 [...] a **população** se tornou consciente com a implantação da reciclagem tempos atrás [...] desse modo **podemos** e **vamos nos** policiar em relação a não utilização de canudos plásticos dentro de **nossas** casas [...] (TEXTO A6, parágrafo 3, linhas 15-18)

2 [...]espero a boa vontade **nossa**, como **mundolândianos** educados que **somos**, para substituir o plástico por outros materiais como o papel. **Seremos**, assim, a cidade exemplo para o mundo todo. (TEXTO A7, parágrafo 3, linhas 20-21)

Nos dois fragmentos, o candidato utiliza os pronomes possessivos e verbos conjugados na primeira pessoa do plural (nós = eu + população) para promover um engajamento e ao mesmo tempo convidar os moradores de Mundolândia para o processo argumentativo. Esse diálogo é ainda mais esclarecido pela referência a “população” (A6) e “mundolândianos” (A7) - adjetivo pátrio criado pelo próprio candidato/ produtor para descrever quem mora em Mundolândia. No parágrafo conclusivo dá-se continuidade à argumentação e normalmente recorre-se a estratégias diferentes daquelas já utilizadas ao longo do texto. O que damos atenção aqui é a retomada ao interlocutor marcado por meio de vocativo, que pode aparecer no início do parágrafo, ou nas últimas linhas do texto, as quais se destinam a uma solicitação ou sugestão.

1 Sendo assim, **vereadores**, **espero que aprovem** o projeto de lei, **apoiem** cada vez mais iniciativas que **protejam** o meio ambiente e **organizem** campanhas para tornar os cidadãos de Mundolândia mais responsáveis. (TEXTO A6, parágrafo 3, linhas 18-20)

2 Sendo assim, **grupo de poder da minha cidade**, **ressalto** o benefício da aprovação desse projeto e **peço** que pensem a respeito desse assunto afim de optarem pela decisão adequada. (TEXTO A8, parágrafo 3, linhas 20-22)

Os fragmentos acima representam a parte final dos textos analisados. Ambos concluem com solicitações mediadas por verbos declarativos e/ou verbos no imperativo, tencionando esse interlocutor marcado a realizar a ação expressa, já que é a Câmara Municipal que deve decidir pela aprovação ou não do projeto de lei. Como se constata, essas regularidades foram verificadas não só no texto A3, o qual analisamos por completo, mas mostramos aqui como também foram reincidentes em outros textos bem avaliados, ilustrados pelos fragmentos acima. A seguir, escolhemos um texto representativo daqueles que obtiveram nota mediana, para investigarmos aspectos dessas regularidades que puderam intervir no processo avaliativo.

Texto 8

B3 (nota mediana)		
	1	<u>Maringá, 08 de dezembro de 2019.[1]</u>
	2	<u>Carta aberta aos vereadores de Mundolândia sobre o projeto de lei “Canudo Zero”</u>
	3	<u>[2] Caros vereadores de Mundolândia [3], como uma estudante <i>consciente</i> [4]</u>
1º	4	<u>das questões de proteção ao meio ambiente, <i>considero fraco e insustentável</i> o</u>
	5	<u>projeto de lei canudo “Canudo Zero” [5]. Embora seja válido a necessidade de</u>
	6	<u>substituir o plástico por material biodegradável, <i>creio que</i> o primeiro passo para</u>
	7	<u>tornar a cidade ecologicamente consciente, seja por meio de uma educação</u>
	8	<u>ambiental aos cidadãos que aqui habitam.[6]</u>
	9	<u>Proteger o meio ambiente <i>deve</i> ser uma pauta de extrema importância [7], pois</u>
2º	10	<u>não haverá impacto benéfico algum a nossa biodiversidade sem que entendam a</u>
	11	<u>necessidade, por exemplo, de nós cidadãos, separarmos o lixo [8] e do município</u>
	12	<u>em garantir uma coleta adequada de resíduos. A partir disso, <i>posiciono-me contrário</i></u>
	13	<u>ao projeto de lei em questão [9], e <i>peço que tratem</i> a causa ambiental com mais</u>
	14	<u><i>rigidez e procurem</i> efetivar políticas ambientais [10] que realmente tenham impacta</u>
	15	<u>positivo aos moradores e meio ambiente.</u>
	16	<u>Cordialmente [11], Custódia.[12]</u>
	17	

Ao contrário dos textos que analisamos até aqui, os quais tematizaram em defesa do projeto de lei, o modelo acima contempla o tema ‘canudo plástico’ discursando sobre a inutilidade do projeto. Apesar de o comando da prova permitir esse posicionamento contrário, acreditamos que pode ter sido uma escolha de abordagem arriscada, uma vez que, ao adotá-lo, o candidato/produtor fica suscetível a negar a importância do tema, o que para nós torna o percurso persuasivo mais difícil, tendo em vista a circulação da carta aberta atuando predominantemente em ‘defesa’ de causas sociopolíticas e ambientais. Em nossa avaliação, os candidatos/produtores que se assumiram em oposição ao projeto de lei encontram mais dificuldade em cumprir o propósito enunciativo da carta, pois, em situação real de produção, outros gêneros discursivos, como comentário crítico e artigo de opinião, desempenhariam melhor esse papel¹⁵. Vale salientar que mesmo a ampla maioria dos textos bem avaliados terem apresentado posicionamento favorável ao tema, não avaliamos essa escolha como um fator responsável pela nota máxima ou mediana. O que provavelmente explica esse resultado é o cumprimento das funções comunicativas esperadas de uma carta aberta, que podem ser

¹⁵ Assim como a carta aberta, o artigo de opinião e o comentário crítico são gêneros de caráter argumentativo e estão circulando atualmente nas redes sociais ao tratarem temas polêmicos com tom provocativo. Nossa afirmação a respeito da valoração temática empreendida em cada um deles, é pautada em observações que fizemos a partir de divulgações desses textos na internet. Enquanto a carta aberta comumente compõe-se por discursos que atuam na luta de causas sociais e em defesa de projetos culturais e ambientais, o artigo de opinião e o comentário crítico aparecem com mais frequência analisando e até mesmo medindo a relevância e os impactos dessas questões na sociedade.

vislumbradas pelas regularidades linguístico-enunciativas verificadas neste trabalho. Sendo assim, o texto acima apresenta pontos de encontro e de desencontro em relação a essas características.

A respeito da abordagem temática, identificamos algumas recorrências, dentre elas, a presença de adjetivos encontrados no primeiro parágrafo, que nesse caso invalidam o tema e ressaltam o posicionamento desfavorável do locutor a respeito do projeto - “*considero fraco e insustentável* o projeto de lei canudo “Canudo Zero” [5]”. Ao marcar o seu papel social, o candidato/produtor demonstra ter compreendido essa necessidade, pois utiliza sua posição de “estudante *consciente* [4]” como justificativa de escrita. Além disso, vale-se também de uma expressão avaliativa com objetivo de legitimar seu papel enquanto locutor capaz de manifestar opinião. Ou seja, ao usar o adjetivo “*consciente*”, o locutor imprime o discurso de alguém que está qualificado para discorrer sobre o assunto, considerado por ele “*fraco*” e “*insustentável*”. Em acréscimo, é possível perceber a recorrência dos verbos diretivos - “*considero*” “*creio*” “*peço*”, conjugados sempre no presente como estratégia para conferir certeza e verdade ao discurso (linhas 4, 6 e 14), validando de forma mais enfática o posicionamento assumido, e, também levando o interlocutor a tomar uma atitude em relação ao que está sendo enunciado.

Destacamos as regularidades linguístico-enunciativas acima como um recurso estilístico encontrado nos textos com nota máxima e que também estão mostrados nesse texto mediano. Do mesmo modo, observamos que o candidato/produtor tem um bom conhecimento da organização estilo-composicional que compõe uma carta aberta: local e data [1]; título com interlocutor marcado seguido de assunto a ser discutido [2]; retomada ao interlocutor marcado por meio de vocativo e antecipado por um pronome de tratamento [3]; e papel social legitimado [4]. Sobre a descrição do tema e tese, nesse caso, os dois parecem estar aglutinados [5] – o que fugiu das regularidades assinaladas anteriormente. O viés argumentativo também é visualizado e nesse texto, por intermédio de modalização epistêmica, dessa vez mostrando o estado de compreensão e crença do locutor como, “*creio que* o primeiro passo para tornar a cidade ecologicamente consciente, seja por meio de uma educação ambiental [6]”. Outra modalização visualizada aqui é a deôntica, quando a estratégia é avaliar o conteúdo enunciado apoiando-se em obrigações e permissões, como “Proteger o meio ambiente *deve* ser uma pauta de extrema importância [7]”. Percebe-se que a utilização do verbo auxiliar modal “*deve*” provoca um efeito imperativo sobre a conduta a ser adotada pelas autoridades, considerando a proteção do meio ambiente uma obrigação moral e material impostas pelas circunstâncias externas.

Na conclusão, notamos a retomada da tese, que é enfatizada por um verbo de significação plena, indicador de posicionamento, “*posiciono-me* contrário ao projeto_[9]”. Em

seguida há uma construção frasal pela qual se realiza solicitação com verbo direto acompanhado de verbo imperativo - “*peço* que *tratem* a causa ambiental com mais rigidez e *procurem* efetivar políticas ambientais [10] – recursos linguísticos bem recorrentes em textos com nota máxima. Há ainda, despedida [11] e assinatura [12], atendendo as exigências formais da carta.

Observa-se que o texto segue uma certa sequência discursiva e imprime, por meio dessas regularidades, intenções do candidato/produtor em constituir enunciados persuasivos a fim de cumprir com as funções comunicativas da carta aberta. Todavia, por mais que demonstre ter um bom conhecimento do gênero, algumas inadequações puderam interferir na sua nota.

Vejamos em princípio que o candidato/produtor faz confusão com a cidade a ser enunciada no cabeçalho – “Maringá, 08 de dezembro de 2019[1]” – erro que provavelmente se deu em virtude de o vestibular ter acontecido na cidade de Maringá. Ainda no primeiro parágrafo, além de tema e tese estarem aglutinados, notamos que não houve a descrição do suporte “Jornal folha de Mundolândia – regularidade encontrada em outros textos, mas que ao nosso ver, é dispensável tendo em vista que o jornal é o próprio veículo de circulação, portanto, mesmo que seja importante, é um elemento extraverbal que não precisa ser linguisticamente mostrado. Sobretudo, o que sublinhamos nesse parágrafo é a ausência de uma explanação a respeito da finalidade discursiva, das pretensões textuais. Embora apresente seu ponto de vista desfavorável ao projeto, em nenhum momento o candidato/produtor traça suas motivações, nem os objetivos que se pretende alcançar com a escrita - o que torna o texto menos convincente. Sob esse aspecto, ressaltamos que a finalidade discursiva de um gênero é elemento primordial para sua definição e organização, além de ter sido uma das regularidades encontradas em 100% dos textos bem avaliados.

No que diz respeito ao processo de argumentação, o candidato/produtor não soube explorar de maneira satisfatória estratégias argumentativas que poderiam ser construídas com base em informações contidas nos próprios textos de apoio, já que eles abordaram perspectivas diferentes sobre o tema. Ademais, os indícios de uma interlocução esperada também foram visualizados de modo superficiais (“de nós cidadãos, separarmos o lixo [8]”) e poderiam ter sido mais explorados por meio de pronomes plurais, verbos conjugados na primeira pessoa do plural, contra-argumentos, nomeações como apareceu em [8], mas que fossem mais recorrentes no texto evidenciado esse auditório também como interlocutores, já que essa é uma característica distintiva da carta aberta.

Outro recurso pouco evidenciado foi a retomada ao interlocutor marcado por meio de vocativo. Essa regularidade se mostra importante em todas as cartas, justamente por ser algo

especial desse gênero, ter esse diálogo voltado para alguém e poder construir todo o projeto enunciativo para o interlocutor. Como essa intimação ocorreu apenas na introdução [3], e não surge mais vezes ao longo do texto, o discurso perde força e deixa de cumprir com seu papel.

Sem pormenorizar, o exemplo de texto mediano mostra genericamente como as regularidades linguístico-enunciativas identificadas nos textos nota máxima, à medida que foram atendidas, se tornaram relevantes para cumprir com o intuito discursivo do gênero e, também de modo inverso, como a ausência ou cumprimento parcial de algumas delas puderam interferir na constituição dos enunciados, prejudicando o projeto enunciativo da carta aberta.

Vejam agora como se deu a constituição de um texto nota zero:

Texto 9

C3 (nota zero)		
	1	<u>Aos vereadores de Mundolândia...[1]</u>
1º	2	Muitos problemas ambientais, são causados pelo uso diário de materiais feitos de
	3	plásticos, tendo por parte da população uma falta de conscientização sobre o uso
	4	deste. <u>Logo, é preciso que estes indivíduos sejam incentivados pelas autoridades [2]</u>
	5	para que haja uma diminuição no uso de plásticos. Começando pelos canudos, que
2º	6	estão presentes no dia a dia dos cidadãos e são descartados de forma incorreta.
	7	A lei ajudará o meio ambiente, e estará preservando a sobrevivência de todos. <u>E</u>
	8	<u>com a fundação e a colocação em prática do projeto, muitas outras cidades poderão</u>
	9	<u>ser incentivadas e outras proposta poderão surgir [3]</u> para que cada vez mais haja a
3º	10	diminuição do uso desse componente.
	11	Para isso, <u>é necessário que seja colocado em prática, e com leis rígidas e claras,</u>
	12	<u>para que todos os lugares sigam e incentivem a população [4].</u>
	13	<u>Atenciosamente, [5]</u>
	14	<u>Custódia. [6]</u>
	15	

Diferentemente dos anteriores, verificamos que o texto 9, avaliado com nota zero não se constitui a partir das regularidades linguístico-enunciativas que compõem a carta aberta em situação de vestibular.

No tratamento temático, o candidato/produtor conduz certa discussão sem considerar seu papel social e constrói enunciados que não denotam aspectos apreciativos, distanciando-se, portanto, dos textos A3 e B3, que exploraram com grande predominância os adjetivos de avaliação, principalmente no parágrafo introdutório. Além disso, notamos que a maioria dos

textos zerados se apropriaram mais de regularidades recorrentes em textos dissertativo-argumentativos¹⁶ do que aquelas que compõem o gênero solicitado.

Observamos nesse texto, por exemplo, a tese construída por modalização deontica na qual o candidato/produtor dita uma conduta moral que deve ser assumida pelas autoridades - “*é preciso que* estes indivíduos *sejam* incentivados pelas autoridades [2]”. Valemo-nos agora de uma análise de cunho mais gramatical: esse tipo de construção de tese, elaborada por meio do segmento “É preciso”, seguido da conjunção subordinativa integrante “que”, iniciando oração subordinada substantiva subjetiva, configura-se em uma regularidade muito presente em textos dissertativo-argumentativos, nos quais os sujeitos produtores devem escrever em terceira pessoa, modalizando as valorações e impressões pessoais de modo que fiquem mais veladas.

Em relação à organização composicional, identificamos na primeira linha a construção frasal “Aos vereadores de Mundolândia... [1]”, cuja função está ligada ao direcionamento do discurso a esse auditório – os vereadores. Porém, além de não recorrer ao uso de vocativo para intimar esse público, não há retomadas que reforcem o diálogo, nem indícios de antecipação à atitude responsiva desses interlocutores. Quanto à argumentação, iniciada regularmente no segundo parágrafo, observamos que ela foi construída com base em informações contidas nos textos de apoio da própria prova, inclusive utilizando da estratégia de argumentação por evidências (“com a fundação e a colocação em prática do projeto, muitas outras cidades poderão ser incentivadas e outras proposta poderão surgir [3]”), recurso utilizado de forma muito positiva pelos textos bem avaliados. Por outro lado, destacamos a ausência de mecanismos linguísticos que expressem uma interlocução esperada, ou seja, o candidato/produtor não considera o campo de atuação e suporte a ser veiculado, por isso não alcança esse intuito discursivo do gênero solicitado.

Na conclusão, verificamos novamente a modalização deontica, dessa vez aderindo uma conduta mais material ditada por imposição de circunstâncias externas – “... *é necessário que seja* colocado em prática, e com leis rígidas e claras, para que todos os lugares sigam e incentivem a população [4]”. Mais uma vez, notamos a construção frasal iniciada por oração subordinada subjetiva, “*é necessário que*”. Em adição, percebemos que, pela maneira como foi composto o enunciado, demonstra-se claramente a intenção do candidato/produtor em propor uma intervenção (‘seja colocado em prática’); o modo como ela deve acontecer (‘com leis mais rígidas e claras’); e o efeito que se pretende alcançar (‘para que todos os lugares sigam e

¹⁶ O texto-dissertativo-argumentativo não é considerado um gênero discursivo, pois só existe como tal no ambiente escolar e/ou para fins avaliativos (SOBRAL; PAULA; FRANCO, 2020). Mesmo assim, por ser um texto escolar, exigido na prova de redação do ENEM, exerce forte influência na escrita do estudante do Ensino Médio.

incentivem a população’). Esse tipo de conclusão é característica de textos dissertativo-argumentativos solicitados na prova de redação do ENEM, que visam por meio da competência 5 (cinco)¹⁷, a elaboração de proposta de solução para os problemas abordados.

Os elementos de despedida [5] e assinatura [6] exibidos ao final do texto demonstram aproximação com estrutura composicional de uma carta. No entanto, essas regularidades são insuficientes para a validação textual, uma vez que ao constituir seus enunciados, o candidato/produtor recorre majoritariamente às regularidades de um texto dissertativo-argumentativo e por consequência não atende as exigências comunicativas de uma carta aberta. De acordo com o Manual do Candidato 2019, o não atendimento ao gênero solicitado é por si só um critério que pode zerar uma redação. Sendo assim, é bem provável que esse tenha sido o fator potencial para o candidato/produtor do texto acima ter recebido nota zero.

Até aqui identificamos e analisamos o engendramento de regularidades linguístico-enunciativas nas produções textuais em situação de vestibular com base no gênero carta aberta. Mostramos a recorrência de fenômenos linguísticos que revelaram de forma bem definida uma relativa estabilidade do estilo empreendido na abordagem temática e organização composicional encontradas significativamente em textos com nota máxima, parcialmente em textos medianos e ausente em textos com nota zero.

Enfatizamos que os textos foram produzidos em situação de vestibular, com as mesmas condições de produção estabelecidas para todos os candidatos/produtores, que simultaneamente realizaram a produção textual sob o gênero carta aberta e suas dimensões sociais e verbais, e sob os critérios preestabelecidos para avaliação dos textos. Esses aspectos, em conjunto, fazem com que as regularidades identificadas nesse contexto sejam mais definidas do que se fossem analisadas nas condições de produção e circulação reais do gênero, tendo em vista o seu deslocamento do campo jornalístico e/ou redes sociais para uma função didática e avaliativa. Portanto, com a subseção seguinte, intencionamos resgatar elementos que constituem os gêneros no campo jornalístico e elementos que configuram uma produção textual em contexto de vestibular, para então identificarmos algumas alterações que podem ter influenciado essas regularidades linguístico-enunciativas.

¹⁷ Cinco competências orientam a escrita da prova de redação no ENEM. Dentre elas, a competência 5 exige a elaboração de uma proposta de intervenção para o problema apresentado pelo tema, respeitando os direitos humanos. Para atender a esse requisito de forma elaborada o candidato deve ancorar-se em elementos que expliquem textualmente: ação; agente; meio; efeito e detalhamento (INEP,2019). A conclusão com esses elementos em especial, fazem com que o texto dissertativo-argumentativo do ENEM se diferencie de outros textos.

4.5 ALTERAÇÕES NO GÊNERO PROVOCADAS PELO DESLOCAMENTO DO CAMPO JORNALÍSTICO PARA O VESTIBULAR

Como já pudemos discutir nesta dissertação, as regularidades linguístico-enunciativas de um gênero ocorrem em razão das condições extraverbais envolvidas no discurso: locutor, auditório social, finalidade discursiva, suporte e campo de atividade. Se alteradas as posições enunciativas, pode se alterar também o gênero. Por isso, sendo a carta aberta um gênero que emerge do campo jornalístico alcançando mais recentemente as redes sociais, com finalidades especiais de manifestação e persuasão, acreditamos que quando deslocada para uma situação de vestibular, mesmo considerando as condições de produção indicadas pelo comando, há alterações nas regularidades do gênero, tendo em vista o seu intuito avaliativo.

Vale salientar que essas condições no comando da prova levam o candidato a encontrar um contexto que permite uma escrita mais próxima da realidade, o que contribui significativamente na construção dos enunciados a partir das relações sociais. De qualquer modo, atentando para a situação de avaliação a que é submetido, é inevitável que as estratégias discursivas realizadas pelos candidatos/produtores também ocorram em função dos previstos critérios de correção, o que automaticamente interfere nas regularidades linguístico-enunciativas do gênero mobilizado.

Destacamos que a carta aberta é gênero discursivo que nasce no campo jornalístico e por isso, possui regularidades linguístico-enunciativas provenientes desse campo, que se estabilizam de forma diferente para esse gênero devido ao seu específico projeto enunciativo direcionado a uma interlocução marcada e, também, a uma interlocução esperada (FRANCO; ZANUTTO, 2017a). Em situação de vestibular, mostramos regularidades desse gênero voltadas a uma sequência discursiva utilizada pelos candidatos/produtores que visavam atender os critérios previstos para avaliação deles além dos próprios elementos que compõem o gênero.

Sobre a formulação e a aplicação da prova de redação em vestibular, vimos que elas são realizadas por meio de comandos de produção textual que orientam o candidato em sua produção escrita, como também servem de parâmetro avaliativo para a banca avaliadora (MENEGASSI, 2012). Estes são os elementos constituintes da enunciação e que orientam o candidato/produtor sobre vários aspectos a serem considerados em seu texto: finalidade; interlocutor; gênero textual; circulação social; suporte textual; e posição do autor. Sendo assim, da mesma maneira que o indivíduo em situação de vestibular atenta-se para esses elementos orientados pelo comando da redação, não deixa de ponderar o seu contexto real de candidato/produtor que pleiteia, por meio da prova, uma vaga em curso superior.

Sob esse aspecto, Menegassi (2012) argumenta que o indivíduo em situação de vestibular possui dentro de si um “auditório social” definido que rege todo o momento de sua escrita, fazendo com que o candidato/produtor, pensando-se na situação de avaliação, escreva seguindo os parâmetros sociais. Portanto, nessas condições, o candidato/produtor leva em conta também os padrões da instituição para a qual se escreve para que o texto seja aceito. Por esse motivo sustentamos que as alterações provocadas pelo deslocamento do gênero para essa situação avaliativa estão justamente nesse movimento de responsividade ao comando e ao contexto de produção, que aparece marcadamente ao longo dos textos mais bem avaliados, como estratégia para que candidato/produtor deixe clara sua compreensão em relação as condições extraverbais enunciadas na prova. Por isso, nessa análise destacamos algumas regularidades encontradas em textos com nota máxima, provocas por esse deslocamento do gênero.

Texto 10

A9 (nota máxima)	
	1 <u>Mundolândia, 8 de dezembro de 2019. [1]</u>
	2 Carta aberta aos vereadores de Mundolândia
1º	3 Senhores vereadores, há anos resido na cidade e tenho acompanhado a 4 discussão do projeto de lei “Canudo Zero”, que proíbe o uso de canudos plásticos 5 em determinados estabelecimentos. Como estudante consciente das questões que 6 envolvem a proteção do meio ambiente, a partir da leitura sobre o tema, quero 7 publicamente, neste <u>jornal “Folha de Mundolândia” [2]</u> , expor meu 8 posicionamento favorável a esse projeto de lei, com o intuito de influenciar a 9 decisão da câmara e <u>a opinião pública da cidade [3]</u> .
2º	10 De fato, <u>prezados vereadores [4]</u> , a proibição do uso de canudos, considerada 11 por grande parte das cidades brasileiras é, de certo modo, um passo ousado, não 12 é mesmo? Porém, as ações como essa que devem ser aplicadas em nossa 13 sociedade, já que neste ano atingimos a capacidade limite do nosso planeta, sendo 14 importante conter o uso exacerbado de materiais como longo tempo de 15 degradação. Ademais, saliento que o envolvimento da lei no assunto, além de lhe 16 dar notoriedade, faz com que mesmo aquele cidadão que não esteja ligado a causa 17 ambiental contribua para a saúde dos ecossistemas.
3º	18 Além disso, <u>vereadores [5]</u> , através do ato de proibir o canudo plástico nos 19 estabelecimentos, maiores ações em prol do meio ambiente começarão a ter 20 efeito, pois a decisão da câmara pode conscientizar a população de nossa cidade 21 com maior peso que qualquer outra campanha. Nesse sentido, vereadores, reitero 22 minha opinião favorável ao projeto de lei denominado “Canudo Zero”, que se 23 aprovado, será um importante passo para a proteção do meio ambiente. 24 25
	Atenciosamente, Custódio.

Por se tratar de um texto nota máxima, podemos notar todos os elementos que fazem parte do projeto discursivo da carta aberta em situação de vestibular: responsividade ao comando de produção, interlocução marcada e interlocução esperada, e as regularidades linguístico-enunciativas elencadas durante nosso percurso investigativo. No entanto, o que de fato queremos destacar nesse texto é a presença de enunciados que foram regulares aqui devido à situação avaliativa, mas que não necessariamente são evidenciados no gênero em contexto real de produção, circulação e recepção.

Primeiramente destacamos a regularidade [1] como um dos aspectos encontrados especificamente por se tratar de um texto produzido em situação de avaliação e não em condições reais. O cabeçalho com local e data é uma das características tipificadas na maioria das cartas, tendo em vista sua origem primária de mediar a distância entre os indivíduos, fornecendo um espaço para as relações e transações pessoais (BAZERMAN, 2006). Na carta aberta, no entanto, o fato de ela ser publicada em um suporte desobriga o locutor a enunciar esses elementos, visto que os jornais e mídias sociais já possuem em sua própria constituição a indicação de local e data. Por isso, essa não é uma regularidade linguístico-enunciativa encontrada frequentemente em cartas abertas em contexto real de circulação. Já em situação de vestibular, essa foi uma regularidade visualizada em todos os textos bem avaliados, provavelmente porque os candidatos/produtores consideraram uma tipificação natural da organização das cartas de modo geral, e/ou também porque levaram em conta o fato de o texto não estar propagado em um suporte real, mas estar em um processo avaliativo. Nesse mesmo aspecto, outra regularidade que nos chama a atenção é a necessidade de dizer que o texto é escrito para ser publicado no “jornal ‘Folha de Mundolândia’ [2]”. Claramente essa não é uma característica encontrada em textos de circulação social, mas vemos que em contexto de vestibular faz parte de uma estratégia do candidato/produtor mostrar sua responsividade aos elementos evidenciados pelas condições de produção da prova. Sob essa perspectiva, essa referência ao jornal verbalizada na introdução dos textos provavelmente, não foi um critério analisado pela banca examinadora, pois outros textos que também obtiveram nota máxima não utilizaram esse recurso. Mesmo assim, essa regularidade foi identificada de modo significativo em mais de 50% dos textos.

O terceiro ponto que destacamos aqui é sobre os candidatos/produtores terem marcado linguisticamente a intenção do texto de influenciar a “opinião pública da cidade [3]”. Como vimos, ter os possíveis leitores do jornal ou amigos das redes sociais como uma interlocução esperada é uma característica especial da carta aberta, aliás, é justamente isso que a diferencia de outras cartas. No entanto, tendo em vista que os locutores já consideraram esse aspecto no

projeto discursivo do texto, não vemos isso como uma intenção que aparece verbalizada dessa forma em gêneros que circulam socialmente. Em situação avaliativa, a presença dessa regularidade, encontrada de modo recorrente no parágrafo inicial, é para nós também uma técnica utilizada para responder ao comando de produção e mostrar aos avaliadores conhecimento do gênero e do projeto discursivo voltado ao público leitor.

Os vocativos identificados em [4] e [5] (‘prezados vereadores’ e ‘vereadores’, respectivamente) são regularidades usadas para retomar o interlocutor marcado ao longo do texto. Sabemos que, em situação de vestibular, esse é um elemento bem evidenciado em todos os tipos de cartas, pois é por meio desses vocativos e pronomes de tratamentos que se marca a interlocução entre os sujeitos envolvidos na situação comunicativa. Aliás, essa interlocução declarada permite um engajamento, um diálogo mais próximo e, portanto, contribui com o intuito enunciativo desse gênero. Vemos, porém, que em se tratando de carta aberta, essa marcação ao longo do texto, mais especificamente uma retomada a cada parágrafo, é encontrada com maior frequência em produções com finalidades avaliativas do que em textos que circulam socialmente. Isso porque a carta aberta, por ser publicada, tem seu projeto enunciativo muitas vezes mais voltado à interlocução esperada do que a marcada. Ao divulgar uma carta no jornal, por exemplo, o locutor não deseja falar diretamente apenas com aquele interlocutor identifica no cabeçalho. Se assim fosse, a carta seria dirigida/enviada somente a um destinatário individualizado. Mas, se foi publicada, o locutor deseja falar sobretudo com os leitores, com a sociedade em geral. Por isso, certamente, esses vocativos repetidos a cada parágrafo não apareçam como uma regularidade tão recorrente em cartas abertas de circulação social, como ocorreu nos textos aqui analisados.

Além dessas alterações observadas na sequência discursiva empregada pelos candidatos/produtores, outras diferenças podem ser notadas em relação ao estilo de língua(gem) adotado pelos candidatos e à organização composicional do gênero. Atualmente, é muito comum vermos cartas abertas, publicadas nas mídias sociais, adotarem um estilo de linguagem mais informal. Há autores que recorrem a gírias, expressões e figuras de linguagem, a exemplo da ironia e metáfora, exprimindo assim um estilo mais pessoal de autoria e deixando um pouco de lado a formalidade normalmente exigida pelo gênero. Evidentemente, mesmo utilizando de recursos mais pessoais, pelas características do suporte (informalidade e dinâmica dessas mídias), é importante dizer que o intuito discursivo do gênero permanece e isso faz com que continue sendo uma carta aberta, com caráter persuasivo, de fio argumentativo, que visa manifestar opinião e convencer os interlocutores. O fato é que as condições reais de produção de um gênero permitem essas modificações ao considerar campos de atuação, locutor e

interlocutores. Já em contexto de vestibular, é mais comum aderir àquelas regularidades estáveis do gênero, mais padronizadas, levando em consideração, inclusive, a própria formalidade da situação real de ter de produzir um texto que será avaliado, julgado, dentro de critérios preestabelecidos. Em acréscimo, algumas diferenças podem ter sido provocadas também pela limitação da quantidade de linhas. É habitual nos depararmos com cartas abertas que organizam a argumentação ou até mesmo as solicitações e sugestões em forma de tópicos, assim torna mais fácil para os interlocutores identificarem as motivações do locutor, as razões que o fizeram mobilizar esse gênero e o que se pretende alcançar. Essa, porém, não seria uma organização ideal para os candidatos/produtores recorrerem tendo em vista os critérios avaliativos e o limite de vinte e duas linhas para a produção do texto.

Sobre todas as possíveis alterações mostradas aqui, destacamos que elas não são responsáveis em si pela constituição de um novo gênero, mas mostram como estabilidade dos gêneros são relativas a depender de suas próprias condições de produção. E nesse caso podemos dizer que até a vontade de dizer do locutor acontece em virtude do que os campos estabelecem, visto que os candidatos/produtores poderiam ter dito de outra forma, com outro estilo, mas adequaram o seu intuito discursivo às exigências da situação de produção – o vestibular. Ou seja, a carta aberta constitui-se em enunciados regulares provenientes da sua finalidade discursiva e das próprias coerções do campo jornalístico. Porém quando deslocada para outros campos, pode assumir novas regularidades, ganhar novas formas, novo estilo de língua(gem), sem que se perca a essência, aquilo que faz dela ser o gênero carta aberta. Sendo assim, mesmo em situação de vestibular, considerando o intuito avaliativo e os papéis sociais reais de produção (candidatos, banca examinadora, universidade) podemos dizer que os candidatos/produtores dos textos notas máximas alcançaram aquilo que era esperado da produção textual de uma carta aberta e organizaram o texto por meio de regularidades linguístico-enunciativas próprias desse contexto. De tal modo, reafirmamos aqui realidade social como centro organizador dos gêneros do discurso.

4.6 REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE GÊNEROS DISCURSIVOS NA ESCOLA

Neste trabalho, ao tomarmos o gênero carta aberta nesse processo de deslocamento didático que é o vestibular, passamos a refletir com alguma profundidade sobre a chegada dos gêneros do discurso nas escolas e o ensino da língua(gem) por meio deles. Fato é que os documentos parametrizadores do ensino se apoiaram nesses termos sem considerar as concepções que circundam a formação dos gêneros discursivos. Consequentemente, as escolas

passaram a atender às orientações sem um embasamento teórico ou formação necessária aos professores de LP, sobre o que seria essa nova proposta de ensino

Mesmo sendo uma prerrogativa estabelecida desde a década de 1990, com a chegada dos PCNs, ensinar gênero na escola ainda é um desafio e tanto. Nesse momento, deixo de empregar o uso da primeira pessoa do plural (nós), para relatar uma experiência particular. Enquanto professora, ao me deparar pela primeira vez com o conceito de gênero, me propus a deixar de lado aqueles textos exemplares preparados para a escola, assimilados como exemplo de boa expressão, de língua(gem) a ser ensinada, e me dediquei a tarefa de, pelo menos, algumas vezes, levar para sala de aula textos retirados de contextos concretos de interação verbal. No entanto, a minha prática, ao abordar aqueles enunciados, não mudou muito, visto que os fins específicos eram sempre os mesmos, não só meus, mas de todos os professores que estavam a minha volta – o ensino de regras gramaticais com exercícios de classificação e identificação de verbos, adjetivos, advérbios etc. Ou seja, como já dizia Geraldi (2011), os gêneros sendo usados como artifício para o ensino de gramática. Em poucas vezes que alcançávamos a produção textual, meu olhar de professora voltava-se às correções ortográficas, relações de coesão e coerência, que “higienizavam” os textos e os padronizavam seguindo aspectos e regras daquilo que se espera de textos escolares.¹⁸

Numa segunda etapa da minha profissão, quando fui atuar no ensino médio, a ansiedade dos alunos pela aprovação no vestibular me fez buscar outros caminhos para o ensino de gêneros na escola. Dessa vez, um ensino mais voltado à produção textual. Porém, todo material disponibilizado, e mesmo aqueles em que eu buscava informações sobre metodologias de ensino, encaminhavam sempre sob a estrutura de cada gênero. E era assim que ensinava. Na minha concepção, os gêneros possuíam formas típicas e era isso que os diferenciavam de outros gêneros. Nesse período, as correções se pautavam nos aspectos formais da língua(gem) que deveriam ser atendidos nos textos, tendo em vista o objetivo de aprovação no vestibular. No meu entendimento, se esses dois requisitos eram atendidos, meus alunos tinham alcançado a produção do texto com base no gênero estudado/solicitado.

A compreensão sobre o que são os gêneros discursivos, a partir das valorações que se tem sobre os participantes do discurso, sobre a relação entre locutor e interlocutores, que mostra o gênero não como uma categoria textual fixa, mas discursiva, sujeita a alterações provocadas

¹⁸ É importante dizer que não diminuímos a importância de todas essas práticas. Inclusive defendemos que elas não sejam esquecidas. Apenas pontuamos que há aspectos discursivos das dimensões sociais e verbais indissociáveis para a constituição dos enunciados, e por isso, não podem ser ignorados.

pelas circunstâncias específicas de cada relação social, só alcancei durante esse processo em que me encontrei nesses últimos anos, na condição de professora-pesquisadora. O que proponho com esse relato é que a minha experiência é um reflexo do que muitas vezes encontramos na escola. Primeiramente aderimos ao discurso de uma necessária abordagem dos gêneros do discurso na escola, mas mantivemos as práticas. Depois mudamos as práticas e passamos a trabalhar com as formas relativas e tipificadas de cada gênero como se isso fosse o suficiente para defini-los e ensiná-los.

As reflexões que alcançamos por meio desse trabalho, é que ensinar gêneros não significa transmiti-los de modo estático, como um aglomerado de palavras e frases ou reduzi-los a aspectos textuais isolando o tema do estilo e de sua organização composicional. Ensinar gênero implica compreender que todos esses aspectos estão imbrincados numa relação de interdependência. É preciso enxergar primeiramente que os textos, na verdade, são um meio “técnico” para a materialização dos gêneros e essa mobilização verbal, textual ocorre em função de um de um dado projeto enunciativo. Ensinar gênero requer que levemos os nossos alunos a compreensão de que cada gênero se regulariza estavelmente a depender de suas condições específicas de produção, a depender de fins que não são somente avaliativos na escola, mas que também ocorrem em função das necessidades sociais, das relações humanas (SOBRAL, 2011). Esse é um caminho necessário a ser reconhecido pelos professores.

A escola, por sua vez, precisa ressignificar o seu papel, considerando as práticas sociais, as necessidades essenciais que estão para além dessa coisa conteudista, tecnicista. Precisamos vivenciar a realidade concreta desses alunos. E o trabalho com os gêneros podem mudar o panorama. Lidar com os gêneros permite essa ampliação do conhecimento a partir das interações sociais. Por exemplo, quando projetamos um trabalho com o gênero carta aberta no ambiente escolar, não basta mostrarmos seus aspectos linguísticos, os temas que os circundam, as regularidades encontradas e formas que ele se organiza. Isso é cumprir conteúdo. Isso é reduzi-lo a forma textual.

Ensinar um gênero como a carta aberta implica levantar discussões sobre temas que de alguma forma tocam nas premissas sócio-históricas e culturais desses alunos enquanto estudantes, ou seja lá qual for a posição enunciativa assumida por eles. Implica tomar o tema como signo ideológico e por isso repleto de valorações responsáveis pelo querer dizer desses alunos, pelo querer manifestar-se, pelo querer reivindicar e como fazer isso linguisticamente. É um processo que requer análises sobre as posições enunciativas, os papéis sociais que cada um desempenha e os valores que se tem sobre os participantes dessa interação, sobre o ambiente social ou campo de atuação em que é produzida uma carta aberta, e não só produzida, mas

veiculada, alcançando outros sujeitos, reverberando, provocando reações a partir da recepção de seu auditório social.

Importa mostrar ao aluno o gênero como um acontecimento real, na interação discursiva, que considera sim os aspectos técnicos da língua(gem), mas que esses ocorrem em função dessa interação discursiva e não ao contrário. “É preciso falar, de quem produz, para quem produz e onde produz [...] se o professor der aula, e os alunos pensarem a partir disso, eles terão aprendido os gêneros” (SOBRAL; PAULA; FRANCO, 2020 p. 270).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa buscou compreender a manifestação do gênero carta aberta em situação de vestibular com vistas a investigar as regularidades empreendidas em sua constituição em contexto avaliativo, sem perder de vista o projeto discursivo desse gênero em condições reais de produção, circulação e recepção.

Para atender aos nossos anseios de professora-pesquisadora, traçamos alguns objetivos específicos que orientaram a investigação, a saber: a) a responsividade dos candidatos/produtores dos textos com base no gênero carta aberta em situação de vestibular; b) a interlocução marcada e interlocução esperada como projeto discursivo desse gênero; e c) as regularidades linguístico-enunciativas da carta aberta em contexto de avaliação.

Com relação ao primeiro objetivo específico, que diz respeito à responsividade dos candidatos, evidenciamos que os textos bem avaliados revelaram na materialidade linguística uma escrita que pressupõe o locutor enquanto sujeito constituído na relação com o outro, em um processo de interação. Sendo assim, os sentidos produzidos pelos textos estavam diretamente correlacionados com os aspectos das condições sociais vivenciadas (mesmo que essas tenham sido orientadas pelo comando da prova) e dimensões sociais que circundam o próprio gênero carta aberta. Todo texto é, portanto, constituído necessariamente a partir de um tema, mas sobretudo se organiza nesse jogo responsivo entre interlocutores a depender das exigências comunicativas da interação verbal.

No que tange ao segundo objetivo, que se refere à interlocução marcada e esperada como projeto discursivo da carta aberta, observamos que esse diálogo estabelecido entre locutor e interlocutores foi essencial para a constituição do gênero carta aberta. Aliás, o próprio fio argumentativo dos textos se deu em função desse auditório social, uma vez que os candidatos/produtores de textos bem avaliados ao construírem a argumentação intimaram a

sociedade a aderir um posicionamento, e simultaneamente convocaram a câmara de vereadores a tomar uma ação junto ao locutor.

O terceiro objetivo, por sua vez, buscou averiguar a regularidades linguístico-enunciativas do gênero nesse contexto de vestibular. Pontuamos que as regularidades verificadas nos textos surgiram a cada leitura, a cada exploração, a cada reflexão sobre o *corpus*, impossibilitando a aplicação/reprodução de regularidades de gêneros outros para o gênero em investigação. Cada gênero do discurso assenta-se em situações de interação singulares, se construindo a partir de caracterizações próprias. Dessa forma, as regularidades linguístico-enunciativas apresentadas nesta pesquisa sob o âmbito da carta aberta em situação de vestibular, são diferentes das regularidades desse mesmo gênero em outras situações de produção e mais diferentes ainda se comparada a quaisquer outros gêneros discursivos.

A consecução desses objetivos, aliada à discussão teórica, que deu sustentação para as discussões, nos levaram a uma quarta investigação, não prevista no início da pesquisa, mas que ao longo do processo se mostrou importante – as alterações provocadas pelo deslocamento do gênero do campo jornalístico para o contexto de vestibular. Nessa análise, identificamos que a carta aberta em situação de vestibular, mesmo que muito similar a outras cartas abertas produzidas socialmente, possui regularidades próprias desse campo de atuação levando em conta os intuits avaliativos da situação de produção. Constatamos, no entanto, que essas alterações não foram tão discrepantes, de modo a torná-la um novo gênero, mas se adequam à relativa estabilidade de cada gênero que, mesmo em circulação social, altera-se a depender da situação comunicativa. A própria carta aberta possui regularidade diferentes quando publicada em um jornal, quando divulgada nas mídias sociais, ou quando escrita em uma situação avaliativa.

Diante das discussões aqui apresentadas, ressaltamos que esta dissertação pode suscitar novas pesquisas, tais como: (a) uma análise do gênero carta aberta em situações reais de produção, circulação e recepção; (b) um estudo comparativo entre as regularidades da carta aberta nos jornais e da carta aberta nas mídias sociais; (c) uma investigação sobre o próprio processo de vestibular e o tipo de avaliação constituída; (d) um estudo aplicado sobre a didatização dos gêneros, entre outras possibilidades de investigações em Linguística, Linguística Aplicada ou em áreas afins.

Apesar de a pesquisa ter cumprido seus objetivos, o percurso inevitavelmente defrontou-se com dificuldades que, a nosso ver, nesse contexto de 2020 e 2021 foram inerentes a todo trabalho científico. A pandemia instaurada pela COVID-19 modificou as relações sociais de forma geral, alterando desde a nossa jornada de trabalho enquanto professores, até

os estudos e orientações nesse processo de troca entre orientando e orientador, que passaram a acontecer de modo remoto, exigindo novas estratégias para o andamento da pesquisa. Tivemos que nos adaptar. Apesar desse contexto atípico não ter interferido diretamente na constituição desta dissertação, modificou a nossa vida enquanto sujeitos constituídos socio-historicamente e por isso consideramos relevante verbalizar este processo aqui.

Em conclusão, por meio do estudo sobre a carta aberta, a presente investigação percorreu caminhos diversos que em confluência viabilizaram um atravessamento valorativo de conceitos e sentidos, e cujos resultados não apenas demonstraram a heterogeneidade e fluidez dos gêneros, dentre eles a carta aberta, como, em adição, reforçaram o postulado bakhtiniano da natureza dialógica da língua(gem).

REFERÊNCIAS

- ACOSTA PEREIRA, R. Entrevista Especial II. [9 de dezembro, 2017]. Maringá: **Jornal O Consoante**. Entrevista concedida a Neil Franco e Rafael Alves. Disponível em: <<http://oconsoante.com.br/2017/12/09/entrevista-especial-ii/>>. Acesso em: 20 set. 2019.
- _____. **Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin**. Letras, Santa Maria, v.20 n. 40, p. 147-162, jan./jun. 2010.
- _____; RODRIGUES, R.H. Gêneros como articuladores do ensino e da aprendizagem das práticas de linguagem. In: SILVA, W.R; LIMA, P. da S; MOREIRA, T. M. (Orgs.) **Gêneros na prática pedagógica: diálogos entre escolas e universidades**. Campinas: Pontes Editores, 2016, p. 25-46.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].
- _____/VOLOCHÍNOV, V. N. **Discurso na vida e discurso na arte** (sobre a poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1976 [1926].
- _____. **Para uma filosofia do ato responsável** (1920-1924). Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- _____. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: A estilística**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015, p.19-241.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. 2. E9d. São Paulo: Cortez, 2006
- BEILLEROT, J. A “pesquisa”: esboço de uma análise. In: ANDRÉ, M. E. D. A. (org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 8ª ed. São Paulo: PAPIRUS, 2011. p. 71-90.
- BORTONI-RICARDO, S. M. Postulados do paradigma interpretativista. In: _____. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 31-40.
- BRASIL. **Decreto nº 79.298, de 24 de fevereiro de 1977**. Altera o Decreto nº 68.908, de 13 de julho de 1971 e dá outras providências. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-79298-24-fevereiro-1977428202-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 14 de março de 2021.
- _____. (1998). **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF
- _____. (2017) **Base Nacional Comum Curricular: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEB.
- _____. (2020) **ENEM: Redações 2019**. Material de Leitura. Competência 5. Brasília: MEC/INEP/ DAEB. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2020/Competencia_5.pdf>

BROCARD, R. O; ORTETA, L. R; Lima; A. P, de. A concepção de gênero discursivo subjacente na BNCC: aproximações e distanciamentos da perspectiva dialógica. In: COSTAHUBES, T. C, da; KRAEMER; M. A. D. **Uma leitura crítica da Base Nacional Comum Curricular**: compreensões subjacentes. Campinas. SP: Mercado de letras, 2019. p. 95- 124.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

CRESWELL, J. W. Designing a Qualitative Study. In: ____ (Org.). **Qualitative Inquiry & Research Design**: choosing among five approaches. 2nd ed. Thousand Oaks, London and New Delhi: Sage Publications, 2007. p. 214-253.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

FRANCO, N; ACOSTA PEREIRA,R; COSTA-HUBES, T.C, da. Por uma análise dialógica do discurso. In: GARCIA, D.A.; SOARES, A. S. F. **De 1969 a 2019: um percurso da/na análise de discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 275-300.

FRANCO; N. POLATO; A.D.M. Produção textual escrita e gêneros jornalísticos: um percurso dialógico na formação inicial em Letras. In: **Gêneros discursivos**: possibilidades e reflexões de abordagens pedagógicas em práticas languageiras. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. P. 95-142.

FRANCO, N.; ZANUTTO, F. O gênero carta aberta: da interlocução marcada à interlocução esperada. In: ANTONIO, D. A.; NAVARRO. P. (Org.). **Gêneros textuais em contexto de vestibular**. Maringá: Eduem, 2017a, p. 133-151.

_____. Gêneros do Jornal em contexto de vestibular: condições de produção para notícia, artigo de opinião e carta do leitor. In: BARROS, E. M. D. de STORTO, L. J (Org.). **Gêneros do Jornal e Ensino**. Práticas de Letramento na Contemporaneidade. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017b, p. 265-295

FRANCO, N; ROHLING, N; ALVES, R.V. Em torno da concepção de relações dialógicas e reenunciação. In: In: FRANCO; N.; ACOSTA PEREIRA, R.; e COSTA-HUBES T.C; **Estudos dialógicos da linguagem: reflexões teórico-metodológicas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 109-135.

GERALDI, João Wanderley. et al. (orgs.). O texto na sala de aula. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KRAMER, M.A.D; LUNARDELLI, M.G.; COSTA-HUBES, T. da. C. A linguagem e sua natureza ideológica. In: FRANCO; N.; ACOSTA PEREIRA, R.; e COSTA-HUBES T.C;

Estudos dialógicos da linguagem: reflexões teórico-metodológicas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 63-87

LINCON, Y. S. (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Tradução: Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 193-2017.

_____; GUBA, E. G. Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. In: DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 169-192.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: _____ **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo: E.P.U., 2013. P. 25-44.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin: Conceitos Chaves.** São Paulo. Contexto, 2005.

MENEGASSI, Renilson José. Aspectos sobre o gênero discursivo. In: DESIDERATO, J. A.; NAVARRO; P. **Gêneros textuais em contexto de vestibular.** Maringá: Eduem, 2017. P. 1741.

_____. Conceitos bakhtinianos em comandos de prova de redação. In: FIGUEIREDO, D. C. et al. (Orgs.). **Sociedade, cognição e linguagem: apresentações do IX CELSUL.** Florianópolis: Insular, 2012, p. 251-276.

_____. A escrita como trabalho em sala de aula. In: JORDÃO, C. M. (Org.). **A linguística aplicada no Brasil: rumos e passagens.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2016, p. 193-230

NEVES, M. H. M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do Português falado VI: desenvolvimentos.** Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2002. p. 171-208.

_____. **Texto e gramática.** São Paulo: Contexto, 2006.

NEVES, C.A.B. A proposta temática: o nosso cartão de visitas. In: MENDONÇA, M.; NEVES, C.A.B. (Org.) **A redação no vestibular da Unicamp: o que e como se avalia –** Campinas, SP, Editora da Unicamp. 2019. p. 37-56.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa.** Petrópolis, Vozes, 2007

PARANÁ (2008). **Diretrizes Curriculares da Educação Básica.** Curitiba: SEED. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes_dce_port.pdf. Acesso em: 10 de março de 2021.

PEIXINHO, A. T. **O epistolar como modo comunicacional da imprensa de opinião no século XIX.** In: 6º Congresso SOPCOM. 14 a 18 de abril de 2009. Disponível em: <<https://www.academia.edu>>. Acesso em: 28 de fev. de 2021.

POLATO, A. D. M.; **Análise linguística: do estado da arte ao estatuto dialógico.** Tese. (Doutorado em Estudos Linguísticos) – UEM: Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2017. Disponível em:

http://www.ple.uem.br/defesas/def_adriana_delmira_mendes_polato_do.html - acesso em: 30 de jun. 2021.

REIS, S.; EGIDO, A. A. Ontologia, epistemologia e ética como determinantes metodológicos em estudos da linguagem. In: REIS, S. (org.). **História, políticas e ética na área profissional da linguagem**. Londrina: Eduel, 2017. p. 227-250.

REIS, S. Reflexões sobre uma jornada com destino à pesquisa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 6, n. 1, p. 101-118, 2006.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

RODRIGUES, R. H. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo**. 2001. 347f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

ROHLING, N. A pesquisa qualitativa e análise dialógica do discurso: caminhos possíveis. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 15, n. 2, p. 40-60, 2014.

ROJO, R. H. T. Gêneros discursivos e textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

ROJO, R. H. R. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento, In: L. P. MOITA-LOPES (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 253-276.

SANTOS-CLERISI, G. D. **Reverberações dos Estudos Dialógicos da Linguagem no discurso da BNCC: em torno do objeto discursivo *prática de análise linguística/semiótica***. Tese. (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

SANTOS, S. L. C. dos. **Padrões para a identificação da unidade central em textos do gênero carta aberta em contexto de avaliação**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.

SILVA, C. C. **Caracterização dos comandos de produção textual da prova de redação do vestibular da UEM**. Dissertação. (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

SOARES, M. B. A redação no vestibular. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas. n° 24. p. 53-56, fev. 1978. Disponível em:

<<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/399.pdf>>. Acesso em 15 de março de 2021.

SOBRAL, A. Do dialogismo ao gênero: **as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

_____. Gêneros discursivos, posição enunciativa e dilemas da transposição didática: novas reflexões. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 37-45, jan./mar. 2011.

SOBRAL, A., PAULA, L de.; FRANCO, N. Entrevista com Adail Sobral, uma conversação inacabada. In: FRANCO, N. ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA- HUBES, da T. (Orgs.)

Estudos dialógicos da linguagem: reflexões teórico-metodológicas. Campinas, SP: Pontes Editora, 2020. p. 243-286.

SOUTO MAIOR, A.C. **O gênero carta** – variedade, uso e estrutura. *Ao pé da letra*, 3.2, p.1-13, 2001.

SOUZA, T. F. B. de.; FENILLI, L. M. F.; MISKIW, A. A.; FRANCO, N. (In)compreensões do eixo análise linguística/semiótica. In: COSTA-HÜBES, T. da C.; KRAEMER, M. A. D. (orgs.). **Uma leitura crítica da Base Nacional Comum Curricular:** compreensões subjacentes. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. Comissão do Vestibular Unificado. **O Manual do aluno** – 2019. Disponível em: < <http://www.cvu.uem.br/>>. Acesso em: 20 Ago. de 2019.

_____. Comissão do Vestibular Unificado. **Processo Seletivo** – 2019. Disponível em: < <http://www.cvu.uem.br/>>. Acesso em: 20 de ago. de 2019.

VOLOCHINOV, V. Que é a linguagem? In: _____. **A construção da enunciação e outros ensaios.** Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João editores, 2013[1930], p. 131-156.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkava Américo. São Paulo: 34, 2018 [1929].